

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

ESTUDO EXPLORATÓRIO PARA A DEFINIÇÃO DE UMA TIPOLOGIA DO
COMPORTAMENTO CRIMINAL NO HOMÍCIDIO

ANA FILIPA DE SEQUEIRA LOUCEIRO

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
MESTRE EM PSICOLOGIA SOCIAL E DAS ORGANIZAÇÕES

Orientadora:

Professora Doutora Manuela Calheiros
Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Co-orientadora:

Professora Doutora Cristina Soeiro
Instituto Superior da Polícia Judiciária e Ciências Criminais

Setembro, 2008

Agradecimentos

Começo por agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Manuela Calheiros, e co-orientadora Cristina Soeiro, por terem mantido um elevado nível de exigência, permitindo, desse modo, a realização de um trabalho de qualidade.

Não poderia deixar de agradecer ao meu pai, por se certificar que nada me faltava e à minha mãe pela preocupação, pelo interesse que demonstrou em tudo o que fazia e pela paciência nos momentos mais difíceis.

Um especial reconhecimento à minha irmã, por me obrigar a ser uma pessoa melhor e por nunca ter duvidado das minhas capacidades, mesmo quando nem eu acreditava nelas.

À Marta, Raquel e Sara, pelos excepcionais trabalhos que realizámos juntas, pelas pausas que fizemos e por serem as melhores amigas que alguma vez poderia ter encontrado.

Por fim, deixo um agradecimento a todos aqueles que estiveram comigo, nos melhores e também nos piores momentos, deste percurso.

Resumo

As causas que conduzem um indivíduo a matar outro são muitas e existem a vários níveis. Assim, o fenómeno homicida, devido à sua multifactoriedade, contribui para revelar características da conduta humana, onde factores biológicos, psicopatológicos e psicossociais influenciam todo o processo.

O presente trabalho possui como objectivo geral a definição de uma tipologia do comportamento criminal no homicídio. Para a obtenção de tal tipologia, este estudo visa a elaboração de perfis identificando padrões de condutas criminais. Assim, avaliam-se, não só os comportamentos criminais, mas também as características sócio – demográficas do agressor e vítima, bem como as características psicológicas e jurídico – penais do agressor. Ademais, como objectivo específico deste estudo, pretende-se também evidenciar a multiplicidade de factores que vão condicionar o sujeito no momento em que comete o delito, já que estudar com exactidão o fenómeno ajudar-nos-á a ter uma noção mais objectiva desta realidade.

As análises estatísticas efectuadas revelaram três perfis criminais com características distintas. No primeiro, expressivo – impulsivo, os homicídios são motivados por uma discussão acalorada, ocorrem predominantemente entre conhecidos, frequentemente originados por questões triviais e em estado de desinibição alcoólica. O segundo, expressivo – íntimo, é geralmente perpetrado por indivíduos do sexo masculino, com psicopatologia prévia frequente e que cometem homicídio – suicídio num contexto em que se sentem rejeitados ou traídos. Por fim, o instrumental – cognitivo caracteriza-se pela presença de crimes sexuais e roubo, múltiplas feridas, ocultação da participação pelo agressor e ocultação do cadáver após o delito, bem como por motivos de natureza económica.

Palavras – chave: Homicídio; Motivações; Tipologias; Perfis Criminais.

3230 Behavior Disorders & Antisocial Behavior

3236 Criminal Behavior & Juvenile Delinquency

Abstract

There are many causes that lead an individual to kill another and which reside at various levels. Thus, the homicidal phenomenon, because of the numerous factors that describe it, reveals characteristics of human conduct, where biological, psychopathological and psychosocial factors influence the whole process.

Therefore, this study aims the definition of a typology of criminal behaviours on homicide. To obtain such a typology, this study consists of the elaboration of profiles through the identification of patterns of criminal conducts. For that reason, criminal behaviours, socio-demographic and psychological characteristics of the offender and victim, as well as the legal features of the offender are assessed. Moreover, a specific goal of this study is also to demonstrate the multitude of factors that influence the subject at the time he commits the crime, since accurately studying this phenomenon will help gaining a more objective notion of such reality.

Through statistical analysis three criminal profiles with distinct characteristics were obtained. In the first one, expressive - impulsive, the homicides are motivated by a heated discussion, they occur predominantly among acquaintances, often caused by trivial matters and in a state of alcoholic disinhibition. The second, expressive - intimate, is generally perpetrated by male subjects, often with prior psychopathology and who commit murder-suicide since they feel rejected or betrayed. Finally, the instrumental – cognitive, is characterized by the presence of sexual crimes, theft, multiple wounds, concealment of participation by the offender, concealment of the body after the crime, as well as economic motivations.

Key - Words: Homicide; Motivations; Typologies; Criminal Profiling.

3230 Behavior Disorders & Antisocial Behavior

3236 Criminal Behavior & Juvenile Delinquency

Índice

INTRODUÇÃO GERAL.....	1
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	5
1. Homicídio.....	6
1.1 Factores explicativos do Homicídio.....	7
1.1.1 Biológicos.....	7
1.1.2 Psicopatológicos.....	10
1.1.3 Psicossociais.....	11
2. A técnica do Perfil na Investigação Criminal.....	16
2.1 O Perfil Criminal.....	16
2.2 Abordagem Clínica.....	17
2.3 Análise da Cena do Crime.....	19
2.4 Psicologia Investigativa.....	22
2.5 Perfil da Acção do Crime.....	26
3. Tipologias do Homicídio.....	29
CAPÍTULO II – ESTUDO EXPLORATÓRIO.....	43
1. Objectivos do Estudo.....	44
2. Método.....	45
2.1 Participantes.....	45
2.2 Material.....	45
2.3 Procedimento.....	50
2.4 Tratamento Preparatório dos Dados.....	50

CAPÍTULO III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	52
1. Resultados.....	53
1.1 Comportamento Criminal.....	53
1.1.1 Dados Sócio – Demográficos.....	53
1.1.2 Dados Psicológicos.....	54
1.1.3 Dados Jurídico – Penais.....	55
1.1.4 Dados Criminais.....	55
1.2 Configuração Topológica do Espaço em Análise.....	57
1.3 Definição de uma Tipologia do Homicídio.....	62
1.3.1 Perfil 1: Expressivo – Impulsivo.....	63
1.3.2 Perfil 2: Expressivo – Íntimo.....	64
1.3.3 Perfil 3: Instrumental – Cognitivo.....	65
2. Discussão.....	67
REFERÊNCIAS.....	73

ANEXOS.....	77
ANEXO A – Caracterização do Agressor e Vítima.....	78
Variáveis de Comportamento Criminal.....	79
Caracterização Sócio – Demográfica do Agressor.....	81
Caracterização Sócio – Demográfica da Vítima.....	86
Caracterização Psicológica do Agressor.....	92
Caracterização Jurídico – Penal do Agressor.....	93
Caracterização do Comportamento Criminal.....	95
ANEXO B – Análise de Correspondências Múltiplas.....	102
Valores Próprios, Variância e Medidas de Discriminação das Dimensões.....	103
Quantificações das Categorias das Variáveis de <i>Input</i>	106
Contribuições das Categorias das Variáveis de <i>Input</i>	112
Configuração Topológica do Espaço em Análise.....	118
ANEXO C – Articulação da ACM com a Análise de <i>Clusters</i>	122
Coeficientes de Fusão.....	123
Distribuição dos indivíduos por <i>Cluster</i>	127
Caracterização dos <i>Clusters</i>	129
Representação dos <i>Clusters</i> no Espaço em Análise.....	135

Índice de Tabelas

Tabela 1. Comportamento Criminal.....	46
Tabela 2. Dados da Vítima.....	47
Tabela 3. Dados do Agressor.....	48
Tabela 4. Tipologia dos Homicídios.....	65

INTRODUÇÃO GERAL

As causas que conduzem alguém a cometer homicídio são diversas e atingem vários níveis. Deste modo, o fenómeno homicida, determinado por factores biológicos, psicopatológicos e psicossociais, contribui para revelar características da conduta humana,

Roberts, Zgoba e Shahidullah (2007) definem homicídio como a morte intencional e por vezes não intencional ou acidental de outra pessoa. É efectivamente considerado uma das mais violentas formas de crime, cuja compreensão é provavelmente dos mais antigos enigmas na criminologia e justiça criminal.

De acordo com Smith (2001), implica também um local físico, uma série de acções e interacções entre participantes e elementos situacionais.

Embora “o acto de matar seja comum a todos os homicidas, estes jamais podem ser perspectivados como um grupo caracterialmente homogéneo” (Almeida, 1999, p. 17). Pois se, por um lado, se têm indivíduos que são fortemente influenciados pelas circunstâncias adversas em que se encontram, por outro, existem sujeitos em que as suas próprias características os conduzem ao acto.

Para Almeida (1999) é necessário compreender os motivos (nos quais estão presentes um significado e uma intencionalidade) que conduziram o sujeito (possuidor de crenças, valores, necessidades, etc.) a matar um outro, numa atitude ponderada ou não. Ademais, este autor indica quão fundamental é também o estudo da situação, das circunstâncias (internas e externas ao sujeito), e da personalidade dos protagonistas, a fim de obter um maior *insight* sobre a interacção homicida – vítima, não apenas circunscrita ao momento da prática do delito, mas eventualmente extensível por um período alongado no tempo e anterior ao acontecimento delituoso.

Gonçalves (1999) aponta que actualmente em Portugal existe uma clara necessidade de estudar este fenómeno. Apesar da atenção que a comunicação social actualmente dispensa às questões da criminalidade, existe ainda uma lacuna na produção de estudos científicos no âmbito dos perfis criminais em Portugal. Embora actualmente nos EUA, Canadá e alguns países europeus, como Reino Unido e Holanda, estes sejam amplamente realizados, em Portugal só recentemente se começa a verificar uma abordagem científica nesta área, de modo a sistematizar e aprofundar o conhecimento.

Urge assim produzir conhecimento científico na área do homicídio, de modo a auxiliar o sistema de justiça e também a comunidade. Só capacitando-os de conhecimento sobre as características dos agressores e vítimas será possível contornar a escalada de violência associada

ao novo contexto social. Assumindo que não existe um crime de homicídio, mas vários crimes de homicídios, é preciso determinar as suas características de modo a viabilizar políticas públicas orientadas para o combate de tais crimes.

Neste sentido, entende-se por tipologia a formulação de categorias classificatórias dos comportamentos criminais. Só assim se podem encontrar padrões de comportamentos que, por sua vez, permitem a definição de perfis.

Por sua vez, segundo Garrido (2003), a técnica do perfil criminal permite descrever, explicar e prever as características demográficas e psicológicas do indivíduo que cometeu um delito e cuja identidade é ainda desconhecida. Já Canter (2004), descreve esta técnica como um processo de inferência das características de um agressor, relevantes para a polícia de investigação criminal, a partir do modo como este actua quando comete um delito.

Assim se percebe que a técnica do perfil criminal, ao combinar todos os dados disponíveis sobre o delito, seja a cena do crime ou os dados referentes à vítima, permite obter informação acerca das características do responsável pelo mesmo e como ele se irá comportar no futuro em termos criminais.

Efectivamente se reconhece quão complexo é o fenómeno homicida, bem como a diversidade de características presentes nos seus protagonistas, agressor e vítima, mas desconhece-se como se constitui tal multiplicidade. Como caracterizar os homicidas e vítimas portugueses? Que relacionamentos possuem entre si? Que motivações subjazem aos seus actos? Quem mata outro indivíduo e porquê? Em suma, que padrões residem nos comportamentos criminais? São estas algumas das questões que servem de ponto de partida para o presente trabalho.

Assim, este possui como objectivo geral a definição de uma tipologia de comportamentos criminais no crime de homicídio. Para a obtenção de tal tipologia, este estudo visa a elaboração de perfis através da identificação de padrões de condutas criminais. Deste modo, procede-se à avaliação dos comportamentos referentes ao acto criminoso, das características sócio – demográficas do agressor e vítima, bem como as características psicológicas e jurídico -penais do agressor. Ademais, como objectivo específico deste estudo, pretende-se também evidenciar a multiplicidade de factores que vão caracterizar os padrões de comportamento criminal. Deste modo, pretende contribuir para que este fenómeno seja melhor compreendido, bem como os seus protagonistas, partindo destes padrões para definir perfis.

Deste modo, assume-se como extremamente pertinente a descrição das perspectivas teóricas e dos estudos empíricos. A revisão de literatura, descrita no Capítulo I, encontra-se dividida em três áreas principais: factores explicativos do homicídio, a técnica do perfil na investigação criminal e as principais abordagens existentes e, por fim, tipologias do homicídio.

Este enquadramento teórico serve de base para a identificação dos padrões de comportamento criminal, com o intuito de traçar perfis e assim, definir uma tipologia do homicídio. Assim, no Capítulo II procede-se à apresentação dos participantes, bem como uma descrição detalhada do referido instrumento, o procedimento adoptado na recolha e tratamento prévio dos dados.

Por sua vez, no Capítulo III são apresentados os resultados obtidos, tendo-se auferido três perfis criminais com características distintas. Por fim, procede-se à análise e discussão dos resultados, bem como as conclusões e recomendações para futuros estudos. Neste ponto também se salientam as limitações do trabalho realizado e as implicações dos resultados obtidos na definição de uma tipologia do comportamento criminal no homicídio.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde muito cedo que o Homem procura definir a natureza humana como essencialmente boa ou má. Daí que se denote uma ampla teorização sobre quais os factores explicativos do homicídio. Aqui analisam-se as diversas teorias e apresentam-se os estudos empíricos referentes aos factores biológicos, psicopatológicos e por fim, psicossociais. Seguidamente, apresenta-se a técnica do perfil na investigação criminal, bem como as diferentes abordagens existentes. Aquando a apresentação destas abordagens relevam-se também as limitações práticas de cada uma, bem como as implicações científicas destas. Por fim, abordam-se as diferentes tipologias do homicídio. Neste ponto referem-se também algumas críticas, de natureza metodológica ou conceptual, às diferentes tipologias enunciadas.

1.Homicídio

Segundo Almeida (1999), “O homem sempre se preocupou com a problemática da agressão e violência, sempre procurou compreender os seus comportamentos agressivos, e muito particularmente os comportamentos homicidas.” (p. 107).

Enquadrando legalmente o homicídio ou morte intencional de outrem, de acordo com o Código Penal Português (2007), este pode ser dividido em duas categorias: homicídio e homicídio qualificado. O primeiro é punido com pena de prisão não inferior a oito anos e não superior a 16 anos (artigo 131º), sendo que no homicídio qualificado, produzido em circunstâncias que revelam especial censurabilidade ou perversidade, o agente é punido com pena de prisão de 12 a 25 anos (artigo 132º). São estas circunstâncias que traduzem a crueldade do comportamento, as que conferem a qualificação ao homicídio, ou seja, a atribuição de uma culpa agravada ao agente que o cometeu.

Além destes tipos de homicídio, outras formas de causar a morte de outrem são igualmente previstas pela lei. São estas: o homicídio privilegiado, homicídio a pedido da vítima, incitamento ou ajuda ao suicídio, infanticídio, homicídio por negligência, exposição ou abandono e propagação do suicídio (artigos 133º a 139º).

Apresenta-se seguidamente os factores que contribuem para a explicação do homicídio.

1.1 Factores explicativos do Homicídio

Evidentemente que as reflexões acerca do homicídio e dos seus múltiplos factores jamais poderiam deixar de traduzir as questões biológicas e genéticas, os determinantes psicológicos, assim como, a função influenciadora e condicionante do meio. Deste modo, apresentam-se de seguida algumas das principais teorias e estudos que concernem aos diversos factores que podem contribuir para uma maior compreensão deste fenómeno.

1.1.1. Biológicos

Lombroso é considerado um dos criminólogos mais célebres e controversos da sua época. Para Lusson (2006), este destacou-se de outros que salientaram factores constitucionais como responsáveis por anomalias mentais e comportamentais, ao propor uma teoria do crime que defendia a existência de uma predisposição inata nos criminosos. Para Lombroso (1876, citado por Williams & McShane, 1993), o criminoso não era apenas alguém que havia infringido as normas, mas pertencente a uma subespécie primitiva do *Homo Sapiens*. Deste modo, considerava a existência de um tipo criminal ou criminalóide, que se distinguiria dos restantes humanos. Segundo Wolfgang e Ferracuti (1967), Lombroso defendia que as características do ser criminoso eram produto do atavismo, já que se deviam ao ressurgimento dos traços do homem primitivo. Descrevia-o como possuindo “olhos frios e glaciares, orelhas grandes, maxilas fortes com caninos desenvolvidos e lábios finos com uma forma ameaçadora de arreganhar os dentes” (Almeida, 1999, p. 60). Considerava que estes possuíam estigmas físicos precisos que revelavam a sua natureza homicida, concebendo a ideia de que certas características físicas e nomeadamente fisionómicas estariam associadas ao cometimento de crimes (Gonçalves, 1999). Além disso o tipo criminal identificado por Lombroso caracterizava-se ainda pela ausência de remorso, pela impulsividade, imprevidência, egoísmo, crueldade, vaidade, entre outras características (Lusson, 2006).

Contudo, se a celebridade de Lombroso era considerável, as críticas que a sua abordagem recebeu foram extensas. Uma das principais críticas efectuadas foi a de Tarde (1886, citado por Lusson, 2006) a propósito da noção de relatividade do crime. Deste modo, aquilo que é considerado crime varia no tempo e no espaço. Assim sendo, segundo o autor, “como é que um tipo criminal, concebido enquanto categoria natural capaz de explicar o crime independentemente

do tempo e do espaço, poderia ser condicionado a cometer diferentes crimes consoante o lugar e tempo em que vivesse?” (Lusson, 2006, p. 63). Percebe-se então que Lombroso não considerou que os conceitos de crime e criminoso assentavam em outros factores que não os biológicos, de natureza variável e subjectiva.

Tal como Correia (1931, citado por Almeida, 1999) afirmou, existe uma tão grande variedade de manifestações criminais, correspondendo a uma tamanha diversidade de actividades físico – psicológicas, que se assume como ilusória a crença de que é possível estabelecer uma caracterização biológica penal do crime.

No entanto, as anomalias genéticas foram alvo de grande interesse e estudo, nomeadamente as relativas ao cromossoma 47 (Mednick & Volavka, 1980, citado por Williams & McShane, 1993). Estas foram apontadas como um dos factores causais do aumento da agressividade e criminalidade. Para esta noção contribuíram em muito os indivíduos possuidores de um cariótipo 47YY (designados por super - machos devido ao duplo cromossoma Y) que, além de sofrerem frequentemente de limitações cognitivas, também se encontravam sobrerrepresentados na população prisional. No entanto, a hipótese de que um cromossoma X pudesse propiciar um ser menos agressivo foi rapidamente abandonada, já que, segundo Meyer-Bahlburg (1981, citado por Almeida, 1999), as mulheres com síndrome de Turner, ou seja, que apresentam menos um cromossoma X no seu cariótipo, não revelavam um nível de agressividade superior àquelas com duplo cromossoma XX. São, contudo, as mulheres com um triplo cromossoma X as que apresentam mais problemas comportamentais.

Não obstante, Almeida (1999) conclui que, embora não haja um gene do crime, tal não significa que algumas características hereditárias não possam influenciar a probabilidade do indivíduo incorrer num comportamento criminal.

Daí decorre a importância dos estudos de gémeos e pessoas adoptadas.

Lange (1931, citado por Wolfgang & Ferracuti, 1967) verificou uma concordância elevada nas condutas anti-sociais dos gémeos monozigóticos (77%) comparativamente aos dizigóticos (20%). Dado que o meio em que os sujeitos haviam sido educados era o mesmo para cada par de gémeos, este autor inferiu que havia uma substancial contribuição genética na criminalidade. Por sua vez, outros estudos, tal como o realizado por Maranhão (1983, citado por Gonçalves, 1999) revelaram uma concordância semelhante nos comportamentos anti-sociais exibidos, tanto para os gémeos monozigóticos como dizigóticos. No entanto, como Williams e McShane, (1993) referem

que o facto da educação dos gémeos idênticos ser mais similar, pode ser mais responsável pelas semelhanças comportamentais, do que resultado do *background* genético.

Perante as dificuldades metodológicas colocadas nos estudos com gémeos, uma outra via de investigação recorreu ao estudo de sujeitos adoptados. Cadoret (1978, citado por Lusson, 2006) apontou a existência de comportamento anti-social em 246 adoptados à nascença, encontrando uma relação significativa com o comportamento anti-social dos seus pais biológicos. Já Sears (1991, citado por Almeida, 1999) se dedicou ao estudo de rapazes adoptados e separados à nascença dos seus pais biológicos, descobrindo que os indivíduos possuíam uma probabilidade quatro vezes maior de virem a ser criminosos se os seus progenitores evidenciassem comportamento criminal. Gonçalves (1999) refere assim que, nesta fase, se concluíra pela existência de um factor genético envolvido na origem de determinados comportamentos criminosos, cuja transmissão ocorreria de pais para filhos, aumentando a probabilidade destes se envolverem em comportamentos criminosos. Ademais, Brennan, Mednick e Mednick (1993, citado por Almeida, 1999) afirmaram que, quando tal factor genético é accionado por acontecimentos ambientais no período perinatal, o resultado é uma lesão específica no Sistema Nervoso Central que leva a um comportamento impulsivo na infância e a um aumento da probabilidade de futuros comportamentos violentos. Assim, Cloninger, Reich e Guze (1978, citado por Gonçalves, 1999) concluíram que todos os dados são consistentes relativamente à contribuição de factores genéticos ou pelo menos congénitos no desenvolvimento de criminalidade em alguns indivíduos.

Por sua vez, Raine e Mednick (1989), através da realização de estudos fisiológicos, consideraram que um dos mecanismos biológicos que podem revelar uma maior predisposição para o comportamento criminal é o tipo de resposta do Sistema Nervoso Autónomo (SNA) a condições geradoras de ansiedade. Segundo estes autores, muitos dos criminosos adultos demonstrariam baixa resposta do SNA, predizendo assim a tendência para o crime, que seria pelo menos parcialmente determinada pelos genes.

Wadsworth (1976, citado por Almeida, 1999) a partir do estudo de uma amostra de criminosos e não criminosos, verificou que os primeiros possuíam uma pulsação cardíaca significativamente mais baixa que aqueles que não haviam cometido um crime. Raine e Venables (1987, citado por Williams & McShane, 1993) encontraram também esta diferença entre rapazes com comportamentos anti – sociais e rapazes que manifestavam comportamentos pró – sociais, sendo

que eram os primeiros, aqueles que menor frequência cardíaca revelavam. Segundo estes, a existência de uma pulsação mais baixa poderia sugerir subestímulo do SNA, que pode actuar como redutor do impacto emocional das punições sociais através do relaxamento muscular. De facto, segundo Wolfgang e Ferracuti (1967), é evidente nestes indivíduos, a existência de um baixo nível de activação cortical, bem como do SNA, o que pode explicar a constante busca de estimulação e uma baixa tolerância à frustração.

1.1.2 Psicopatológicos

No sentido de perceber a relação entre homicídio e psicopatologia do agressor, Oliveira & Gonçalves (2007), realizaram um estudo com indivíduos, homens e mulheres, que se encontravam a cumprir pena por homicídio. Estes autores verificaram que uma pequena percentagem destes homicidas possuía antecedentes psiquiátricos. Porém, constataram que quase metade dos indivíduos do sexo masculino desta amostra caracterizava-se por baixo auto-controlo e impulsividade, mas não demonstravam uma personalidade mais perversa que o comum dos cidadãos. Ademais, nestes indivíduos, o homicídio era frequentemente o seu único crime, usualmente num contexto de elevada carga emocional e sob efeito de substâncias.

Por sua vez, Almeida e Pinto da Costa (1992, citado por Oliveira e Gonçalves), haviam já verificado a existência de uma relação entre perturbações mentais e comportamentos criminosos. Realizaram assim uma análise retrospectiva das perícias psiquiátricas entre os anos 1988 e 1990 no Distrito Judicial do Porto e, no que diz respeito aos diagnósticos psiquiátricos, o mais referido foi o de perturbação de personalidade (50%), seguido do atraso mental (30%) e epilepsia (17,5%). Oliveira e Gonçalves (2007) afirmam que, quando se considera a relação psicopatologia – crime, se verifica que os esquizofrénicos e os psicopatas possuem maior probabilidade de se tornarem homicidas.

De acordo com Barros e Serafim (2008) as perturbações de personalidade estão associadas à criminalidade, sendo que as personalidades anti-sociais e *borderline* são fortes preditores de comportamentos violentos. Segundo os autores, a personalidade anti-social é actualmente vista como uma perturbação distinta da psicopatia. Assim, enquanto que o diagnóstico da primeira considera sobretudo o padrão de comportamento anti-social, a última inclui não somente estes comportamentos mas também a ausência de remorsos e empatia, entre outras características. Deste modo, apesar de serem consideradas como perturbações correlacionadas, apenas um terço

dos indivíduos anti-sociais revela psicopatia (Hart & Hare, 1996, citado por Barros & Serafim, 2008). Não obstante, outros autores consideram a psicopatia como uma extensão da personalidade anti-social (Blair, 2001, 2003, citado por Barros & Serafim, 2008). Por sua vez, a personalidade *borderline*, tal como definida pelo DSM-IV, está presente nos indivíduos que possuem uma impulsividade e raiva desadequadas, intensas e difíceis de controlar e que possuem uma propensão para se envolverem em agressões físicas. No entanto, os indivíduos com personalidade anti-social revelam maior violência instrumental, enquanto que aqueles com personalidade *borderline* demonstram maior violência emocional. Barros e Serafim (2008), à semelhança de estudos anteriores, verificaram que estas diferenças no tipo de violência expressa se explicavam, nos indivíduos com personalidade anti-social, pela subactivação do SNA e, pelo contrário, nos indivíduos com personalidade *borderline*, à sobreactivação do mesmo.

Schwartz, Petersen, Reynolds e Austin (2003) testaram alguns preditores do homicídio numa amostra de indivíduos com esquizofrenia. Deste modo, verificaram que os sintomas maníacos, psicóticos e uma dificuldade de funcionamento global, se correlacionavam significativamente com a ideação homicida. Schwartz e colaboradores (2003) consideraram então que o distanciamento da realidade, dificuldades na comunicação e na realização de julgamentos, podem contribuir para que um indivíduo esquizofrénico pense e, efectivamente planeie, magoar de modo fatal outro indivíduo. Ademais, estes autores concluíram que, se por um lado os sintomas depressivos se relacionam com a agressão dirigida para o próprio, por outro, os sintomas maníacos como a hiperactividade possuem uma forte correlação com a violência orientada para o outro.

1.1.3 Psicossociais

Bandura (1977) define agressão como um comportamento prejudicial e destrutivo. Na sua teoria da aprendizagem social delinea quatro processos que regulam a modelação do comportamento agressivo: os actos modelados são prontamente associados a reforços passados, facilitando o comportamento agressivo; os agressores recebem aprovação ou são tratados como se não tivessem cometido a agressão, recebendo o agressor a impressão de que o seu comportamento não só é aceite como até eventualmente esperado em certas situações; a observação da agressão dos outros gera estímulo emocional no observador, aumentando a resposta agressiva deste; e por fim, este processo leva a um aumento do estímulo não

necessariamente de forma imitativa, embora esta possa ocorrer. Ademais, de acordo com esta teoria, a frustração não levaria necessariamente a um comportamento agressivo, mas produziria um despertar emocional que se pode reflectir numa variedade de comportamentos, dependentes da história passada do indivíduo.

Para Pinatel (1963, citado por Lusson, 2006) não existia diferença de natureza mas sim de grau, entre criminosos e não criminosos. Deste modo, distinguiu os indivíduos criminosos dos restantes através de quatro dimensões que caracterizou como pertencentes ao núcleo central da personalidade criminal: o egocentrismo, a instabilidade, a agressividade e a indiferença afectiva. Ademais, segundo Pinatel, todas estas dimensões têm de estar presentes para que um crime violento aconteça. O primeiro, egocentrismo, é a tendência para referir tudo a si mesmo, ou seja, a incapacidade do indivíduo em julgar um problema moral de um ponto de vista que não seja estritamente pessoal. De acordo com Wolfgang e Ferracuti (1967), o egocentrismo permite ao delinquente acreditar na legitimidade do seu acto e ficar indiferente às circunstâncias que resultaram do mesmo. Por sua vez, a instabilidade consiste numa combinação de imprevidência e de desorganização no tempo, que impede o indivíduo criminoso de ficar intimidado perante a ameaça da pena. Assim, deixa-se levar pelo desejo do momento, sem ter em conta as consequências menos imediatas dos seus actos. Já a agressividade, permite-lhe ultrapassar os obstáculos que encontra no processo de passagem ao acto. Por fim, a indiferença afectiva consiste numa carência de emoção altruísta, tornando o indivíduo indiferente ao sofrimento da vítima e incapaz de sentir culpa. Por fim, a indiferença afectiva consiste pela falta de emoções altruístas, tornando o criminoso insensível ao sofrimento da vítima e conferindo-lhe a incapacidade para sentir culpa. Segundo Lusson (2006), tal pode resultar de carências educativas ou ainda, de um processo de desinvestimento afectivo.

Lusson (2006) refere que esta teoria estabelece, simultaneamente, uma análise dos traços de personalidade que distinguem os criminosos dos não criminosos e uma descrição das características psicológicas que tornam possível a execução do crime. No entanto, esta constitui menos uma explicação do que uma identificação das condições subjectivas da passagem ao acto: a indiferença à reprovação, à perspectiva da pena e ao sofrimento da vítima.

Por sua vez, Megargee (1966, citado Laufer, Johnson & Hogan, 1981), ao estudar homicidas, distinguiu dois tipos de personalidade: as sobrecontroladas e as subcontroladas. As primeiras caracterizam-se por fortes tendências agressivas que conseguem ser contidas através de normas

internas muito rígidas. Estes indivíduos possuem a capacidade de se manterem controlados durante muitos anos de uma forma conformista, mas caso se inverta o equilíbrio entre os factores inibidores e os estimulantes, é provável que se assista a uma explosão muito violenta dos impulsos reprimidos. Por sua vez, para o autor, as pessoas subcontroladas encontram-se sempre envolvidas em situações de agressividade pois não possuem quaisquer mecanismos que as inibam. Não obstante, o facto de estarem recorrentemente envolvidas neste tipo de situações, diminui a sua tendência para agir de modo mais violento. Assim, enquanto nas primeiras o homicídio pode surgir devido a uma acumulação de tensões, envolvendo assim alguma premeditação, nos indivíduos subcontrolados pode ocorrer mais por acaso ou por via das circunstâncias.

Para Feldman (1977, citado por Gonçalves, 1999) são as variáveis da aprendizagem as que exercem maior influência criminogénica, ao nível da aquisição, realização e manutenção do comportamento criminoso. Assim, de acordo com este autor, a aprendizagem pode influenciar o sujeito de dois modos: por um lado, pode conduzi-lo a não incorrer em comportamentos criminosos devido ao efeito da socialização, que mantém um efeito restritivo devido às consequências positivas decorrentes do cumprimento das normas e às punições aplicadas aquando a sua transgressão; por outro lado, a aprendizagem de comportamentos delituosos pode surgir através da modelagem e reforço vicariante e igualmente pelas recompensas advindas das próprias actividades criminosas, que ajudam à manutenção deste tipo de comportamento. Ademais, estratégias de dissonância cognitiva possibilitam uma redução ou mesmo eliminação das discrepâncias internas entre comportamentos anteriores e actuais, nomeadamente as consequências negativas que os actos delituosos têm sobre as vítimas. Deste modo, diminuindo a percepção de sofrimento da vítima, o indivíduo consegue auto-legitimar tais comportamentos. O autor salienta ainda que, a pessoa cuja predisposição genética, em conjugação com uma história específica de aprendizagem, demonstra um elevado grau de probabilidade para o cometimento de actos delituosos, pode ser conduzida para o desvio, de modo progressivo e permanente, consoante a frequência com que mantiver contactos criminais com o sistema de justiça.

Lusson (2006) considera que a grande parte dos estudos que comparam indivíduos criminosos dos não criminosos, revelou que os primeiros são, na sua maioria, impulsivos, agitados, extrovertidos, egocêntricos e temerários. Refere também que as perturbações do comportamento e a pequena delinquência se manifestam bastante cedo em rapazes que, posteriormente, se tornam

criminosos crônicos. Assim, o autor indica que, geralmente entre os 8 e os 14 anos, perturbam as aulas, faltam à escola e cometem pequenos furtos. No entanto, se é verdade que aqueles indivíduos que incorrem em actividades criminosas crônicas, revelavam perturbações de comportamento durante a infância, também se sabe que a maioria das crianças que experienciaram tais problemas, não se tornou criminosa. Lusson (2006) conclui assim que o comportamento criminoso é apenas moderadamente previsível.

Ademais, o homicídio é um acontecimento relativamente raro e difícil de prever. (Loeber, Rosenfeld, Pardini, Homish, Wei, Crawford, Farrington, Stouthamer-Loeber, Creemer, Koehler, 2005). De acordo com Loeber e colaboradores (2005), não existe um único factor de risco que permita prever adequadamente o homicídio. Os autores referem que actualmente aceita-se que a probabilidade dos indivíduos cometerem homicídio é aumentada pela sua exposição a um conjunto de diferentes factores de risco. Loeber e colaboradores (2005) definiram que durante a infância e até ao início da adolescência, os principais factores de risco são, além de problemas de comportamento na escola e de um Quociente de Inteligência (QI) abaixo da média, uma série de indicadores de dificuldades familiares: supervisão inadequada e permissividade parental, falhas no exercício da autoridade, inconstância, ausência de coesão familiar, frieza ou hostilidade dos pais para com a criança e possuir pais criminosos. Já no final da adolescência e início da vida adulta, os principais preditores da reincidência são o número de delitos anteriores, a precocidade da delinquência, a instabilidade no trabalho, o alcoolismo e a toxicodependência,

Um dos aspectos que mais contribui para a predição do comportamento delituoso é a influência dos factores familiares. Deste modo, segundo Gonçalves (1999), práticas familiares inconsistentes, irregulares e severas, fraca supervisão, separações temporárias ou permanentes causadas por divórcios ou problemas conjugais sempre se assumiram como preditores da criminalidade juvenil. No entanto, apenas se obtêm correlações significativas com condenações na idade adulta para os indivíduos cuja infância foi marcada por uma fraca supervisão parental e pelo divórcio ou separação dos pais.

Schwartz (2006) verificou que a família desestruturada produz stress, frustração e enfraquecimento dos laços sociais criando condições criminogénicas, tanto em homens como mulheres. Na ausência de figuras de autoridade parental, os grupos de pares e a ausência de supervisão dos jovens, podem assumir uma elevada importância, sobretudo entre rapazes, fornecendo situações propensas ao conflito que podem elevar as taxas de violência masculinas.

Meyer (1992, citado por Downes & Rock, 1995) refere três estilos de educação parental que se correlacionam com personalidades anti-sociais. O primeiro estilo caracteriza-se pela frieza ou distanciamento na relação pais – filhos, inculcando nos filhos uma incapacidade de empatizar com os seus semelhantes o que os impossibilita de compreender a complexidade do relacionamento humano. O segundo caracteriza os pais negligentes, que não fornecem nem amor nem supervisão. Por último, o terceiro estilo caracteriza aqueles pais que administram recompensas e punições de forma inconsistente, tornando a criança incapaz de criar expectativas claras acerca da forma como se deve comportar, desenvolvendo apenas competências de resposta para directivas parentais concretas e imediatas.

A teoria da associação diferencial defendida por Sutherland (1939, citado por Wolfgang & Ferracuti, 1967) assume os pressupostos da aprendizagem social sistematizados por Bandura aplicados ao campo da criminalidade. Assim, a teoria da associação diferencial postula que o comportamento criminoso é produto de uma aprendizagem por associação com padrões criminosos, envolvendo mecanismos semelhantes aos que estão presentes em qualquer aprendizagem. Burgess e Akers (1966, cit. por Williams & McShane, 1993) deram posteriormente o seu contributo a esta teoria, introduzindo o conceito de reforço diferencial com o intuito de salientar ainda mais o peso da componente aprendida no desenvolvimento nos comportamentos delituosos. Ademais, segundo os autores, esta aprendizagem assenta na exposição mais ou menos sistemática a padrões de conduta psico-social desviantes.

Glaser (1962, 1971, citado por Williams & McShane, 1993) propõe uma abordagem, designada de antecipação diferencial, que releva a importância dos processos de mediação cognitiva nas tomadas de decisão e nos comportamentos do indivíduo. Deste modo, o autor refere que este antecipa mentalmente o cometimento ou não de actos criminosos através de um processo de mediação cognitiva, onde são determinantes: o conjunto de relações sociais ou criminais existentes; as experiências de aprendizagem social anteriores que tenham proporcionado ideias, competências ou prazer focadas na obtenção de gratificações em actividades delituosas; e a percepção que o sujeito tem das necessidades, oportunidades e riscos a avaliar em cada situação.

Outro contributo importante é a teoria da rotulação de Becker (1963, citado por Downes & Rock, 1995), que concerne a progressiva identificação do sujeito ao rótulo de desviante, desde os primeiros insucessos escolares até aos possíveis fracassos laborais e sociais da vida adulta. Embora se assuma como uma abordagem determinista já que o sujeito parece incapaz de resistir à

pressão e controlo sociais que sobre ele são exercidos, esta teoria reforça o importante papel desempenhado pelos agentes sociais. Assim, de acordo com Lusson (2006), em vez de promoverem a reabilitação e reinserção social dos ex-detidos, acabam por acentuar ainda mais o seu estigma, perpetuando assim o ciclo do comportamento delituoso. Ademais, se os actores sociais são percebidos pelo indivíduo como avaliadores permanentes e hostis do seu comportamento, é provável que se desenvolva em conformidade com as expectativas negativas que lhe foram atribuídas.

2. A técnica do perfil na investigação criminal

2.1 Perfil Criminal

Segundo Garrido (2003) é cada vez mais frequente que o problema da criminalidade violenta obrigue a colaboração de peritos e profissionais que ajudem a entender as razões que conduzem um indivíduo a cometer tais actos e que forneçam informação útil para a sua identificação e captura. De acordo com Salfati e Canter (1999), a técnica do perfil consiste no processo de inferir características de um agressor através das suas acções na cena do crime. Estes autores consideram que tais inferências podem auxiliar a polícia de investigação criminal a reduzir o número de potenciais suspeitos do crime, já que facilitam a sua identificação. Por sua vez, Kocsis e Palermo (2006) consideram a técnica do perfil, um processo de observação e reflexão durante o qual se tenta responder a questões como: porquê, onde, quando, como e quem? Efectivamente, os perfis foram construídos para dar resposta a estas cinco questões que são a base do trabalho da polícia de investigação criminal. Deste modo, a identificação e interpretação dos comportamentos criminais serve o propósito de prever a personalidade do agressor, o seu *modus operandi* e possivelmente, o que o motivou a cometer o delito.

Ademais, a relevância da utilização da técnica do perfil criminal não se manifesta somente na fase de investigação criminal, mas também posteriormente, quando o autor do delito foi já identificado, na sua detenção e condenação. Assim, de acordo com Garrido (2003), quando o responsável pelos actos já é conhecido, os perfis fornecem informação importante para o desenho

de estratégias que permitam interagir com os agressores efectivamente no decorrer dos interrogatórios e dos processos de negociação.

Apesar da pertinência da utilização desta técnica, Douglas, Ressler, Burgess e Hartman (1986) indicam que a técnica do perfil nunca pode substituir outros procedimentos, como a recolha de provas no local do crime ou a autópsia. Ademais, nunca permite revelar especificamente a identidade do indivíduo responsável pelo delito.

Apesar das referidas limitações serem identificadas pela generalidade dos autores, o reconhecimento das potencialidades da técnica do perfil criminal varia consoante a respectiva abordagem. A seguir descreve-se os princípios e as características metodológicas centrais que subjazem às principais abordagens à técnica do perfil criminal: abordagem clínica, análise da cena do crime, psicologia investigativa e, por último, a designada por perfil da acção do crime.

2.2 Abordagem Clínica

A Abordagem Clínica, por vezes designada por avaliação de diagnóstico, representa uma das mais antigas utilizações da técnica do perfil (Kocsis, 2006). Esta envolve a consulta de peritos que utilizam a especialização profissional e a perícia clínica na avaliação de um crime fornecendo um perfil criminal.

A avaliação de diagnóstico, segundo Kocsis e Palermo (2006), não representa propriamente uma técnica, sendo encarada como uma circunstância pontual em que os perfis criminais são, por vezes, construídos. Assim, peritos (sobretudo psiquiatras ou psicólogos) usam as suas competências profissionais, tal como o conhecimento aprofundado das psicopatologias humanas aliado à sua perícia clínica, para avaliar ou diagnosticar comportamentos criminais de modo a construir um perfil do possível agressor. Segundo Garrido (2003), na metodologia clínica, o indivíduo ou equipa encarregados de elaborar o perfil, estudam casos individuais, contrapondo-os com a experiência profissional que dispõem. Assim, o procedimento é semelhante ao utilizado para elaborar diagnósticos clínicos, assentando na tradição da psiquiatria forense e psicologia clínica. De acordo com este autor, estes profissionais usam critérios que variam em função da sua formação e, conseqüentemente dos seus conhecimentos sobre as teorias da personalidade e perturbações psicológicas.

Um dos exemplos históricos mais citados na literatura sobre perfis e que constitui um importante antecedente histórico deste método, é o perfil clássico realizado pelo psiquiatra James Brussel (Garrido, 2003, 2007; Kocsis, 2006; Gladwell, 2008). Brussel definiu sucintamente o processo pelo qual um psiquiatra procede à elaboração de um perfil criminal, indicando que "Generally, a psychiatrist can study a man and make a few reasonable predictions about what the man may do in the future - how he will react to such-and-such a stimulus, how he will behave in such-and-such a situation. (...) What I have done is reverse the terms of the prophecy. By studying a man's deeds, I have deduced what kind of man he might be." (Gladwell, 2008, p. 4).

De acordo com Garrido (2007), a aproximação de Brussel ao perfil criminal consistia num diagnóstico do estado mental do suspeito, a partir do estudo dos comportamentos revelados na cena do crime. Este autor refere também que o método de Brussel incluía a inferência de características pessoais do presumível agressor, baseando-se na comparação dos comportamentos criminais que observava nos casos em investigação, com o que havia observado nos seus pacientes. Esta abordagem, de acordo com Hicks e Sales (2006), assume-se assim como diagnóstica, correspondendo à lógica dedutiva segundo a qual a partir da observação dos detalhes do crime se infere e interpreta a personalidade do agressor.

Apesar de alguma pesquisa académica poder estar associada a esta metodologia de avaliação criminal, Kocsis (2006) indica que os esforços individuais destes académicos, embora conceptualmente semelhantes, não constituem uma abordagem estruturada. Assim, embora não seja considerada como uma escola de pensamento, a avaliação de diagnóstico é representativa dos esforços independentes de vários profissionais de Saúde Mental na tentativa de estabelecer perfis criminais.

Efectivamente, tal como Garrido (2007) refere, esta abordagem representou um importante contributo para o reconhecimento do perfil criminal como uma ferramenta útil de investigação criminal. Primeiramente, esta evidencia as origens históricas do perfil criminal, logo serve para afastar a noção que o conceito de perfil criminal é uma inovação recente. Em segundo lugar, esta abordagem representa o método mais acessível através do qual um perfil criminal pode ser obtido, ou seja, consultando um profissional de Saúde Mental.

2.3 Análise da cena do crime

A pesquisa desenvolvida pela Unidade de Ciências Comportamentais (UCC) do Centro Nacional para a Análise do Crime Violento (CNACV) do *Federal Bureau of Investigation* (FBI) representa a primeira escola de pensamento e possivelmente, a primeira abordagem coerente à técnica do perfil criminal. Ademais, segundo Garrido (2003), através do desenvolvimento da análise da cena do crime (ACC), os investigadores do FBI popularizaram de modo inquestionável esta técnica, não só na força policial internacional, mas também nas comunidades científicas.

A um nível ideológico mais básico, esta abordagem assume-se como pragmática, conceptualizando a técnica do perfil criminal como orientada para a investigação forense num contexto policial. Deste modo, segundo Douglas e colaboradores (1986) foca-se na informação mais relevante para as necessidades operacionais da polícia de investigação criminal.

O interesse pelo desenvolvimento da ACC parece ter surgido de uma insatisfação com as abordagens clínicas (Kocsis, 2006). Esta abordagem foi originalmente desenvolvida de modo a potenciar a investigação de crimes que não haviam sido resolvidos através dos métodos convencionais de investigação. Estes caracterizavam-se tipicamente pela presença de um grau de violência extremo (homicidas e violadores em série), nos quais os factores criminais de causalidade não eram evidentes (Garrido, 2003).

A análise da cena do crime assenta claramente num método dedutivo, pois como indicado por Roberts e colaboradores (2007), deriva de um estudo exaustivo da cena do crime e dos indícios que estão contidos neste. Estes caracterizam-se não só por provas físicas (objectos deixados no local do crime, impressões digitais, fluidos corporais, entre outras), mas também psicológicas (comportamentos do agressor). A vitimologia revela aqui um papel fundamental, pois de acordo com Holmes e Holmes (1996, citado por Hicks & Sales, 2007), quanto mais informação se possui acerca da vítima, mais se conhece o agressor.

Em seguida são apresentadas as perspectivas de Douglas e colaboradores (1986), Holmes e Holmes (1996, citado por Garrido, 2007) e Turvey (1999, citado por Alison, Bennel, Mokros & Ormerod, 2002), que procederam à descrição das etapas de construção de um perfil criminal através da análise da cena do crime.

Os primeiros categorizaram estes procedimentos em seis estádios: inputs para o perfil; modelos do processo de decisão; avaliação do crime; perfil criminal; investigação e apreensão.

O principal objectivo do primeiro estágio é a recolha de toda a informação relevante: cena do crime (provas, posição do corpo, armas), vitimologia (*background*, hábitos, estrutura familiar, idade, ocupação, quando foi vista pela última vez), informação forense (causa da morte, feridas, presença de actividade sexual, relatório da autópsia, dados laboratoriais), relatório policial preliminar (informação do *background*, observações policiais, momento em que ocorreu o crime, quem o reportou, estatuto sócio - económico e taxas criminais da vizinhança) e fotografias (da autópsia e da cena do crime).

No estágio seguinte, modelos do processo de decisão, a informação colectada anteriormente é organizada em categorias significativas. Estas categorias referem-se ao tipo de homicídio, à intenção primária do agressor que o perpetrou, ao nível de risco ou vulnerabilidade da vítima bem como do agressor, potencial do agressor para cometer mais crimes, factores temporais e localização.

Por sua vez, o estágio correspondente à avaliação do crime envolve a reconstrução da sequência de acontecimentos e comportamento de ambos os intervenientes no crime, agressor e vítima. Assim, através das decisões tomadas no estágio anterior, esta reconstrução pode fornecer informação sobre características específicas do crime. Ainda nesta fase avaliam-se as classificações do crime, a forma como o agressor seleccionou a vítima, as estratégias utilizadas no controlo da mesma, a sequência do crime, a motivação do agressor, a dinâmica da cena do crime, entre outras características.

O quarto estágio corresponde precisamente ao perfil criminal. Neste são incluídas características demográficas, físicas, hábitos, crenças e valores, comportamento prévio e posterior à perpetração do crime. Pode igualmente incluir recomendações para o interrogatório, identificação e apreensão do agressor. Douglas e colaboradores (1986) indicam que uma importante forma de validar o perfil construído é verificando a correspondência deste com a anterior reconstrução do crime, com as provas, e com os vários modelos de decisão.

No estágio correspondente à investigação, o perfil foi já submetido aos investigadores que procedem a tentativas para identificar o agressor. De notar que nesta fase podem surgir novas informações relevantes para o caso, que podem levar à verificação e inclusive à modificação do perfil construído.

Por fim, espera-se que o perfil permita atingir o último estágio em que o agressor é capturado e condenado.

Por sua vez, Holmes e Holmes (1996, citado por Garrido, 2007) apresentaram um modelo que, de modo semelhante ao de Douglas e colaboradores (1986), consiste numa análise intuitiva da informação que advém da cena do crime. A sua abordagem completa a anteriormente descrita, no que concerne à definição de uma dimensão que permite discriminar diferentes tipos de homicidas: a mobilidade espacial, isto é, se o agressor vive e mata em determinada área ou viaja para cometer os seus crimes. Embora estes autores não tenham incluído as variáveis geográficas e aquelas referentes à vítima no modelo apresentado, salientaram a sua importância no processo de construção do perfil criminal.

No que concerne ao papel da geografia, estes autores basearam-se no trabalho realizado por Rossmo (2000, citado por Alison et al., 2002), que afirma que a utilização do perfil enquanto técnica de investigação criminal assentava na premissa de que a interpretação da cena do crime poderia indicar o tipo de personalidade do agressor. Ademais, este salienta a importância de factores como: tipo de local do crime, a existência de estradas e auto-estradas, limites físicos no que respeita a utilização do terreno, características demográficas da vizinhança, actividades quotidianas das vítimas e mudanças nos padrões associados aos locais do crime.

Por sua vez, no que se refere às características da vítima, Holmes e Holmes (1996, citado por Hicks & Sales, 2006) advogam que se recolha informação acerca dos traços físicos e psicológicos desta, estado civil, estilo de vida, ocupação, nível de habilitações literárias, historial clínico, história sexual, antecedentes criminais e actividades que precederam o delito responsável pela sua vitimização.

Por fim, Turvey (1999, citado por Alison et al., 2002) propôs um modelo que se baseia nas provas físicas e comportamentais para a realização de inferências acerca das características do agressor. Este define-se como baseado em provas forenses, orientado para o processo, levando a conclusões que advêm logicamente das premissas definidas. Existem quatro componentes básicas neste método dedutivo. A primeira componente, provas forenses e comportamentais, envolve a reconstrução dos acontecimentos associados ao delito, inclusive os comportamentos entre vítima e agressor. A segunda componente, a vitimologia, consiste numa análise das características da vítima. A componente seguinte diz respeito às características da cena do crime, incluindo o método de agressão utilizado, a natureza ou sequência dos actos sexuais ou violentos, entre outros. Por fim, a quarta componente consiste na dedução das características do agressor partindo das componentes anteriores.

No entanto, de acordo com Hicks e Sales (2006), apesar desta abordagem poder contribuir para a obtenção de um perfil criminal, a dedução das características do agressor continua dependente das circunstâncias em que ocorreu o crime e da experiência do investigador. Não obstante as suas limitações, o uso de um perfil dedutivo pode sugerir um tipo específico de indivíduo, possuindo características psicológicas e emocionais, motivações e necessidades específicas.

Segundo Kocsis (2006), embora se verifiquem, nesta abordagem, alguns modelos que descrevem procedimentos de como os perfis são construídos, não parece haver uma explicação precisa de como os comportamentos criminais são sistematicamente avaliados a partir da cena do crime, bem como se a forma como se procede à adequação das potenciais variáveis contidas nas tipologias e à sua interpretação. Ademais, Palermo e Kocsis (2005, citado por Kocsis, 2006) referem que a construção de perfis criminais através desta técnica se assume como um processo muito dependente de interpretações individuais sobretudo no que concerne a correspondência entre comportamentos directamente observáveis e características do agressor.

Hicks e Sales (2006) referem também outras limitações diversas significativas nesta abordagem, tais como: a falta de objectivos e critérios, a utilização de termos e definições pouco claras, a aplicação incorrecta de tipologias, a fundamentação na intuição e experiência profissional, bem como a falta de procedimentos claros e provas de valor investigativo.

2.4 Psicologia Investigativa

A segunda corrente apresentada é aquela fundada por Canter e designada por Psicologia Investigativa. Tal como Kocsis (2006) refere, esta conceptualiza o perfil como uma disciplina académica emergente. De acordo com o mesmo autor, a Psicologia Investigativa é concebida como uma disciplina científica que concerne a aplicação da psicologia nos estudos dos crimes e sua investigação.

Contrariamente à análise da cena do crime, que encara a técnica do perfil como orientada para a prática, esta perspectiva adopta uma visão mais ampla já que compreende o comportamento criminal numa base disciplinar. Ademais, Canter, Alison, Alison e Wentik (2004) postulam que a efectiva construção de perfis criminais requer a diferenciação entre os comportamentos criminais e a inferência das motivações subjacentes. Estes autores consideraram que a confusão nestes

constructos está presente em muita da literatura existente sobre os perfis criminais, nomeadamente naquela referente à ACC.

Assim, a Psicologia Indutiva opõe-se à abordagem anterior, uma vez que tem por base um método indutivo. Este assenta na seguinte premissa: se certos crimes cometidos por pessoas diferentes são semelhantes, então os criminosos devem também partilhar características de personalidade comuns (Canter, 2004).

Canter e colaboradores (2004) actualmente sustêm que as tipologias do FBI sobre homicidas e violadores são pouco úteis, já que foram obtidas através de entrevistas que podem ser objecto de manipulação por parte do criminoso. Ademais, estes criticam também a informação obtida através da cena do crime, considerando-a como pouco fiável, ambígua e incompleta.

Consequentemente, a construção de um perfil criminal, através da perspectiva da Psicologia Investigativa, envolve a análise do crime tendo por base um teorema previamente desenvolvido que compreende formas relevantes de comportamento criminal que, por sua vez, se ligam às características de determinado agressor (Kocsis, 2006).

Hicks e Sales (2006) afirmam que as inferências realizadas na construção de um perfil que são relevantes para a polícia de investigação, muitas vezes consideradas como resultantes de um processo intuitivo, são na realidade questões empíricas que podem obter resposta através da investigação. Assim sendo, Salfati e Canter (1999) identificaram quatro categorias através das quais as inferências e as questões empíricas derivam: saliência comportamental, distinção entre agressores, inferência de características e ligação entre delitos. As questões que resultam da saliência comportamental referem-se às características comportamentais do crime que são relevantes na identificação do agressor. Segundo Canter e Youngs (2003), o desafio reside em determinar quais os comportamentos relevantes para tal. A distinção entre agressores centra-se na identificação de diferenças entre estes e as agressões de que são responsáveis. Para tal, segundo Canter (2004), é necessário compreender que, embora os agressores partilhem vários aspectos entre si no que concerne o seu estilo criminal, existem características que os distinguem dos restantes. Por sua vez, a inferência de características assume-se como uma parte fulcral do processo de construção do perfil, já que inferir características do agressor pode levar à sua identificação. Por fim, a ligação entre delitos refere-se à atribuição de mais do que um delito ao mesmo agressor. De acordo com Green, Booth e Biderman (1976, citado por Canter, 2004),

aquando a escassez de provas forenses, a identificação do *modus operandi* pode auxiliar na identificação de padrões de agressão.

Segundo Salfati e Canter (1999), de modo a realizar inferências válidas partindo da cena do crime é necessário identificar a informação relevante e compreender os padrões subjacentes na mesma. Para Canter (1995, citado por Salfati & Canter, 1999) tal corresponde à resolução da equação $A \rightarrow C$, na qual A representa as acções relevantes que são apresentadas na cena do crime e C diz respeito às características distintivas do agressor. Existem assim dois estádios distintos: a diferenciação da cena do crime nos seus constituintes, e a ligação destes a aspectos distintos do agressor. No entanto, de acordo com este autor, não existe uma relação única entre dada acção e determinada característica. Logo, advoga que a teoria é a chave que permite demonstrar como e porquê ocorrem variações no comportamento criminal. Deste modo, só a partir de um enquadramento teórico explicativo se podem colocar hipóteses acerca de quais os tipos de características do agressor que se relacionam com determinados comportamentos deste. Duas hipóteses são discutidas como a base de tal enquadramento: a consistência do agressor e a especificidade do delito. A primeira, segundo Alison e colaboradores (2002), propõe que existe consistência no modo como o agressor comete um crime em determinado momento e a forma como cometeu crimes em outras ocasiões. A segunda diz respeito ao grau em que os agressores são especializados no tipo de crime que cometem. Embora possam ser refutadas por diversos argumentos, ambas as hipóteses constituem uma base lógica para associar as características do agressor às suas acções.

Ainda assim, outras abordagens teóricas são necessárias para tentar compreender tal associação. Canter e Youngs (2003) discutem cinco abordagens que podem ser utilizadas para desenvolver tais inferências: tipologias psicodinâmicas, diferenças de personalidade, carreiras criminais, subgrupos socioeconómicos e narrativas interpessoais. Estas pretendem explicar como as características do agressor produzem as acções deste, procurando assim variáveis intervenientes nesta relação ou uma variável (ou conjunto delas) que explique não só as características do agressor mas também as suas acções.

Das abordagens referidas, salienta-se a que Canter designou por narrativas interpessoais. De acordo com o autor, cada crime é uma transacção interpessoal que envolve características interaccionais específicas. Este conceito de crime como narrativa de uma história pessoal, segundo Garrido (2007), postula que cada crime é um capítulo de uma história que o homicida se

encontra a narrar. Assim, se se entender correctamente cada capítulo, será possível compreender o indivíduo descrito por tal narrativa (a sua personalidade) e, a partir daí, descrever as características que possibilitarão a apreensão deste. De facto, segundo esta perspectiva, através das suas acções, o agressor revela como escolheu viver a sua vida. O desafio reside assim em compreender a sua história de vida, bem como a forma como os actos criminosos coexistem com o comportamento quotidiano do indivíduo criminoso.

De modo a testar esta teoria, bem como as hipóteses que postulou sobre a consistência do agressor e especificidade do delito, Canter (2004) utilizou a técnica estatística do *Multidimensional Scalling* (nomeadamente a *Smallest Space Analysis* (SSA)). Como refere Garrido (2003), esta abordagem revela um enfoque estatístico, já que tem por base a realização de dois conjuntos separados de análises (comportamentos criminais e características). Os resultados destas constituem a base para o desenvolvimento de teoremas acerca dos padrões ou aspectos inerentes a esses comportamentos, tal como na definição de grupos distintos de agressores.

Assim, investigadores sob a perspectiva da Psicologia Investigativa, produziram vários estudos focados em expor padrões temáticos nos comportamentos dos agressores nas várias formas de crime (Salfati, 2000; Salfati e Canter, 1999; Salfati e Dupont, 2006).

Em suma, Canter estabeleceu a necessidade de se desenharem programas de investigação com maior rigor metodológico de forma a permitirem, por um lado, a identificação das variáveis da cena do crime e do agressor que se assumem como relevantes para a elaboração de perfis e, por outro, avaliar empiricamente as relações existentes entre elas.

Como Garrido (2003) afirma, o modelo proposto por Canter é talvez o melhor exemplo do uso de técnicas multivariadas na investigação e elaboração de perfis criminais. Este modelo utiliza informação de vários casos e assenta no teste de hipóteses sobre as acções que ocorrem durante um delito (respondendo às questões: quando, como e quem?) e a relação destas com as características do criminoso responsável pelo mesmo (informação potencialmente útil para a sua captura e condenação).

Porém, de acordo com Garrido (2003, 2007), apesar do método indutivo que subjaz à Psicologia Investigativa ser consideravelmente mais rápido, revela menor exactidão que o dedutivo. Assim, de acordo com este, as comparações através de premissas estatísticas ou tipologias extraídas de estudos prévios devem ser sempre secundárias à interpretação correcta dos comportamentos que podem ser deduzidos a partir da cena do crime.

De igual modo, embora a abordagem de Canter seja de louvar pela necessidade que identificou de ancorar uma abordagem científica à definição e avaliação de perfis, bem como pela sua tentativa de enquadrar teoricamente esta técnica, outras críticas são apontadas ao modelo que propôs. Hicks e Sales (2006) salientam fraquezas conceptuais que resultam em limitações na definição de hipóteses, em problemas na selecção de dados, na codificação, na interpretação dos resultados e na ausência de procedimentos que possibilitem a transformação do modelo numa ferramenta prática de investigação.

2.5 Perfil da Acção do Crime

A terceira escola de pensamento que concerne a técnica do perfil criminal consiste naquela designada por perfil da acção do crime (PAC) ou análise de escalamento. Esta designação foi usada por Kocsis (2006) para descrever o processo que envolve as acções criminais, bem como a predição das características do agressor a partir dessas acções.

Fundamentalmente, e de acordo com este autor, a PAC assume uma perspectiva análoga à da análise da cena do crime mas assenta em conhecimentos teóricos que advém das disciplinas da psiquiatria e psicologia forense. Esta concepção difere também da referente à Psicologia Investigativa, visto que apesar de assumir o conhecimento da literatura existente no que concerne ao comportamento humano e psicopatologias, possui uma orientação bem mais pragmática. Assim, a PAC afasta-se das demais pois adopta a visão de que a utilização do perfil criminal consiste numa simples técnica originada a partir da disciplina da psicologia forense.

A PAC caracteriza-se pelo enfoque que dá às formas específicas de crime que, no contexto operacional das investigações policiais, podem beneficiar claramente do uso de um perfil criminal. Deste modo, assume-se como análoga à da ACC, já que, segundo Garrido (2003) encara as actividades de elaboração de perfis criminais como mais adequadas para os crimes de natureza atípica e como tal, resistentes às respostas usuais de investigação criminal.

Segundo Kocsis (2006), é também relevante apreciar os dois ramos distintos de investigação produzidos por esta abordagem. Deste modo, a investigação realizada sob a alçada desta abordagem diversificou-se, não só em termos da definição de perfis criminais, mas também no estudo da sua eficácia na investigação criminal, dos factores logísticos que envolvem os processos relacionados com a construção dos mesmos, bem como das capacidades e aptidões

necessárias para tal. Para Kocsis (2003), a pesquisa nestas áreas representa um desvio significativo e importante, já que as outras abordagens têm sido predominantemente e exclusivamente orientadas para o desenvolvimento de técnicas de elaboração de perfis.

A base metodológica na qual esta abordagem assenta parece, numa primeira análise, semelhante à utilizada pela Psicologia Investigativa, já que analisa os comportamentos criminais utilizando uma forma de *Multidimensional Scalling* (MDS), daí decorrendo a sua designação por análise de escalamento.

Não obstante o uso de uma ferramenta estatística semelhante, estas abordagens diferem consideravelmente no objectivo e modo de utilização. Enquanto que na Psicologia Investigativa, se realizam diferentes análises dos dados referentes aos comportamentos criminais e características do agressor e, a partir destas se concebem teoremas, na presente abordagem não se opera do mesmo modo.

Segundo Kocsis (2006), as análises realizadas na PAC utilizam o MDS em combinação com outras ferramentas estatísticas e matemáticas para desenvolver modelos conceptuais que possam servir de orientação à geração de predições. Estes, por sua vez, servem para formar a base da informação contida num perfil criminal. Logo, a diferença fulcral é que a primeira usa o MDS como um método de análise estatística que lhe permita elucidar algumas concepções acerca do comportamento criminal, e a PAC utiliza o MDS como uma parte integrante dos seus modelos.

De modo a desenvolver estes modelos, Kocsis e Cooksey (2002, citado por Hicks & Sales, 2006) conduziram estudos envolvendo diversas formas de crimes que, como anteriormente mencionado, foram consideradas apropriadas para a elaboração de perfis criminais. A partir destes estudos, os autores geraram um diagrama dos comportamentos criminais relacionados entre si e com as diversas características do agressor. Tais relações são representadas por setas desenhadas no referido diagrama, constituindo assim um modelo PAC.

Consequentemente, cada um dos estudos conduzidos, no que concerne aos diferentes crimes, como homicídios sexuais ou em série, violação em série, entre outros, produziram um modelo distinto. Segundo Kocsis (2006), este pode ser útil para a elaboração de perfis sobre ofensas futuras, exibindo cada uma das modalidades criminais.

Kocsis (2006) indica que o processo operacional de construção de um perfil criminal através da abordagem PAC será através de um destes modelos. Assim, procede-se à identificação dos comportamentos evidentes na cena do crime em questão e depois, com referência a um modelo

PAC relevante que permita a adequação dos comportamentos criminais da cena do crime com aqueles delineados pelo modelo. A fim de associar as características correspondentes do agressor a esses comportamentos, é necessário proceder à leitura das setas e do modo como estão dispostas no diagrama.

De acordo com Hicks e Sales (2006), uma das limitações da abordagem defendida por Kocsis é a interpretação dos *clusters* no diagrama. Apesar de demonstrar a presença de associações entre as variáveis que constituem os *clusters*, nada indica conclusivamente os motivos centrais que justificam a sua associação. De igual modo, também não existe qualquer evidência que sugira que motivos são esses. Hicks e Sales (2006) apontam também que, na base destes modelos existem especulações sobre os significados psicológicos subjacentes nos comportamentos dos agressores, bem como nos *clusters* que foram identificados a partir dos dados.

De acordo com Garrido (2003), a técnica da elaboração de perfis criminais dispõe de vários métodos. Se por um lado existem abordagens que lhe atribuem um enfoque clínico, outras salientam análises estatísticas. Para este autor, estas duas aproximações não são incompatíveis, podendo co-existir na elaboração do perfil. Assim, tanto se podem recolher dados provenientes de análises de casos individuais, como através de estudos empíricos.

Apesar da técnica do perfil criminal como uma actividade científica ter experienciado um crescimento algo tardio, o progresso científico na área parece estar a ganhar força.

Desenha-se agora um caminho evolutivo que pode ser diferenciado entre as diferentes abordagens, já que cada uma procura construir e melhorar os seus princípios e concepções. Kocsis (2006) espera assim que, através de posteriores refinamentos e inovações, a técnica do perfil se possa estabelecer como uma ferramenta útil e acessível na investigação criminal. Garrido (2007), salienta também a necessidade de continuar a importante tarefa de suportar teórica e empiricamente a elaboração e aplicação de perfis criminais.

Ademais, tendo em conta que a maioria da literatura sobre esta área deriva dos EUA e Reino Unido, assume-se como extremamente pertinente a adaptação dos perfis ao contexto em que estes são aplicados, permitindo o aperfeiçoamento futuro da técnica.

3. Tipologias do Homicídio

De acordo com Salfati (2000, 2006), os comportamentos devem ser o foco da investigação criminal já que, primeiramente, consistem naquilo que é directamente observável a partir da cena do crime. Assim, enquanto unidades de análise observáveis, constituem um modelo como uma elevada aplicabilidade nas investigações criminais, nomeadamente do homicídio. Ainda de acordo com a autora, o FBI foi o primeiro a analisar seriamente os comportamentos dos agressores através da cena do crime e a partir daí deduzir os diferentes tipos de agressores. Foi a proposta do FBI que veio salientar a possibilidade de utilizar os comportamentos da cena do crime como uma unidade de análise. Estes indicam que as pistas comportamentais que são o resultado de determinadas acções do agressor podem ser usadas para interpretar o estilo do agressor. Assim, segundo Salfati e Canter (1999), a utilização destes comportamentos como origem da análise assume-se como um processo muito proveitoso na classificação de diferentes tipologias de homicídios. Deste modo, identificando padrões de comportamentos, podem ser estabelecidos perfis criminais e conseqüentemente dimensões ou tipologias de classificação dos homicídios.

Roberts e colaboradores (2007), referem a construção de tipologias ou esquemas classificativos como o meio por excelência para a definição de perfis e assim, explicar a personalidade e motivações dos homicidas.

Uma das mais antigas tipologias utilizadas na distinção dos homicídios baseia-se na análise da cena do crime. Esta, desenvolvida pela Unidade de Ciências Comportamentais (UCC) do Centro Nacional para a Análise do Crime Violento (CNACV) do FBI em 1971, diferencia os homicídios organizados dos desorganizados. De acordo com Kocsis (2006) a premissa desta dicotomia é a diferenciação do comportamento criminal pelo seu nível inerente de sofisticação.

Esta tipologia, proposta por Douglas e colaboradores (1986), destinava-se apenas a classificar, pelo menos inicialmente, os homicídios sexuais, tendo sido posteriormente reformulada para abranger também os tipos de incendiários.

De acordo com Roberts e colaboradores (2007), as cenas do crime desorganizadas, isto é, cenas caóticas em que a vítima é despersonalizada, revelam um agressor igualmente desorganizado, em todos os aspectos da sua vida, aparência, estado psicológico, situação doméstica e actividade criminal. Segundo Canter e colaboradores (2004), este caracteriza-se

também como possuindo um baixo nível de escolaridade, um Quociente de Inteligência (QI) abaixo da média e como socialmente inapto, logo possuindo poucas relações interpessoais fora da família imediata. De acordo com Holmes e Holmes (1996, citado por Muller, 2000), o agressor desorganizado e associal usualmente demonstra algumas perturbações psiquiátricas e provavelmente já teve algum contacto com instituições de saúde. Quanto à sua sexualidade, tem pouca ou nenhuma experiência e é sexualmente incompetente na maioria dos casos. Por sua vez, Canter e colaboradores (2004) indicam que a cena do crime mostra pouca ou nenhuma organização ou premeditação, sendo que é aquilo que encontra no local do crime que utiliza como arma, abandonando-a também após a execução do crime. A vítima é dominada e morta rapidamente. A morte desta geralmente caracteriza-se por extrema brutalidade (*extreme overkill*). A face da vítima geralmente encontra-se danificada, numa tentativa de a desumanizar, ou então é forçada a usar uma máscara ou venda. Se o crime é sexual, a agressão sexual é geralmente após a morte, incluindo mutilação da face, genitais e seios. O corpo é geralmente abandonado no local do crime e, caso tenha sido removido, é mais provável que o agressor queira ficar com ele como *souvenir* do que ocultá-lo para esconder provas. Douglas e colaboradores (1992, citado por Canter e colaboradores, 2004) consideram que o agressor desorganizado mata por oportunidade, vivendo em proximidade da cena do crime.

Já as cenas do crime organizadas, como indicado por Roberts e colaboradores (2007) revelam controlo e desenvolvimento de uma relação personalizada com a vítima, indicam que o agressor tem uma personalidade psicopática, possui um QI normal ou acima da média, aptidões sociais que lhe permitem interagir com os outros, bem como um emprego qualificado. Estes autores acrescentam que este tipo de agressores geralmente manifesta comportamentos sexualmente promíscuos. Holmes e Holmes (1996, citado por Muller, 2000) referem-se ao agressor organizado como não social, sendo que usualmente revela uma personalidade psicopática. A cena do crime deste tipo de agressor mostra sinais de planeamento e controlo. Segundo Canter e colaboradores (2004) é de notar igualmente que este traz as suas próprias armas para o local do crime, levando-as consigo após o ter cometido. A vítima é geralmente um estranho seleccionado entre outros estranhos devido às suas características, frequentemente uma mulher. Esta é geralmente violada e controlada por ameaças ou mesmo através de restrições físicas. A sua morte é muitas vezes precedida por actos de tortura lenta e dolorosa, sendo que o agressor fantasiou demorada e extensivamente com o acto antes de o cometer. O corpo é depois transportado do local onde a

morte ocorreu e escondido. Alguns homicidas com maior consciência forense poderão desmembrar o corpo para atrasar a identificação do mesmo. Douglas e colaboradores (1992, citado por Canter et al., 2004) hipotetizam que este tipo de agressores mata quando ocorre um acontecimento negativo que o precipite, seja este de ordem pessoal, profissional ou económica. Estes autores introduziram posteriormente uma terceira categoria de agressores, designada por “*mixed offender*” pois, como o nome indica, este tipo revela características dos tipos anteriores.

Contudo, Canter e colaboradores (2004) indicam que estes conceitos de organizado e desorganizado não distinguem psicologicamente os agressores, constituindo-se como uma especulação baseada no senso comum. Apesar de, segundo os mesmos autores, ser a tipologia mais referenciada e influente actualmente, revela uma sobreposição das características que definem os dois tipos de agressores. Ademais, Prentky e Burgess (2000, citado por Canter et al., 2004) refere que o uso desta classificação introduz dois problemas. Por um lado, a classificação de agressores é efectuada com base em informação limitada e, por vezes, pouco fíável. Por outro, não só não se dispõe de informação sobre a validade deste sistema de categorizações como também se desconhece se os tipos hipotetizados revelam uma base apropriada para inferir características de *background*.

Segundo Roberts e colaboradores (2007), o CNACV do FBI desenvolveu em 1978 uma outra tipologia dos homicídios que postula quatro motivações básicas para este crime violento: os homicídios criminais empresariais (assassínios a contrato, gangs, heranças e delitos), aqueles motivados por causas pessoais (tal como violência doméstica, homicídios políticos e religiosos, entre outros), os homicídios sexuais (aqueles que envolvem além do homicídio a violação de adultos e/ou crianças) e, por fim, os homicídios com causas grupais (como aqueles levados a cabo por seitas, grupos extremistas ou terroristas).

Por sua vez, Salfati e Dupont (2006) referem que os diferentes estilos de homicídio se reflectem de modo mais apropriado nos diferentes tipos de comportamentos cometidos pelos agressores no local do crime. Tais distinções podem ser melhor compreendidas, de acordo com Salfati (2000), usando dimensões expressivas e instrumentais na compreensão dos actos dos agressores.

Fesbach (1964, citado por Salfati & Dupont, 2006) sugere que a agressão é o ingrediente básico num crime violento e identifica dois tipos de agressão neste tipo de crimes: a hostil ou

expressiva e a instrumental. Estes dois tipos de homicídio divergem nos objectivos que compreendem e nas recompensas que oferecem ao agente perpetrador.

O primeiro tipo de agressão ocorre como resposta a condições indutoras de raiva como insultos, ataques físicos ou fracassos pessoais. De acordo com o mesmo autor, a maioria dos homicídios, violações e outros crimes violentos têm como propósito magoar a vítima e são precipitados por agressões hostis e raiva. Assim sendo, no homicídio expressivo, a vítima é vista como uma pessoa, sendo o objectivo subjacente provocar, agressiva e impulsivamente, sofrimento na mesma (Toch, 1969, citado por Salfati & Dupont, 2006). De acordo com Decker (1996, citado por Varano & Cancino, 2001) os motivos expressivos são caracterizados como aqueles que envolvem paixão, emoção, raiva e falta de pensamento racional. De acordo com Salfati (2000) é importante salientar o carácter individualizante deste tipo de agressão, já que é focado na pessoa.

Ademais, Feshbach (1964, citado por Salfati e Canter, 1999) contrapõe que o homicídio instrumental implica um desejo do agressor de possuir objectos ou o estatuto de outrem, como jóias, dinheiro ou território. Neste tipo de homicídios, a vítima é despersonalizada e vista como secundária, uma vez que o objectivo é obter o objecto de desejo a qualquer custo. Deste modo, usualmente não envolve o intuito de magoar a vítima, somente se esta interferir com o objectivo do agressor. Não obstante, se o indivíduo interferir com o objectivo do agressor, este pode sentir-se forçado a ferir essa pessoa ao invés de correr o risco de perder o objectivo cobiçado. Como tal, os homicídios de natureza instrumental centram-se em acções que não estão direccionadas à vítima como pessoa, pois esta é vista como um objecto para ganho pessoal. Segundo Decker (1996, citado por Varano & Cancino, 2001) os motivos instrumentais existem quando os agressores pretendem melhorar a sua posição através de um planeamento racional que envolve a minimização do risco de captura.

Salfati e Canter (1999) propuseram que a análise da cena do crime seria também extremamente útil na compreensão de ambos os estilos de homicídio e das características do agressor responsável por cada um deles. Estes autores consideraram então que diferentes formas de transacção interpessoal e variações nos homicídios reflectir-se-ão na cena do crime através da vítima que o agressor escolhe e os comportamentos levados a cabo com esta. De acordo com o pressuposto que existe uma consistência no modo como os agressores actuam no presente e os seus comportamentos no passado, pode considerar-se que as manifestações comportamentais na

cena do crime podem ser analisadas no sentido de permitirem compreender diferentes estilos de homicídio e o tipo de indivíduo responsável. Assim, esta autora considera que a diferenciação entre homicídios expressivos e instrumentais pode ser verificada investigando conjuntos particulares de acções que podem ser identificadas na cena do crime. Ademais, estes autores propuseram também que os processos que salientam estas diferenças devem também ser evidentes nas características do agressor.

Salfati e Dupont (2006) salientam algumas variáveis da cena do crime, tais como a forma como o corpo é disposto, o método usado para matar, a escolha da arma, o local da ferida, a intensidade da mesma, os comportamentos de controlo, comportamentos sexuais, vestuário, propriedade roubada e nível de planeamento.

De acordo com estas autoras, a forma de disposição do corpo integra, por exemplo, cobrir o corpo com cobertura plástica, almofadas, entre outros objectos, cobrir especificamente a face e esconder o cadáver, por exemplo em armários, debaixo da cama e outros locais. Quanto ao método pode ser usada a facada, tiro, feridas manuais (bater, esmurrar, pontapear, etc...), instrumentos rombos (como martelos, vasos, mobília, entre outros), asfixia, estrangulamento, drogas ou venenos. No que concerne a escolha da arma, tal prende-se com o facto de a arma ser levada para o local do crime ou obtida no mesmo. Do mesmo modo, interessa saber se o local da ferida é na cabeça, pescoço, tronco e/ou membros (usual nas feridas de defesa). No que diz respeito à intensidade das feridas infligidas à vítima importa saber qual o grau da mesma, se se trata, por exemplo, de um *overkill* como no caso em que existem múltiplas feridas. Já os comportamentos de controlo envolvem o amordaçamento e a restrição dos membros.

Por sua vez, os comportamentos sexuais podem compreender a penetração vaginal, anal, e através do uso de objectos. No que diz respeito ao vestuário utilizado interessa verificar se a vítima se encontra parcial ou totalmente despida ou até mesmo se foi vestida novamente. Por fim, entende-se por nível de planeamento se o agressor tem consciência forense, isto é, se houve manipulação da cena do crime.

Tendo em conta as variáveis da cena do crime acima descritas, Salfati e Dupont (2006) verificaram as seguintes correspondências com as tipologias do homicídio expressivo e instrumental. No homicídio expressivo observaram-se vários comportamentos impulsivos, tais como o facto de o agressor levar uma ou várias armas para o local do crime e infligir múltiplas feridas ao longo do corpo da vítima. Em muitos destes casos, os autores verificaram que as

vítimas tinham feridas no pescoço e face, o que pode indicar um ataque emocional em que o agressor ataca aquilo que é o núcleo da representação da pessoa. Os comportamentos observados levaram as autoras a considerar que os homicídios de natureza expressiva se caracterizam também pela necessidade do agressor se afastar das vítimas e do local do crime, sendo que tais elementos podem levar à sua identificação. Assim sendo, este tipo de homicídios envolve geralmente transporte da vítima já que pressupõe um distanciamento do local do crime original e a ocultação do cadáver de modo a evitar ser detido. Salfati (2002, 2001, citado por Roberts et al., 2007) também identifica como características dos homicídios com temática expressiva a violência extrema ou *blitz attack*, asfixia e desmembramento dos corpos. Ademais, neste tipo de crimes é usual que o agressor leve uma arma para a cena do crime, o que sugere que este pode ter antecipado um confronto com a vítima e/ou teve experiências prévias de confrontos violentos. Todos estes comportamentos de acordo com Salfati (2001, citado por Roberts et al., 2007) revelam um relacionamento prévio entre as partes, ou sugerem pelo menos que o agressor conhecia a vítima até determinado ponto. Assim sendo, Salfati (2000) indica que o facto de o agressor não deixar quaisquer indícios forenses que o liguem à vítima ou removê-los posteriormente aponta para o facto de não serem estranhos. Ainda caracterizados como actos expressivos são: vendar a vítima de modo a despersonalizá-la para que seja possível completar o crime contra alguém com o qual o agressor possui uma ligação emocional. Em alguns casos estes métodos pressupõem vítimas muito vulneráveis, tais como crianças ou idosos.

Salfati e Dupont (2006) concluem então, que é a importância da vítima e da relação entre esta e o agressor que assumem especial relevância e que definem as acções realizadas neste tipo de homicídios.

Nos homicídios de carácter instrumental, Salfati e Dupont (2006) referem-se sobretudo a vítimas sexualmente abusadas e à presença de roubo de propriedade. De acordo com os autores, nestes homicídios, verifica-se a presença de feridas que foram infligidas manualmente, enfatizando que o poder inerente a uma arma não é usado nestes tipos de homicídio para incapacitar a vítima. A maioria das feridas localizava-se na zona do pescoço (salientando-se o uso do estrangulamento ou corte da garganta). Salfati (2002, 2001 citado por Roberts, et al., 2007) refere que nas cenas do crime é frequente verificar que não houve tentativa de ocultação de cadáver, bem como muitas vezes os agressores nos crimes com temáticas instrumentais também deixam vestígios das armas, roupas, sangue e esperma. Tal como Salfati (2000, citado por Salfati

& Dupont, 2006) sugeriu, tais casos podem ser vistos como aqueles em que o agressor utilizou a vítima como um objecto através do qual poderia alcançar o objectivo último de sexo ou dinheiro.

De facto, muitas vezes estes homicídios são designados por “roubos que resultaram erradamente”. Os comportamentos com menor frequência neste tipo de homicídios consistem sobretudo em crimes sexuais. Estes compõem-se por penetração vaginal, anal e/ou oral, com objectos estranhos, deixando indícios sexuais nas vítimas, danificando a roupa das mesmas e deixando-as parcialmente vestidas ou totalmente nuas. Quando consideradas conjuntamente, estas acções revelam um padrão comportamental no qual os agressores vêem a vítima não enquanto um indivíduo com o qual interagem pessoalmente mas enquanto objecto a ser usado para ganho pessoal. Em alguns crimes de natureza instrumental, Salfati (2000) verificou que as vítimas eram encontradas dentro das suas casas, cobertas por um cobertor ou outro objecto funcionalmente semelhante. Este comportamento é tematicamente distinto do comportamento expressivo de ocultação do cadáver, uma vez que é mais indicativo de um gesto de vergonha, implicando que o acto de violar ou matar a vítima não se coaduna com a narrativa pessoal do agressor. Pode ser hipotetizado que é por esta mesma razão que o agressor muitas vezes incendeia o corpo ou o local do crime.

Salfati e Canter (1999), a partir das dimensões expressiva e instrumental, definiram uma tipologia com três perfis distintos: expressivo – impulsivo, instrumental – oportunista e instrumental – cognitivo. O primeiro caracteriza-se pela presença de vários comportamentos impulsivos, como feridas múltiplas desferidas ao longo do corpo da vítima, vários tipos de lesões como cortes e facadas, trazer a arma para o local do crime ou usar uma arma encontrada neste. Muitas vítimas, nestes casos, revelam feridas na face, indicando um ataque muito emocional em que o homicida agride especificamente a pessoa. No perfil instrumental – oportunista, o agressor escolhe como vítimas, mulheres e idosos, procedendo ao roubo de propriedade ou valores da casa da vítima. Neste, as feridas foram infligidas manualmente, enfatizando o poder do agressor, já que não foi necessário usar uma arma de modo a controlar a vítima. As feridas localizavam-se sobretudo no pescoço (estrangulamento muito frequente) e a cara da vítima fora coberta. Este perfil caracteriza-se também pela presença de um elemento sexual, sendo que as vítimas foram parcialmente despidas e sexualmente atacadas. Segundo os autores, estes casos definem-se pela utilização da vítima como um meio para a obtenção de sexo ou dinheiro. Por fim, o perfil instrumental – cognitivo, define-se pela ênfase cognitiva presente nestes homicídios. As cenas do

crime correspondentes a estes homicídios indicam que o agressor tentava ocultar o seu crime, quer pela execução deste fora da casa da vítima, quer tentando desfazer-se do corpo desta. Deste modo, através do transporte e ocultação do cadáver tenta não ser associado a provas que o comprometam. Ademais, este agressor caracteriza-se pela presença de consciência forense, já que tenta remover indícios como fluidos corporais, impressões digitais, a arma utilizada, entre outros.

Embora Douglas e colaboradores (1988, citado por Salfati, 2000) tenham sugerido que os comportamentos de transporte da vítima para fora da cena do crime e a ocultação do cadáver revelam agressores organizados e “frios” indicando portanto uma natureza instrumental, Salfati (2000) indica que estas duas acções ocorreram simultaneamente com outros comportamentos na dimensão expressiva do homicídio. A classificação ou categorização dos comportamentos depende então de serem ou não interpretados separada ou conjuntamente com outras acções da cena do crime. Assim sendo, quando se interpretam dentro do contexto de outros comportamentos associados com a agressão, estes comportamentos podem ser vistos como coincidentes com uma dimensão expressiva e orientada para a pessoa. No entanto, também é possível compreender estas acções como organizadas e mais específicas, mas que são designadas deste modo devido à relação entre vítima e agressor. Porque o agressor conhece a vítima ou pode de certa forma ser associado a esta ou com a própria cena do crime, existe uma necessidade de removê-la do local do crime e esconder o corpo para evitar a detecção. Mais uma vez é a importância da vítima e a relação entre esta e o agressor que são importantes nestes homicídios expressivos e que definirão as acções executadas nestes.

Assim, Salfati (2000) refere que, do mesmo modo que certos comportamentos expressivos retirados do contexto podem ter uma interpretação instrumental, determinados comportamentos instrumentais quando separados dos demais com que co-ocorrem, podem ser interpretados como tendo um significado predominantemente expressivo. Assim sendo, os componentes comportamentais dos homicídios expressivos e instrumentais podem ser compreendidos através de uma análise e interpretação mais subtil. Consequentemente, expressividade e instrumentalidade são reinterpretadas como sendo não tão-somente comportamental mas tematicamente específicas.

Quanto às características antecedentes do agressor, Salfati (2000) estabeleceu um paralelismo entre estas e aquelas expressas nos comportamentos da cena do crime. Deste modo verificou que os comportamentos nos homicídios instrumentais reflectiam como o agressor havia previamente

lidado com situações particularmente referentes à sua actividade criminal prévia. Assim sendo, estas estavam sobretudo ligadas aos antecedentes criminais do agressor como: períodos anteriores de reclusão, condenações por roubo e arrombamento, ofensas sexuais, desordem pública, danos ou agressões violentas e invasivas à vítima. Verificaram-se igualmente indicadores de desemprego da parte do agressor. Por outro lado, as características identificadas nos crimes expressivos foram tematicamente distintas daquelas verificadas nos instrumentais, incidindo especificamente na forma como o agressor lidou previamente com relações íntimas e quanto significativa era a relação deste com a vítima. Deste modo, os homicídios de natureza expressiva definem-se pelos relacionamentos pessoais e questões emocionais, sendo que é a relação entre vítima e agressor que os estrutura.

Alguns autores, tal como Berkowitz (1993, citado por Salfati, 2000) indicam que nem sempre os agressores violentos se ajustam plenamente a uma das duas categorias na dicotomia expressivo – instrumental. Ademais, Block (1977, citado por Salfati, 2000) argumenta que esta tipologia não é tão rígida que sugira que os homicídios instrumentais são sempre friamente calculados e inteiramente deliberados, sendo que os homicídios após um roubo em que existe resistência da parte da vítima consistem um exemplo desta questão. Outros autores indicam que apesar dos agressores poderem exibir mais do que uma dimensão no seu comportamento criminal, nem sempre tal se verifica exclusivamente no seu *background*. (Berkowitz, 1993; Block, 1977; citado por Salfati, 2000). Salfati (2000) também verificou que, independentemente da temática presente na cena do crime, os agressores tendem a possuir mais características de *background* instrumental, sendo que este se define sobretudo pela presença de condenações anteriores. Tal sugere, de acordo com a autora, que a maioria dos agressores cometeram homicídio enquanto parte da sua carreira criminal em geral. De facto, os resultados encontrados por Salfati (2000) apoiam esta noção, já que revelam uma correspondência considerável entre as características da cena do crime e aquelas de *background*.

Ademais, Salfati (2000) indica que se pode considerar o homicídio como um crime essencialmente expressivo, e tal explica-se porque tanto os agressores com *background* instrumentais como os agressores com *background* expressivos cometem crimes expressivos. Não obstante, deve reconhecer-se que os homicídios tendem a ser cometidos por indivíduos que possuem uma extensa história criminal. Tal explica porque a maioria dos homicídios, e especialmente os de cariz expressivo são cometidos por agressores com *backgrounds*

instrumentais. Daí decorre a conclusão de Berkowitz (1993, citado por Salfati, 2000), que os agressores violentos nem sempre se adequam claramente a uma categoria. Este sugere que alguns são altamente agressivos porque são emocionalmente reactivos (usualmente apresentam um temperamento “quente” e são facilmente irritáveis). No entanto, e de acordo com o mesmo autor, alguns destes indivíduos atacam também porque crêem que a agressão que pretendem executar compensará. Deste modo, alguns agressores podem ser vistos como mais instrumentalmente orientados, já que a sua agressão é frequentemente realizada a fim de alcançar outros desejos como a satisfação dos seus impulsos em atingir poder, estatuto e ganho monetário, entre outros.

Embora muitos estudos tenham salientado as diferenças nas acções de um indivíduo durante um crime em termos da instrumentalidade e da expressividade, Salfati (2000) indica que parece haver uma dificuldade na associação de diferentes tipos de comportamentos de cenas do crime directamente com outros comportamentos identificados anteriormente no *background* dos agressores. De acordo com Berkowitz (1993, citado por Salfati, 2000) uma das questões mais críticas na distinção entre violência instrumental e reactiva num grupo de agressores violentos é o facto de que muitos agressores violentos têm um historial de ofensas não só instrumental mas também expressiva. Ademais, um agressor que comete um crime instrumental pode tornar-se violento com a vítima e enveredar por uma agressão reactiva ou expressiva. Estes autores verificaram igualmente que os agressores não reflectem nos seus crimes uma natureza exclusivamente instrumental ou expressiva. Indicam também que a violência expressiva deve ser considerada a forma mais básica de agressão e a violência instrumental deve ser pensada enquanto um marcador de um desenvolvimento mais patológico já que reflecte uma capacidade de utilizar a agressão para atingir objectivos.

Roberts e colaboradores (2007), por sua vez, desenvolveram uma tipologia motivacional do homicídio através da análise dos casos de Homicídios em Nova Jersey. Os quatro motivos identificados por estes autores foram: homicídio por alteração ou discussão, delitos, violência doméstica e acidentes. O primeiro motivo identificado prende-se com uma alteração entre vítima e agressor, sendo que nesta categoria se incluem os homicídios precipitados por discussões. Estes homicídios caracterizam-se por uma percepção aumentada de perda de dinheiro ou propriedade, levando a uma discussão com base nos motivos apontados anteriormente. Embora se inicie como uma disputa verbal conduz frequentemente à agressão física. Já nos homicídios originados por delitos, os agressores matam as suas vítimas durante a prática de um crime. Deste modo, os

homicídios são cometidos durante o cometimento ou como forma de cometer outros crimes, tais como roubo, furto, rapto, entre outros. Nestas categorias, Roberts e colaboradores (2007) consideram que estes homicidas são guiados por motivações instrumentais, tais como as definidas por Salfati (2001, citado por Roberts et al., 2007). Nos homicídios provocados por violência doméstica ou violência entre parceiros íntimos, os agressores são familiares, cônjuges ou ex-cônjuges, parceiros íntimos que coabitam, ou namorados das vítimas. Esta categoria de homicídios é geralmente precipitada, não pelas intenções de cometer um crime ou atingir quaisquer objectivos instrumentais, mas devido a complexidades e fragilidades nos relacionamentos que envolvem sexo, amor e emoções. Por fim, têm-se os homicídios acidentais que, de acordo com Roberts e colaboradores (2007), consistem sobretudo de acidentes com automóveis após o consumo de álcool ou drogas.

Para além das tipologias motivacionais expressas, outros autores salientam a relação entre vítima – agressor como uma variável pertinente através da qual se podem desagregar os homicídios.

No que concerne esta relação, Wolfgang (1958, citado por Varano & Cancino, 2001) considerou-a como um elemento fundamental no homicídio uma vez que esta é identificada enquanto “a dynamic relationship between two or more persons caught up in a life drama where they operate in a direct, interactional relationship” (p.6). Também Silverman e Mukherjee (1987, citado por Salfati, 2000) salientam a importância desta relação, definindo homicídio como um acontecimento social no qual existem pelo menos dois actores e uma relação social que assume um papel dinâmico no modo como o homicídio decorre. Deste modo se verifica o carácter dinâmico da referida relação, evidenciando-se a interacção que se processa entre a vítima e o agressor.

Esta relação tem sido operacionalizada de diversos modos. Alguns autores como Messner, Tardiff e Sampson (1985, 1987 citado por Varano & Cancino, 2001) diferenciaram-na de acordo com a dicotomia conhecidos – desconhecidos. Por sua vez, outros autores procederam à sua classificação enquanto primária ou secundária (Loftin, 1986, citado por Smith, 2001). As relações primárias consistem naquelas verificadas entre familiares, namorados e amigos, sendo que as secundárias se definem como aquelas entre conhecidos e estranhos. Por sua vez, Decker (1993, citado por Varano & Cancino, 2001) distingue seis categorias diferentes na relação entre vítima –

agressor como: estranhos, conhecidos, amigos, familiares, ligações românticas e relação desconhecida.

Silverman e Mukherjee (1987, citado por Salfati, 2000) hipotetizam que a relação social entre vítima e agressor deva consistir numa componente essencial na análise do homicídio já que os níveis de intensidade associados às relações íntimas dependem do tipo de homicídio que ocorre.

Alguns autores estabeleceram uma relação interactiva entre a relação vítima – agressor e o motivo.

Decker (1996, citado por Varano & Cancino, 2001) afirma que o nível de intimidade actua como protector de determinados tipos de violência. Baseando-se neste pressuposto, este autor afirma que seria expectável que os motivos expressivos entre vítima e agressor possuidores de uma relação íntima, devido ao seu contacto intenso e regular, levem mais provavelmente a níveis de raiva que excedem as propriedades protectoras dos relacionamentos íntimos. Por sua vez, a relação entre estranhos que se caracteriza por uma fraca intensidade devido à inexistência de contacto regular, não possui os mesmos constrangimentos contra a violência instrumental. Assim, os estranhos não se encontram vinculados ao mesmo código moral e laços sociais que restringem a disponibilidade da violência para o ganho instrumental. Não obstante, apesar das regularidades encontradas na correspondência entre as tipologias instrumentais e expressivas e a relação vítima – agressor, existem eventos anti-normativos. Deste modo, nem sempre as características protectoras do relacionamento íntimo prevalecem e a violência instrumental surge.

Bijleveld e Smit (2006), na sua análise dos homicídios na Holanda em 1998, identificaram como propriedades relevantes do homicídio: a vítima, o agressor e o acontecimento em si mesmo. Para verificar até que ponto grupos ou tipos distintos e homogéneos emergiam, usaram duas dimensões para classificar os homicídios: o motivo e a relação vítima – agressor. Quanto ao motivo este dividia-se em: antecedentes criminais, sexual, roubo e disputa. O primeiro prende-se com os homicídios relacionados com actividades criminais nos quais o agressor e a vítima estão envolvidos. No segundo, o homicídio é precedido por uma ofensa sexual. No terceiro, o roubo, a motivação básica do agressor é roubar propriedade pertencente à vítima. Por fim, na disputa, o homicídio ocorre após uma disputa ou luta.

Nos casos em que o homicídio se classificava como resultado de antecedentes criminais, estes autores procederam a uma nova divisão dos casos em: assassínio a contrato (assassínio planeado

entre criminosos), droga (quando por exemplo um traficante de droga é morto numa disputa por um cliente) e criminal (quando nenhuma das anteriores classificações se aplicava).

Nos casos em que o motivo consistia numa disputa, tal levou a uma posterior subdivisão consoante o tipo de relação entre vítima e agressor. Logo, categorizaram-se os casos de homicídio como ocorrendo numa relação íntima ou familiar, entre conhecidos ou estranhos. Ademais, quando os homicídios não se inseriam em nenhuma das classificações anteriores, foram divididos em outras três categorias: outros (revelando outro motivo que não os mencionados), psicóticos (apresentando um motivo bizarro ou aparentemente psicótico) ou desconhecidos (quando não existia informação suficiente para classificar os homicídios).

Bijleveld e Smit (2006) verificaram que os homicídios podem ser estruturados numa solução bidimensional. A primeira dimensão foi designada como pessoal – negócios e a segunda como acordo – escalada agressiva. A dimensão pessoal – negócios compreendia os homicídios motivados por questões familiares até aqueles, no outro pólo do espectro, relacionados com criminalidade organizada. A dimensão acordo – escalada agressiva abrangia, por sua vez, aqueles homicídios planeados e distantes, no primeiro pólo até aos casos de homicídio agressivos, baseados num envolvimento pessoal entre vítima e agressor. Esta dimensão é considerada pelos autores como sendo análoga à instrumental – expressiva descrita por Salfati. Deste modo, verificou-se que os homicídios entre indivíduos com relacionamentos de ordem primária envolvem motivos expressivos, sendo que aqueles de carácter secundário envolvem geralmente motivos instrumentais.

Através da apresentação destas tipologias, percebe-se que na maioria destas, tanto as motivacionais como as relacionais, se verifica um paralelismo com as dimensões expressiva e instrumental referidas por Salfati (Salfati e Canter, 1999, Salfati, 2000, Salfati e Dupont, 2006).

No que concerne a tipologia organizado – desorganizado definida por Ressler e colaboradores (1988, citado por Salfati, 2000), denota-se a correspondência entre o agressor organizado e a dimensão instrumental, bem como aquela entre o agressor desorganizado e expressivo.

Também a tipologia motivacional desenvolvida por Roberts e colaboradores (2007), que postula quatro motivações básicas para o homicídio (homicídio por alteração ou discussão, delitos, violência doméstica e acidentes) revela semelhanças com as dimensões enunciadas por Salfati. Deste modo, nos homicídios originados por delitos, a orientação instrumental é notável já que, nestes, os homicidas matam as suas vítimas durante a prática de um crime. Já os homicídios

provocados por violência doméstica ou entre parceiros íntimos são geralmente precipitados, não pelas intenções de cometer um crime ou atingir quaisquer objectivos instrumentais, mas devido a complexidades presentes nos relacionamentos, revelando assim uma orientação expressiva.

Por sua vez, Bijleveld e Smit (2006) verificaram também que a sua dimensão acordo – escalada agressiva que, abrangendo os homicídios planeados e distantes, no primeiro pólo até aos casos de homicídio agressivos, baseados num envolvimento pessoal entre vítima e agressor apresenta similitudes dimensão é considerada por Bijleveld e Smit (2006) como sendo análoga à instrumental – expressiva descrita por Salfati (2001, citado por Bijleveld & Smit, 2006).

No entanto, os agressores não reflectem nos seus crimes uma natureza exclusivamente instrumental ou expressiva. Assim, segundo Berkowitz (1993, citado por Salfati, 2000), um agressor que comete um crime instrumental pode tornar-se violento com a vítima, escalando para uma agressão reactiva ou expressiva. Não obstante, estas dimensões permitem definir a orientação e o estilo do agressor, como mais instrumental ou mais expressivo, funcionando muitas vezes como base à criação de novas tipologias (tal como: instrumental - cognitivo, instrumental - oportunista e expressivo - impulsivo).

CAPÍTULO II – ESTUDO EXPLORATÓRIO

1.Objectivos da Investigação

Muitas das tipologias apresentadas parecem relacionar-se com as dimensões definidas por Salfati (Salfati e Canter, 1999; Salfati, 2000; Salfati e Dupont, 2006). Crê-se que tal se deve ao facto destas permitirem estabelecer orientações e estilos de agressores. Assim, caracterizar um agressor como tematicamente orientado para uma dimensão instrumental ou expressiva, não implica definir de modo inflexível os comportamentos que são apresentados como pertencentes a uma ou outra categoria. Outras tipologias assumem-se como comportamentalmente rígidas, dificilmente se adequando a outros padrões de condutas.

Salfati e Canter (1999) baseiam-se no pressuposto da consistência, considerando que existe uma estabilidade no modo como os agressores actuam no presente e os seus comportamentos no passado, sendo que as manifestações comportamentais na cena do crime podem ser analisadas no sentido de permitirem compreender diferentes estilos de homicídio e o tipo de indivíduo responsável. Não obstante, de acordo com Salfati e Dupont (2006) um agressor pode possuir um *background* instrumental sem que tal impossibilite a perpetração de agressões de carácter expressivo. Por sua vez, para Berkowitz (1993, citado por Salfati, 2000), um agressor que comete um crime instrumental pode tornar-se violento com a vítima, escalando para uma agressão reactiva ou expressiva.

Neste estudo pretende-se identificar os padrões de conduta criminal que possibilitem a definição de perfis criminais. São estes perfis que permitem o desenvolvimento uma tipologia do homicídio. À semelhança de outros estudos (Douglas et al., 1986; Salfati e Dupont, 2006; Bijeleveld e Smit, 2006; Roberts et al., 2007), a presente definição de uma tipologia do homicídio parte da análise da cena do crime e dos comportamentos realizados por vítima e agressor como unidade de análise. No entanto, neste estudo exploratório parte-se de uma recolha de informação mais diversificada. Procede-se assim à avaliação das características referentes ao comportamento criminal da vítima e do agressor, mas também da relação que estabeleciam entre si, das características sócio-demográficas de ambos, psicológicas e jurídico-penais do agressor.

Ademais, como objectivo específico pretende-se evidenciar a multiplicidade de factores que caracterizam os padrões de comportamento criminal. Deste modo, pretende contribuir para que este fenómeno seja melhor compreendido, tendo como base estes padrões na definição de perfis e por fim, na construção de uma tipologia.

2. Método

2.1 Participantes

Deste estudo fizeram parte 138 casos de homicídios investigados pela 1^a, 2^a e 3^a Brigadas de Homicídios da Directoria de Lisboa. Os sujeitos consistiram nos homicidas e vítimas a que se referiam os casos reportados, tendo esta amostra sido recolhida através de um método de amostragem não probabilístico, constituindo-se numa amostra de conveniência.

Dos 138 indivíduos que cometeram homicídio, 93,4% eram homens e apenas 6,6% eram mulheres, com uma idade média de aproximadamente 40 anos ($DP=14,973$), com uma idade mínima de 18 e máxima de 80 anos (ver tabelas 3 e 4 da caracterização sócio - demográfica no Anexo A).

Quanto às vítimas, das 132 que se tem informação, 48,6% eram mulheres e 51,4% homens. Estes possuíam uma média de idade de aproximadamente 42 anos ($DP= 17,089$), sendo que a vítima mais nova possuía 9 anos e a mais velha 82 (ver tabelas 14 e 15 da caracterização sócio - demográfica no Anexo A).

2.2 Material

O instrumento utilizado neste estudo designa-se por Questionário para a Investigação do Perfil do Agressor Violento. Este foi originalmente construído pela Unidade de Ciências Comportamentais do FBI para a definição do perfil de homicidas e violadores em série. Garrido (2003) adequou-o à realidade criminal espanhola, sendo que posteriormente, o Gabinete de Psicologia e Selecção do Instituto Superior da Policia Judiciária e Ciências Criminais adoptou a sua utilização no âmbito do Projecto: “Construção de uma Base de Dados para a elaboração de Perfis Criminais – Estudo Piloto para o Crime de Homicídio”.

Este é constituído por três partes distintas. A primeira parte consiste nos dados recolhidos no momento em que se descobre o acto criminoso (ver tabela 1). Quanto a este, avaliam-se os actos delituosos que o compõem, isto é, se se trata de uma tentativa ou efectiva perpetração de Homicídio, Violação, Abusos sexuais, Lesões graves, Roubo, Suicídio ou outros. Nesta parte é igualmente avaliada a duração aproximada da agressão, bem como a hora e o dia da semana em

que ocorreu. Ainda a um nível temporal também se inquire acerca do tempo passado desde a ocorrência até a vítima ser encontrada e a hora em que efectivamente tal sucedeu. Questiona-se também acerca do local onde ocorreu o delito e onde a vítima foi encontrada, tipo de lesões que a vítima apresenta, tal como arranhões, feridas contusas, esquartejamento, queimaduras, entre outras, zona do corpo onde as feridas foram infligidas, o tipo de arma utilizada na agressão, como martelos, pedras, navalhas ou armas de fogo. Na eventualidade de ter sido utilizada uma arma de fogo, interessa também saber se era uma pistola, caçadeira, entre outras. No sentido de descrever detalhadamente o acto criminoso também se questiona se existe alguma característica do crime que seja ritualista, solicitando-se uma descrição pormenorizada se for esse o caso. O motivo do crime é também inquirido, ou seja, se este é económico, relacional, sexual, entre outros. Posteriormente, avalia-se a relação entre a vítima e o agressor. Deste modo, questiona-se acerca do grau em que a vítima conhecia o seu agressor e qual a relação entre eles. Também se inquire acerca da existência de contacto prévio entre os referidos intervenientes e, se tal for o caso, se houve algo que indicasse premeditação. Os comportamentos que ocorreram durante o crime também são inquiridos de modo a compreender se o agressor insultou ou humilhou a verbalmente a vítima, se esta foi amordaçada ou atada, ou se o agressor a tratou de modo cordial, entre outros. De seguida avaliam-se os comportamentos do agressor perante a vítima antes do acto, bem como quais os comportamentos que a vítima estava a realizar antes da agressão ter ocorrido. Posteriormente, inquire-se acerca daquilo que o agressor fez perante a vítima após a agressão. De seguida avalia-se se ocorreram actos de defesa da vítima (isto é, se se verificou passividade da mesma, se houve defesa verbal ou física como pontapés, arranhões, entre outras agressões). Ademais, também se recolhe informação sobre a participação de mais indivíduos na agressão. Caso se verifique pede-se uma descrição dos tipos de participação de cada um. Por fim, solicita-se a indicação se o agressor deixou ou levou algo da cena do crime ou algo pessoal da vítima consigo.

Tabela 1. Dados recolhidos sobre o Comportamento Criminal

Variáveis:

Tipo de Homicídio
Duração aproximada da agressão
Dia da semana
Tempo desde a ocorrência até a vítima ser encontrada
Local do delito
Local onde foi encontrada
Tipo de lesões
Zona das lesões
Tipo de arma utilizada na agressão
Tipo de arma de fogo
Característica ritualista do crime
Motivo do crime
Relação entre vítima e agressor
Premeditação
Comportamentos que ocorrem durante o crime
Comportamentos do agressor perante a vítima antes do acto
Comportamentos que a vítima estava a realizarem antes da agressão ter ocorrido
Comportamentos do agressor após o acto
Objectos deixados/retirados no local do crime

A segunda parte do questionário refere-se aos dados da vítima (ver tabela 2). Inicialmente avaliam-se as características sócio demográficas da vítima, isto é, o sexo, idade, raça/etnia, nacionalidade, estado civil profissão, habilitações literárias, local de residência e condições de habitabilidade da mesma. Em seguida, procede-se à recolha de informação sobre a sua forma de vida, isto é, se vivia sozinha, com os pais, maritalmente, entre outras. Ainda nesta parte do questionário se avalia se a vítima fora agredida anteriormente.

Tabela 2. Dados recolhidos sobre a Vítima

Variáveis:
Sexo
Idade
Raça/etnia
Nacionalidade
Profissão
Estado Civil
Habilitações Literárias
Local de residência
Condições de Habitabilidade
Forma de vida
Vítima de agressões anteriores

Por fim, seguem-se os dados a recolher no interrogatório ao presumível criminoso (ver tabela 3). Uma vez que esta parte se centra nas características do agressor, primeiramente avaliam-se as características sócio – demográficas do mesmo (idade, sexo, raça, nacionalidade, estado civil, habilitações literárias e profissão do mesmo). Em seguida avalia-se as características físicas (adornos externos, tatuagens, descrição das roupas do agressor) e comportamentais (mostra-se desafiante, gaba-se da agressão, entre outras) do agressor no decorrer do interrogatório.

Tal como para a vítima, também se avalia o estilo de vida do criminoso (local de residência, condições de habitabilidade, forma de vida). No entanto, adicionalmente solicita-se uma avaliação dos antecedentes psiquiátricos deste e, caso existam, qual o diagnóstico. Ademais, recolhe-se informação sobre a infância do mesmo (se provém de uma família monoparental, se se encontrava institucionalizado, se sofreu abusos sexuais, entre outros). Quanto à relação com a vítima, questiona-se se este já conhecia a vítima, a que distância vive da mesma, se guarda recordações da mesma e, caso tal se verifique, que tipo de objectos guarda. Avaliou-se também o que o agressor fez depois da agressão (se contactou familiares da vítima, se os ameaçou, entre outras acções), qual o motivo que reporta para o crime que alegadamente realizou (por vingança, sexual, económico, entre outros) e a opinião deste acerca da vítima (tal como se é provocante, se

tem valores tradicionais, etc.). Por fim, avalia-se a opinião do respondente quanto à possibilidade do agressor ter cometido outros delitos que não tenham sido detectados e se este considera o criminoso como perturbado, normal, entre outras características.

Tabela 3. Dados recolhidos sobre o Agressor

Variáveis:
Sexo
Idade
Raça/etnia
Nacionalidade
Profissão
Estado Civil
Habilitações Literárias
Local de residência
Condições de Habitabilidade
Forma de vida
Infância
Características físicas
Características comportamentais durante o interrogatório
Presença de Antecedentes Psiquiátricos e Diagnóstico
Consumo de Substâncias
Presença e Tipo de Antecedentes Criminais
Tipo de Antecedentes Criminais
Motivo do crime segundo o agressor
Opinião do Investigador sobre a história Criminal do agressor
Opinião do investigador sobre se o agressor é normal, perturbado, entre outros

2.3 Procedimento

Embora toda a informação presente advinha dos processos de homicídios investigados pela Polícia Judiciária, nem todos os dados foram recolhidos do mesmo modo. Assim sendo, alguns dos questionários foram preenchidos por Psicólogos do Gabinete de Psicologia e Selecção dispondo do Relatório de Abertura de Investigação, Relatório da Autópsia e outros documentos relevantes. Outros dados foram obtidos através de questionários preenchidos directamente pelos Inspectores responsáveis por cada processo. Ademais, realizaram-se entrevistas com estes, no sentido de obter informação sobre novos casos e também de modo a completar ou esclarecer alguma da informação já contida nos questionários.

2.4 Tratamento preparatório dos Dados

Devido à extensão do questionário e respectivas opções de resposta, bem como ao facto das respostas muitas vezes não se adequarem completamente àquelas previstas pelo questionário, foi necessário proceder à sua transformação de modo a obterem-se categorias que efectivamente traduzissem a informação presente nos mesmos. Deste modo, algumas das variáveis, nomeadamente as mais relevantes para posterior análise, foram recategorizadas de modo a agrupar a totalidade das respostas sem perder informação potencialmente relevante para o presente estudo (consultar categorias das variáveis de comportamento criminal na Tabela 1 e 2 do Anexo A).

Após esta fase prévia de preparação dos dados iniciou-se a análise dos dados propriamente dita, através da Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) e sua articulação com a Análise de *Clusters*.

A ACM permite “identificar as dimensões que estruturam o espaço em análise (...) e visualizar a sua configuração topológica” (Carvalho, 2008, p.193). Este método possibilita assim a gestão de múltiplas variáveis categorizadas numa relação de interdependência mas, permite igualmente captar as configurações definidas pela articulação das suas categorias. Deste modo, verificando-se a existência de diferentes grupos, é possível identificar o número de grupos que coexistem nesse espaço, ficando-se a conhecer também os seus perfis.

Se por um lado, através da Análise de Correspondências Múltiplas, é possível identificar as dimensões que estruturam o espaço em análise, visualizando a sua configuração topológica, por outro, a utilização de um método como a Análise de *Clusters* permite poder continuar a investir no conhecimento desses grupos, envolvendo essa nova partição dos grupos em análise noutros tratamentos estatísticos.

Deste modo, pode assim ver-se na articulação destes dois métodos de análise de dados uma estratégia para, a partir da configuração topológica, se passar à definição de uma tipologia e à identificação dos perfis associados.

CAPITULO III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

1. Resultados

1.1 Comportamento Criminal

Procede-se em seguida à descrição dos dados sócio – demográficos, psicológicos, criminais e jurídico – penais (ver tabelas 3 a 44 do Anexo A). No que concerne às variáveis de caracterização sócio – demográfica, refere-se a nacionalidade, etnia, estado civil, filhos e número destes, local de residência, forma de vida e profissão da vítima e agressor. Os dados psicológicos dizem respeito à presença de antecedentes psiquiátricos, o seu diagnóstico e o consumo de substâncias. Já as variáveis jurídico – penais referem-se à presença e tipo de antecedentes criminais, tal como as características do agressor durante o interrogatório. Por fim, as variáveis do comportamento criminal compreendem: o tipo de homicídio, tipo de lesões, zona das lesões, local do delito, local onde a vítima foi encontrada, arma utilizada, tipo de arma de fogo, motivo da agressão, ocultação de cadáver, comportamento da vítima antes da agressão, comportamento do agressor após o delito e, por fim, a relação entre vítima e agressor.

1.1.1 Dados sócio – demográficos

No que concerne aos dados sócio-demográficos, a maioria dos agressores, 72,4%, eram portugueses. No entanto, salientam-se também aqueles de nacionalidade cabo-verdiana, que correspondem a 14,9% dos indivíduos. Predominantemente os sujeitos eram caucasianos, correspondendo a 70,6% da amostra, embora também se saliente a etnia negra em 25% dos indivíduos. As restantes etnias encontram-se pouco representadas na amostra, sendo que 3,6% dos sujeitos são ciganos e apenas 0,7% são asiáticos.

Em relação ao estado civil, 57,1% dos agressores são solteiros, enquanto que 33% são casados, 8% divorciados e os restantes 1,8% são viúvos. Dos 49 indivíduos que têm filhos, 54,8% tem apenas um, 28,6% possui dois, sendo que 16,7% tem três ou mais filhos.

No que diz respeito ao local de residência dos agressores, dos 124 casos em que se tem esta informação, 80,6% habitava na cidade, 11,3% numa vila e apenas 8,1% residia numa aldeia previamente à detenção. Ademais, no que diz respeito à forma de vida, verificou-se que 47,5% dos homicidas estava casado ou vivia maritalmente com parceiro(a), 17,8% vivia sozinho, 21,2% habitava com os pais e 7,6% com amigos ou familiares. Dos 121 agressores de que se conhecia a

profissão, 31,4% trabalhava na área dos serviços, 21,5% trabalhava em construção civil e 19% encontrava-se desempregado ou sem ocupação.

Quanto às vítimas, em relação ao estado civil, 45,2% destas eram casadas, 42,6% solteiras, 7% divorciadas e as restantes 5,2% viúvas. Das 67 vítimas que tinham filhos, 49,2% possuía apenas um, sendo que 37,3% possuía dois e 13,6% tinha três ou mais filhos.

De modo semelhante aos agressores, das 112 vítimas cuja nacionalidade é conhecida, 78,7% eram portuguesas, salientando-se igualmente as de origem cabo-verdiana, que corresponde a 8,7% dos indivíduos. Ademais, das 127 vítimas de que se conhecia a etnia, 75,6% eram caucasianas, 22% negras e apenas 2,4% eram ciganas. Quanto ao local de residência, das 125 vítimas que se possui tal informação, a maioria, 82,4%.habitava na cidade, 11,2% numa vila e 6,4% numa aldeia. Relativamente à sua forma de vida, das 125 vítimas de que se possuía este dado, na sua maioria, 52,8% das vítimas se encontrava casada ou vivia maritalmente no momento do delito, sendo que 16,3% das vítimas vivia com os pais. Ademais, 15,4% vivia sozinha e apenas 8,9% das vítimas viviam com outros familiares ou amigos. Das 114 vítimas de que se conhecia a profissão, 43% trabalhava na área dos serviços, 24,6% encontrava-se desempregada ou sem ocupação e 13,2% estava reformada.

1.1.2 Dados psicológicos

No que se refere às variáveis psicológicas, apenas 14,4% dos 111 agressores de que se conhecem antecedentes psiquiátricos, apresenta psicopatologia. Quanto ao diagnóstico, 5,4% revela depressão, 1,8 apresenta esquizofrenia, 0,9% manifesta depressão e mania. De igual modo, apenas 0,9% dos indivíduos revela psicopatia. Por fim, desconhece-se o diagnóstico em 4,5% dos indivíduos com antecedentes psiquiátricos.

Quanto ao consumo de substâncias no momento de delito, dos 114 agressores dos quais se possui esta informação, 63,2% estavam sóbrios, 27,2% estavam alcoolizados, 5,3% estavam drogados. Em 1,8% dos casos, o agressor estava sob efeito de álcool e drogas e, em igual percentagem, estavam sob efeito de medicação. Por fim, 0,9% estavam sob efeito de uma substância desconhecida.

1.1.3 Dados jurídico-penais

Quanto aos dados jurídico – penais do agressor, dos 120 indivíduos de que se possui informação acerca da presença de antecedentes criminais, a maioria não possuía qualquer registo de delitos previamente ao crime de homicídio, correspondendo a 59,2% dos indivíduos.

Relativamente aos restantes indivíduos possuidores de registo criminal, apenas em 11,7% dos casos este se devia ao mesmo delito, sendo que 29,2% foram indiciados por outros delitos.

No que concerne as características do agressor no momento do interrogatório, dos 68 indivíduos de que se tem esta informação, 47,1% destes mostrou-se assustado, nervoso, revelando sintomas de retraimento social, 26,5% gabou-se da agressão, mostrando-se indiferente ou desafiante, 22,1% negou a agressão mesmo quando confrontado com as evidências, e 4,4% revelou comportamentos ambíguos e inconsistentes.

1.1.4 Dados criminais

Quanto às variáveis de comportamento criminal, dos 138 homicídios que constituem a amostra, 15,9% referem-se ao homicídio seguido de suicídio ou tentativa deste por parte do agressor e apenas 2,9 homicídios na presença de crimes sexuais e/ou roubo.

No que concerne ao local em que o delito, a maioria dos homicídios, 28,3%, foi cometido no domicílio onde vítima e agressor coabitavam ou nas imediações deste, sendo que 22,3% ocorreu no domicílio da vítima ou nas suas imediações. Os delitos cometidos na via pública assumem igualmente alguma expressividade, correspondendo a 18,1% da amostra. Relativamente ao local em que a vítima foi encontrada, verificam-se novamente os locais acima referidos. Como tal, a maioria das vítimas, 24,8% é encontrada no domicílio que partilha com o agressor, 22,6% na sua própria casa ou perto desta e 21,9 % na via pública.

Quanto ao tipo de lesões apresentadas pelas vítimas, a maior parte, 43,7% possuía feridas causadas por munições, 30,4% revelavam feridas incisivas e 11,1% demonstravam vários tipos de lesões. No que diz respeito à zona do corpo onde se encontravam tais lesões, das 120 vítimas de que se possui esta informação, 43,3% apresentava feridas em diversos locais, 15% apenas na cabeça e 9,2% no tórax. A arma mais utilizada é claramente a arma de fogo, correspondendo a 44,9% da amostra. Dos sujeitos que empregaram este tipo de arma, 35,5% optou pelo uso da

caçadeira, 33,9% pela pistola e 19,4 pelo revólver. Não obstante, 31,2% optaram pela arma branca, 10,9% escolheram outras armas¹ e 10,1% utilizaram apenas a força física.

Quanto àquilo que originou a agressão, na maioria dos homicídios, 37,6%, a motivação subjacente prendia-se com um relacionamento íntimo entre vítima e agressor (podendo abranger ciúmes, problemas conjugais, entre outros), 20,3% das agressões resultaram de uma discussão acalorada, 12% de questões económicas, 9,8% de vingança, 3,8% de abuso de substâncias ou perturbações psicológicas, 3% de operações policiais e por fim, apenas 2,3% de tráfico de droga. 6% dos homicídios iniciaram-se devido a outros motivos² e em 5,3% dos casos não havia motivo aparente ou tratava-se de um acidente.

Pode verificar-se também, que somente em 7,5% dos homicídios nesta amostra se verificou ocultação do cadáver pelo homicida. No entanto, constata-se que, em 51,2% dos casos, o agressor premeditou o delito.

Quanto aos comportamentos verificados durante o homicídio, dos 79 casos em que se possui essa informação, 58,2% consistiu em agressões físicas entre vítima e agressor, sendo que 24,1% se caracterizou pelo tiroteio entre estes ou apenas pelo baleamento da vítima. Já no que diz respeito aos comportamentos da vítima antes da agressão, dos 109 processos de homicídio de que se possui tal informação, 51,4% estava em sua casa ou nas imediações desta, sendo que 14,7% estava a passear ou a divertir-se. Por sua vez, no que concerne os comportamentos antes da agressão, do agressor e vítima, a maioria dos 108 homicídios, 40,7%, caracterizava-se por agressões físicas e 23,1% por uma troca de ameaças ou discussão entre ambos. Ainda assim, em 22,2% casos de homicídio, estes interagiam pacificamente no período que antecedeu o delito. Após a agressão, em 123 homicídios, 48% dos agressores fugiu, 17,1% entregou-se às autoridades, 15,4% cometeu ou tentou o suicídio e 4,1% tentou ocultar a sua participação no ocorrido.

¹ Tais como: força física; ácido e asfixia; esticador de bagageira; gasolina; projectada para o chão enquanto conduzia; pedra (objecto contundente); navalha/faca/canivete; força física e fita para concretizar esganadura; maceta de pedreiro; ferro de engomar; martelo e navalha/faca/canivete; força física e atropelamento; navalha/faca/canivete e força física; martelo e navalha/faca/canivete; navalha e água a ferver.

² Outros motivos como: problemas de saúde da vítima; vítima acamada e totalmente dependente de terceiros; sexual, chantagem e consumo de drogas; medo por ter sofrido ameaça; para encobrir a violação; diferenças laborais; agressor pensava que estava a ser roubado e outros não especificados.

Por fim, considerando a relação entre vítima e agressor, dos 135 casos que se tem esta informação, 46,7% possuíam uma relação íntima entre si, 23% eram conhecidos e 14,1% eram desconhecidos. Salienta-se ainda que 9,6% possuíam uma relação de amizade e apenas 6,7 eram familiares.

1.2 Configuração Topológica do Espaço em Análise

Partindo da premissa veiculada por Salfati e Canter (1999, citado por Salfati & Dupont, 2006), de que existe uma consistência no modo como os agressores actuam no presente e os seus comportamentos no passado, pode considerar-se que as manifestações comportamentais na cena do crime podem ser analisadas no sentido de permitirem compreender os diferentes estilos de homicídio, expressivo e instrumental, e o tipo de agressor responsável por cada um deles.

Assim sendo, tomando como referência as variáveis que definem o comportamento criminal, conduziu-se uma ACM. Seleccionaram-se como variáveis de input: o tipo de homicídio, tipo de lesões, zona das lesões, local do delito, local onde a vítima foi encontrada, arma utilizada, tipo de arma de fogo, motivo da agressão, ocultação de cadáver, comportamento da vítima antes da agressão, comportamento do agressor após o delito e, por fim, a relação entre vítima e agressor.

De forma a avaliar a qualidade das dimensões e assim tomar uma decisão acerca do número adequado destas para configurar o espaço em análise, começou-se por analisar a variância explicada por cada uma delas, através dos valores próprios e da inércia. Enquanto que os valores próprios (*Eigenvalues*) quantificam a variância explicada por dimensão, a inércia refere-se à variância mas em termos relativos.

Pode verificar-se que tanto o valor próprio como a inércia tendem a decrescer com o aumento do número de dimensões (ver Tabela 1 do Anexo B). Verifica-se igualmente que são as dimensões 1, 2 e 3 as que não só possuem valores próprios mais elevados (4,736, 4,676 e 3,751 respectivamente) e alphas de Cronbach superiores a 0,5 (condição necessária à presença de consistência interna na dimensão em causa), sendo que também as que apresentam os valores de inércia mais elevados (0,395, 0,390 e 0,313 respectivamente).

No entanto, apesar de ser habitual seleccionar um pequeno número de dimensões para interpretar, julga-se importante validar essa escolha. Para tal, Carvalho (2008) sugere que previamente se analise o decréscimo dos valores das inércias do número máximo de dimensões³, inclusive por via da sua representação gráfica. Assim, será possível avaliar quais as dimensões mais representativas em termos de variância explicada. Observando a representação gráfica da variância das dimensões (ver figura 1 do Anexo B), claramente se identifica o ponto a partir do qual o valor de inércia deixa de apresentar descidas acentuadas. Assim, apesar das duas primeiras dimensões deterem o destaque, a terceira ainda sobressai relativamente às restantes. Não obstante o facto de esta ser uma dimensão com menor variância explicada, tal não impede que seja analiticamente pertinente. Para compreender esta questão é necessário proceder a uma análise mais detalhada, nomeadamente das medidas de discriminação para decidir se se justifica a sua escolha. De acordo com as medidas de discriminação, as únicas variáveis que claramente contribuem para a inércia da terceira dimensão são o Local do delito e o Local onde a vítima foi encontrada (0, 711 e 0, 761 respectivamente). Ademais, as referidas variáveis contribuem bastante para a inércia das duas outras dimensões (Tabela 2 do Anexo B). Assim sendo, e porque a) conceptualmente seria desprovido de sentido ter uma dimensão com apenas estas duas variáveis e b) estas contribuem bastante para a inércia das dimensões 1 e 2, optou-se por uma solução bidimensional.

Considerando ainda as medidas de discriminação, mas agora só relevando as duas primeiras dimensões, percebe-se que na primeira dimensão têm-se as variáveis: tipo de homicídio, tipo de lesões, arma utilizada, tipo de arma de fogo, motivo da agressão e comportamento do agressor após o delito. Quanto à segunda dimensão as variáveis que mais contribuem para a sua inércia são: o local do delito, o local onde a vítima foi encontrada, a zona das lesões, ocultação de cadáver, o comportamento da vítima antes da agressão e a relação entre vítima e agressor. Pode assim dizer-se que há uma oposição nas variáveis de comportamento criminal assente na dicotomia vítima – agressor, sendo que a primeira se refere às variáveis do comportamento criminal que definem o agressor e a segunda àquelas que definem a vítima.

³ O número máximo de dimensões corresponde a $p-1$. Sendo que p representa o número de categorias activas (77), $p-1$ será 76. Logo, o número máximo de dimensões é 76.

Para melhor compreender a referida oposição sugere-se a visualização da representação gráfica das medidas de discriminação (ver figura 2 do Anexo B). Mais uma vez, verifica-se que as variáveis: tipo de lesões, motivo, comportamento do agressor após o delito, tipo de arma, tipo de arma de fogo e tipo de homicídio parecem agrupar-se, contribuindo mais para a inércia da primeira dimensão. Por sua vez, as variáveis: ocultação de cadáver, zona das lesões, comportamento da vítima antes da agressão e relação entre vítima e agressor contribuem claramente para a segunda dimensão.

De notar é também o facto das variáveis Local do delito e Local onde a vítima foi encontrada destacarem-se das restantes, ao discriminarem muito nas duas dimensões. Contudo, possuir valores de medidas de discriminação elevados em ambas as dimensões significa que não se destacam na definição de nenhuma destas. É portanto devido a esta dupla inclusão de algumas variáveis nas dimensões, que uma clara definição destas se torna difícil. No entanto, através da análise das coordenadas e das contribuições das categorias, a sua definição pode tornar-se mais clara (ver Tabelas 3 a 26 do Anexo B)⁴.

Considerando as categorias com quantificações e contribuições mais elevadas, fez-se o levantamento das categorias mais relevantes para cada plano (observar a configuração do espaço na figura 3 do Anexo B) Não obstante, a leitura das quantificações e contribuições de cada categoria desse espaço assume muita relevância neste ponto já que existe a necessidade de garantir que se sustenta a análise sobre os resultados que mais contribuem para explicar a dispersão do espaço em análise⁵.

Quando se tem em vista a segmentação de um espaço, neste caso a criação de perfis criminais, tomam-se como variáveis activas aquelas que definem o comportamental criminal. Contudo, para que seja possível caracterizar os perfis encontrados, é necessário considerar variáveis (passivas ou suplementares) que os caracterizem ao nível sócio – demográfico, tal como o sexo, a idade, a profissão e o estado civil⁶ da vítima e agressor; ao nível psicológico do agressor, através de variáveis que avaliam o consumo de substâncias, a presença de antecedentes

⁴ Tomou-se como valor de referência a contribuição média (que resulta da divisão do somatório das contribuições para cada dimensão pelo número total de categorias) correspondendo a 0,013 (1/77).

⁵ As categorias que se situarem abaixo do valor médio de contribuição ou que se situarem muito próximas da origem não serão mencionadas na análise.

⁶ De salientar que se optou por não utilizar a informação relativa às habilitações literárias da vítima e do agressor já que as não respostas constituíam 56,5% e 52,2% da amostra, respectivamente.

psiquiátricos e o diagnóstico referente aos mesmos; e por fim, ao nível jurídico – penal, também do agressor, utilizando variáveis que caracterizam o comportamento do agressor não só durante o interrogatório, mas que avaliam também a presença e o tipo de antecedentes criminais⁷ (a representação gráfica destas no espaço pode ser verificada nas figuras 4, 5 e 6 do Anexo B).

Prosseguir-se-á com a caracterização de cada quadrante tendo por base não só as variáveis activas mas também aquelas que anteriormente foram designadas por passivas.

Assim sendo, no primeiro quadrante têm-se os homicídios que são despoletados por discussões acaloradas ou por questões económicas entre indivíduos conhecidos e desconhecidos. Estes ocorrem em estabelecimentos comerciais ou de diversão nocturna como bares ou discotecas e na via pública como jardins, parques de estacionamento e descampados. Nestes, o local em que a vítima foi encontrada corresponde exactamente ao local do delito, indicando ausência de transporte do corpo. Antes destas agressões a vítima estava a passear ou divertir-se, em estabelecimentos comerciais ou a cometer actos ilícitos. Tais agressões resultam sobretudo em feridas contusas na zona abdominal, sendo que posteriormente culminam na fuga do agressor.

As vítimas, neste tipo de delitos, são homens viúvos com profissões especializadas. Ademais, é importante referir que, no caso destes agressores, o consumo de álcool está presente no delito. Por fim, nestes indivíduos assumem particular relevância os seus antecedentes criminais, seja por outros delitos como furto, consumo e tráfico de droga ou pelo mesmo delito. No momento do interrogatório estes indivíduos parecem caracterizar-se por algum nervosismo e comportamentos de coibição, no entanto também surgem agressores com comportamentos de natureza ambivalente.

Por sua vez, no segundo quadrante situam-se os delitos que ocorrem no local de trabalho da vítima ou do agressor. O motivo associado é a operação ou abordagem policial, sendo que a utilização de arma de fogo, sobretudo a pistola e feridas na face provocadas por munições, são características muito presentes.

As vítimas associadas a este tipo de homicídios são geralmente divorciadas, com idades dos 50 aos 65 ou mais anos e reformadas. Neste tipo de homicídios destacam-se as agressoras femininas (que embora em baixo número na amostra, assumem aqui alguma expressividade) e

⁷Embora se utilize a designação “antecedentes criminais”, os dados são referentes aos antecedentes policiais, uma vez que a informação disponível relaciona-se com o facto terem sido indiciados ou não por delitos, e não com efectivas condenações.

viúvas. Da profissão do agressor salientam-se os estudantes, destacando-se também o consumo de álcool e drogas no momento em que ocorreu a agressão. No que se refere a antecedentes criminais, estes encontram-se muito presentes neste tipo de agressões, sendo que na sua maioria, os indivíduos possuíam já antecedentes por delitos como o furto e a violação ou burla e tráfico de estupefacientes.

O terceiro quadrante caracteriza-se pela presença de homicídios com tiros de caçadeira seguidos de suicídio (ou tentativa do último) entre indivíduos com relacionamentos íntimos entre si (como namorados, cônjuges, companheiros, etc...). Aquilo que motiva estas agressões também é de natureza íntima, tal como problemas conjugais, violência conjugal e ciúmes. Assim sendo, percebe-se porque geralmente ocorrem no domicílio de familiares ou amigos, do agressor ou da vítima e agressor (local onde a vítima é encontrada corresponde ao local do delito).

As vítimas são geralmente mulheres casadas, com idades entre os 35 e os 49 anos, desempenhando profissões ligadas aos serviços ou desempregadas. Por sua vez, este tipo de homicídios é usualmente perpetrado por indivíduos com idades entre os 35 e mais de 65 anos, do sexo masculino, casados ou divorciados. Estes homicidas usualmente desempenham funções relacionadas com os serviços, profissões especializadas ou mesmo reformados. Caracterizam-se maioritariamente pela ausência de antecedentes criminais. No entanto, quando estes se verificam geralmente são delitos menores como cheques sem provisão. Caracterizando estes indivíduos ao nível das variáveis psicológicas, verifica-se a presença de antecedentes psiquiátricos, nomeadamente depressão. No que concerne o consumo de substâncias, neste tipo de agressores destacam-se aqueles que no momento do delito se encontravam sob efeito de medicação.

Por fim, no quarto quadrante têm-se homicídios na presença de crimes sexuais e roubo (embora com muito baixa expressão na amostra) que ocorrem sobretudo no domicílio da vítima. Embora a este tipo de homicídios não esteja associado um motivo que possa auxiliar a sua compreensão a esse nível, sabe-se que os intervenientes são geralmente familiares e que a vítima antes da agressão se encontra em casa. Caracteriza-se também pela presença de feridas incisivas (provocadas por uma arma branca), estrangulamento ou esganadura ou indicadores de força física, nomeadamente na zona do pescoço, bem como outras armas. Quanto à questão da arma utilizada, percebe-se uma clara oposição ao segundo quadrante que se caracterizava sobretudo pela presença de armas de fogo e feridas associadas. De salientar neste quadrante é a presença de

profanação e ocultação de cadáver, bem como ocultação de participação da parte do agressor (muitas vezes simulando acidentes ou roubos).

As vítimas são geralmente solteiras, tendencialmente possuem entre menos de 20 a 34 anos e trabalham na área da construção civil. Por sua vez, este tipo de agressores possuem 21 a 34 anos e possuem vários tipos de antecedentes psiquiátricos. Embora acerca do diagnóstico de alguns indivíduos tal informação não esteja disponível, outros sofrem de depressão e mania, esquizofrenia e psicopatia. No que concerne o consumo de substâncias, este tipo de homicidas geralmente encontrava-se sob efeito de drogas ou substâncias desconhecidas no momento em que cometeram o delito em questão. Relativamente à presença de antecedentes criminais, destacam-se o furto e outros antecedentes. Por sua vez, quanto ao comportamento do agressor durante o interrogatório, este tipo de homicidas geralmente nega a agressão mesmo quando confrontado com as evidências ou, por outro lado, gaba-se da agressão e age de modo indiferente ao acontecimento.

Parece haver entre os primeiros dois quadrantes uma associação nas características que os definem, nomeadamente entre a motivação operação policial e os actos ilícitos cometidos pela vítima. Embora tendencialmente possa haver uma diferenciação baseada na motivação, isto é, a presença de discussão acalorada ou de questões económicas pode opor-se à motivação relacionada como uma operação policial, não existem ainda dados suficientes para estabelecer dois perfis distintos. Mas como fundamentar tal decisão? Como perceber se se têm três ou quatro perfis distintos?

1.3 Definição de uma Tipologia do Homicídio

Utilizando como variáveis de input as duas dimensões anteriormente definidas através da ACM, realizou-se primeiramente uma Análise de *Clusters* Hierárquica. Esta foi efectuada com o intuito de validar a solução com três grupos já indicada pela ACM. Assim sendo, foram realizados três ensaios com critérios de agregação distintos: critérios de *Ward*, *Vizinho* mais

afastado e Vizinho mais próximo⁸. Sugere-se igualmente a visualização da representação gráfica da distribuição dos coeficientes de fusão (ver figuras 3, 4 e 5 do Anexo C). Como tal, pode verificar-se que o maior decréscimo dos coeficientes de fusão corresponde a três *clusters* ou grupos. Assim, como Reis (1997, citado por Carvalho, 2008) sugere, “quando a divisão de um novo grupo não introduz alterações significativas no coeficiente de fusão poderá tomar-se essa partição como sendo óptima” (p. 202). Confirmando esta sugestão, registam-se em todos os gráficos declives acentuados a partir da solução com três *clusters*/grupos. A partir daí as distâncias entre os coeficientes de fusão vão sendo sucessivamente mais pequenas. Os resultados do agrupamento hierárquico validam assim a solução obtida através da ACM.

Concluída esta demonstração, retomou-se a solução obtida com o método de agrupamento não hierárquico (*k-means cluster*). Esta partição permite a quantificação dos grupos, já que se torna possível determinar o seu peso. Deste modo, observa-se que do *cluster*/grupo 1 fazem parte 39,1% dos indivíduos, do *cluster*/grupo 2, 22,5% e do *cluster*/grupo 3, 38,4% dos indivíduos (ver Tabela 4 do Anexo C). Destaca-se assim desta tripartição do espaço em análise, que o segundo *cluster* ou grupo tem uma representação inferior na amostra (ao verificar a disposição dos indivíduos no espaço social na figura 10 do Anexo C, verifica-se exactamente esta diferença).

É agora necessário fazer corresponder cada um dos *clusters*/grupos a cada um dos três perfis configurados pelo plano da ACM (tomando por referência os valores assinalados nas Tabelas 5 a 9 do Anexo C).

Tal como se observa na Tabela 1, obtiveram-se três perfis de homicidas com características distintas. Optou-se por designar o primeiro de expressivo – impulsivo, o segundo de expressivo - íntimo e o terceiro de instrumental – cognitivo. Deste modo, obteve-se a seguinte correspondência *clusters*/perfis.

1.3.1 Perfil 1: Expressivo – Impulsivo

Estes homicídios caracterizam-se por feridas provocadas tanto por munições como por armas brancas (feridas incisais). A motivação que serve de base a estas agressões é sobretudo a

⁸ Foram considerados os coeficientes de fusão correspondentes às últimas 30 combinações (ver Anexo C, tabelas 1, 2 e 3).

discussão acalorada entre conhecidos ou desconhecidos, que se origina geralmente em estabelecimentos comerciais ou de diversão noturna ou mesmo na via pública. Anteriormente à agressão a vítima passeava ou divertia-se, situando-se no seu local de trabalho, em estabelecimentos comerciais ou nocturnos, ou cometia actos ilícitos (só neste tipo de homicídios se verificam comportamentos ilícitos da parte da vítima).

Esta possui idades entre os 21 e os 49 anos, é do sexo masculino, solteiro e trabalha geralmente na área dos serviços. Por sua vez, o respectivo agressor, também do sexo masculino e solteiro, possui idades compreendidas entre os 21 e 34 anos. Embora não possuindo antecedentes psiquiátricos, encontrava-se alcoolizado no momento em que cometeu a agressão. Ademais, este tipo de homicidas define-se pela presença notável de antecedentes criminais, seja pelo mesmo delito, ou por outros delitos como furto, consumo e tráfico de droga. Por fim, no momento do interrogatório encontrava-se nervoso e assustado.

1.3.2 Perfil 2: Expressivo – Íntimo

Como já fora referido anteriormente, caracteriza-se pela presença de homicídio-suicídio ou tentativa do mesmo pelo agressor após o delito. A motivação que subjaz a este tipo de homicídios advém do relacionamento íntimo entre vítima e agressor, sendo que geralmente ocorre no domicílio da vítima e agressor. Usualmente estas agressões são realizadas através do uso de arma de fogo nomeadamente caçadeira, sendo que a zona das lesões é sobretudo na cabeça e face da vítima.

Esta é, na sua grande maioria, do sexo feminino, casada, tem uma idade compreendida entre os 35 e os 49 anos, está desempregada/sem ocupação ou trabalha na área dos serviços. Já o agressor é sempre do sexo masculino, casado, tem igualmente uma idade entre os 35 e os 49 anos e trabalha nos serviços ou está reformado. A maioria não tem antecedentes psiquiátricos mas aqueles que possuem doença mental sofrem geralmente de depressão. Embora quase todos os agressores neste tipo de delitos estivessem sóbrios no momento da agressão, alguns apresentavam-se sob efeito de medicação, álcool e drogas. De salientar é também a ausência de antecedentes criminais nestes homicidas, sendo que se apresentavam sobretudo nervosos e assustados no momento do interrogatório, porém nunca negando a agressão quando confrontados com as evidências.

1.3.3 Perfil 3: Instrumental – Cognitivo

Por fim, os delitos que pertencem a este grupo caracterizam-se pela presença de crimes sexuais e roubo. A arma utilizada nestes varia, podendo ser seleccionada a arma branca, força física ou outras armas, bem como a zona das lesões, que pode ser igualmente diversa e múltipla. Embora seja difícil definir a arma utilizada, percebe-se que a arma de fogo geralmente não é usada. As motivações que subjazem a estes crimes são diversas, isto é, tanto podem ser de natureza económica, durante uma discussão acalorada ou mesmo no contexto de um relacionamento íntimo. Comportamento exclusivo destes homicídios é a ocultação da participação pelo agressor, simulando um acidente ou roubo, e a ocultação do cadáver após o delito. Este usualmente é realizado em casa da vítima, ou da vítima e agressor, sendo que a relação destes pode caracterizar-se como sendo conhecidos, familiares ou possuindo uma relação íntima.

A vítima pode ser solteira ou casada, feminina ou masculina, com idades compreendidas entre os 50 e os 64 anos e trabalhando na área dos serviços. O agressor tem idades entre os 35 e os 49 anos de idade, é na sua maioria masculino (embora seja neste grupo que as mulheres ganhem maior expressividade enquanto agressoras) e solteiro. Não obstante a pouca incidência de antecedentes psiquiátricos, salienta-se a psicopatia neste grupo de indivíduos, bem como o consumo de substâncias desconhecidas durante o delito. Embora estes não se destaquem igualmente pela presença de antecedentes criminais, salienta-se que este tipo de agressores parece assumir um comportamento indiferente e desafiante durante o interrogatório, gabando-se dos seus feitos, bem como alguns comportamentos ambivalentes.

Para validar graficamente a consistência desta classificação procedeu-se à projecção dos três *clusters* no plano, cuja configuração os havia já sugerido. Assim, representando simultaneamente as variáveis que configuram os perfis (via ACM) – variáveis activas – e a variável que identifica a tipologia com o estatuto de variável suplementar, é possível observar a disposição dos três *clusters* (ver Anexo C, figura 7). É possível verificar que a posição ocupada por cada um dos *clusters* está muito próxima dos subgrupos de categorias que caracterizam os respectivos perfis que anteriormente foram sistematizados.

Tabela 4. Tipologia do Homicídio

Tipologia	Características
Expressivo – Impulsivo	Feridas por Munições
	Feridas incisas (arma branca)
	Discussão Acalorada
	Conhecidos ou Desconhecidos
	Estabelecimentos Comerciais ou Diversão Nocturna ou na Via Pública
	Vítima passeava ou divertia-se/ estava no local de trabalho/ Estava em estabelecimentos comerciais ou diversão nocturna/ Cometia actos ilícitos
	<u>Vítima:</u>
	21-49 anos
	Sexo masculino
	Solteiro
Expressivo – Íntimo	Profissão: Serviços
	<u>Agressor:</u>
	21-34
	Sexo masculino
	Solteiro
	Alcoolizado
	Antecedentes Criminais (pelo mesmo delito e/ou por outros delitos)
	Nervoso e assustado no interrogatório
	Homicídio -Suicídio (ou tentativa)
	Relação Íntima
Instrumental – Cognitivo	Domicílio Vítima e Agressor
	Arma de Fogo (Caçadeira)
	Lesões na Cabeça e Face da vítima
	<u>Vítima:</u>
	35-49 anos
	Sexo feminino
	Casada
	Profissão: desempregada/sem ocupação ou trabalha na área dos serviços
	<u>Agressor:</u>
	35-49
Instrumental – Cognitivo	Sexo masculino
	Profissão: Reformado ou trabalha na área dos serviços
	Depressão
	Ausência de Antecedentes Criminais
	Sóbrio no momento em que cometeu o delito ou sob efeito de medicação, álcool e drogas
	Nervoso e assustado no momento do interrogatório nunca negando a agressão quando confrontado com as evidências.
	Crimes sexuais e roubo
	Arma branca, força física ou outras armas
	Zona das lesões diversa/ feridas múltiplas.
	Motivações: natureza económica, discussão acalorada ou relacionamento íntimo.
Ocultação da participação pelo agressor	
Ocultação do cadáver após o delito.	
Domicílio da Vítima, ou da Vítima e Agressor	
Conhecidos, familiares ou relacionamento íntimo	
<u>Vítima:</u>	
50-64 anos	
Sexo feminino ou masculino	
Solteira ou casada	
Profissão: Serviços	
<u>Agressor:</u>	
35-49 anos	
Sexo masculino	
Solteiro	
Psicopatia	
Consumo de substâncias desconhecidas durante o delito.	
Comportamento indiferente e desafiante durante o interrogatório, gabando-se dos seus feitos, presença de comportamentos ambivalentes.	

2. Discussão

O “Questionário para a Investigação do Perfil Agressor Violento” tem a capacidade de recolher a informação relevante para a efectiva construção de perfis. Assim, recolhendo informação sobre características sócio – demográficas da vítima e do agressor, características psicológicas e jurídico – penais do agressor; comportamentos de ambos, antes, durante e após o delito, motivo e características da cena do crime, possui todos os elementos necessários para passar das acções e comportamentos criminais para as características do agressor que possam ser relevantes na definição de perfis.

Através deste foi possível obter uma tipologia que compreende três perfis de homicidas com características distintas: expressivo – impulsivo, expressivo – intimo e instrumental – cognitivo.

No que concerne os homicídios correspondentes ao primeiro perfil, Almeida (1999) refere que estes ocorrem no decorrer de uma discussão acalorada, sobretudo em locais como bares, cafés e discotecas. Segundo este, os homicídios motivados por uma discussão acalorada ocorrem predominantemente entre conhecidos, frequentemente originados por questões triviais e em estado de desinibição alcoólica. Tal adequa-se completamente ao que foi encontrado neste estudo. Neste tipo de homicídio, agressor e vítima, conhecidos ou desconhecidos, envolveram-se numa discussão, quando se encontravam em estabelecimentos comerciais, de diversão nocturna ou mesmo na via pública. Roberts e colaboradores (2007) referiram, na tipologia motivacional que propuseram, a presença de um tipo de homicídios originados por uma altercação ou discussão. Contudo, consideraram que estes homicídios se caracterizavam por uma percepção aumentada de perda de dinheiro ou propriedade, levando a uma discussão com base nestes motivos, sendo que tal não se adequa às características da tipologia encontrada. No entanto, de acordo com a tipologia proposta por Salfati (2000), este tipo de homicídios apresenta-se como de carácter expressivo já que a agressão ocorre como resposta a condições indutoras de raiva como insultos ou ataques físicos. Salfati e Canter (1999), por sua vez, designá-lo-iam por expressivo – impulsivo, já que os agressores responsáveis por este tipo de homicídios geralmente apresentam um historial de agressões impulsivas, do qual decorrem os extensos antecedentes criminais que os caracterizam. De acordo com estes autores, a sua narrativa interpessoal define-se pelo conflito, sendo que possuem dificuldade em lidar com outras pessoas de modo socialmente aceite.

Ademais, neste tipo de homicídios, o álcool desempenha um papel desinibidor e, conseqüentemente, potenciador de comportamentos violentos. Este, segundo Almeida (1999), pode induzir no sujeito uma maior agressividade, uma maior impulsividade e um menor autocontrolo sobre as suas emoções e atitudes.

Também de natureza expressiva, mas no contexto das relações íntimas, surge o segundo tipo de homicídio encontrado: expressivo – íntimo. De acordo com Almeida (1999), o ciúme, a paixão, o amor e o desejo de acesso exclusivo à mulher sempre estiveram presentes na espécie humana, possuindo a capacidade de despertar sentimentos difíceis de controlar. Para DeGreeff (1973, citado por Almeida, 1999), muitos dos homicidas no contexto de um relacionamento íntimo são conduzidos ao crime devido ao instinto de propriedade. O autor considera que este grupo exhibe frequentemente um comportamento caracterizado pela violência, ofensas corporais e também por ciúme.

Ademais, e de modo semelhante ao tipo expressivo – íntimo encontrado, Almeida (1999) indica que após o processo criminoso numa relação íntima surge frequentemente uma revalorização do ser desejado ou amado, podendo conduzir a ideações suicidas. Nestes casos, o homicida é frequentemente um indivíduo profundamente deprimido e perturbado, predominantemente do sexo masculino, com psicopatologia prévia frequente, e que comete o homicídio – suicídio num contexto em que se sente, realística ou fantasiosamente, rejeitado ou traído. Por sua vez, Bénézech (1991, citado por Almeida, 1999) indica que, aquando o crime passional há um conflito de pulsões auto e hetero agressivas. Assim, para este, “o sujeito não pode matar simbolicamente o objecto perdido sem morrer ele próprio” (p.229). De Greeff (1973, citado por Lusson, 2006) salienta ainda que, muitas vezes, este tipo de crimes pode ser originado por problemas envolvendo dinheiro e bens do casal, bem como pequenos detalhes como uma palavra, um insulto suplementar, a intervenção de terceiros ou uma alusão humilhante.

Quanto á presença de perturbações mentais neste tipo de homicidas, Rosenbaum (citado por Almeida, 1999) aponta a depressão como frequente, apoiando as características encontradas no tipo expressivo – íntimo.

Almeida (1994) refere igualmente que diferentes tipos de homicídio-suicídio podem ocorrer, os perpetrados por ciúme e aqueles que se devem a declínio de saúde do homicida e/ou vítima. No primeiro homicídio conjugal, o ciúme está quase sempre envolvido. Este caracteriza-se como mórbido e muitas vezes irreal, fantasioso e psicótico, em que o agressor desenvolve suspeitas de

infidelidade e acaba por cometer as mortes quase sempre com o auxílio de uma arma de fogo. A passagem ao acto pode surgir aquando um conflito entre as partes. Por sua vez, o homicídio conjugal devido a declínio de saúde, geralmente compreende homens mais velhos que possuem problemas de saúde e/ou esposas doentes, as quais matam a tiro após o que se suicidam.

Pais (1998), salienta igualmente a preferência da arma de fogo neste tipo de homicídios. Uma outra característica pertinente é o facto das vítimas, neste tipo de homicídios, terem sido baleadas sobretudo na cabeça e face. Alguns autores indicam que quando a face da vítima é danificada, tal sugere uma relação pessoal entre vítima e agressor, ocorrendo geralmente numa tentativa de a desumanizar (Salfati & Dupont, 2006, Holmes & Holmes, 1996, citado por Muller, 2000). Ademais, tal como demonstrado pelo presente estudo, Pais (1998), refere que o local privilegiado no homicídio conjugal é a casa, pois é nesta que se estabelece a grande maioria das relações interpessoais, “lugar dos maiores afectos e, ao mesmo tempo, local de violências atrozes“ (p.112).

Por fim, o terceiro tipo de homicídio encontrado, o instrumental-cognitivo, parece ser de todos o mais complexo. Este caracteriza-se pela presença de crimes sexuais e roubo, múltiplas feridas, ocultação da participação pelo agressor e ocultação do cadáver após o delito, bem como por motivos de natureza económica.

De acordo com Salfati e Canter (1999), a ocultação da participação pelo agressor e do cadáver da vítima indicam a presença duma componente cognitiva, já que servem o propósito de dissociar o agressor da cena do crime, dificultando a sua identificação e, conseqüentemente, a sua captura.

Por sua vez, motivações económicas no homicídio indicam a presença de um cariz instrumental nestes. Feshbach (1964, citado por Salfati & Dupont, 2006) aponta que estes homicídios implicam um desejo do agressor de possuir objectos ou o estatuto de outrem, como jóias, dinheiro ou território. Ademais, do carácter instrumental decorre a despersonalização da vítima, uma vez que o propósito é obtenção do objecto de desejo a qualquer custo. Deste modo, usualmente não envolve o intuito de magoar a vítima, somente se esta interferir com o objectivo do agressor. Como tal, os homicídios de natureza instrumental centram-se em acções que não estão direccionadas à vítima como pessoa, pois esta é vista como um objecto para ganho pessoal (Salfati & Dupont, 2006). Segundo Decker (1996, citado por Varano & Cancino, 2001) os motivos instrumentais existem quando os agressores pretendem melhorar a sua posição através de um planeamento racional que envolve a minimização do risco de captura. À semelhança de

estudos anteriores, Barros e Serafim (2008), verificaram que indivíduos com uma personalidade anti-social revelam maior violência instrumental devido a uma subactivação do SNA. Tal conclusão vem apoiar o facto de, no presente estudo, a presença de psicopatia nos agressores ser exclusiva deste tipo de homicídios.

No entanto, se a ocultação da participação e do cadáver, motivações económicas e psicopatia, indicam um homicídio de natureza instrumental, o facto do agressor ter infligido várias feridas em diversas zonas do corpo sugere um *overkill*, característico de um homicídio expressivo. Efectivamente, Salfati e Canter (1999) indicam que a presença de várias feridas distribuídas pelo corpo da vítima sugere um homicídio de natureza expressiva e impulsiva. Ademais, Holmes e Holmes (1996, citado por Muller, 2000) remetem os homicídios caracterizados por uma brutalidade extrema a um agressor desorganizado, nos quais a cena do crime mostra pouca ou nenhuma organização ou premeditação, pois é aquilo que o agressor encontra no local do crime que utiliza como arma, abandonando-a também após a execução do crime. Estes autores referem igualmente que, nestes homicídios, o corpo é geralmente abandonado no local do crime e, caso tenha sido removido, tal provavelmente indicará que o agressor deseja ficar com ele como *souvenir* do que ocultá-lo para esconder provas.

Constata-se assim, que as principais características encontradas neste perfil parecem opor-se através de uma dicotomia expressiva – instrumental. Mas como explicar esta aparente inconsistência? Possivelmente, utilizando uma amostra maior será possível compreender mais detalhadamente aquilo que caracteriza este tipo de homicídios. Porém, segundo Salfati (2000) a classificação ou categorização dos comportamentos depende então de serem ou não interpretados separada ou conjuntamente com outras acções da cena do crime. Assim, da mesma forma que certos comportamentos expressivos retirados do contexto podem ter uma interpretação instrumental, determinados comportamentos instrumentais quando separados dos restantes com que co-ocorrem, podem ser interpretados como predominantemente expressivos.

Além desta questão amostral, outras limitações verificaram-se neste estudo. O modo como as variáveis do questionário foram construídas levou à dificuldade de, simplesmente pela sua leitura, obter respostas complexas a algumas questões. Embora o ideal fosse a realização de entrevistas aos inspectores sobre os casos e, através de uma posterior análise de conteúdo, criar-se-iam as categorias que seriam incluídas no questionário, foi necessário recorrer a um trabalho de desconstrução do mesmo, obtendo categorias através das respostas dadas.

Embora se reconheça o mérito deste questionário na obtenção da informação relevante para a construção de perfis de agressores violentos, de modo a se desenvolver posteriormente sistemas de classificação dos componentes comportamentais desses crimes e dos agressores responsáveis pelos mesmos, assume-se como relevante orientar estudos futuros para uma narrativa pessoal aprofundada das próprias explicações e justificações do agressor sobre o que o levou a cometer o crime. Desta forma, procede-se à conexão, segundo Salfati e Dupont (2006) de dois lados distintos na literatura de classificação dos homicídios, que possibilita um esclarecimento das unidades de análise que podem auxiliar a compreensão de diferenças entre subtipos de homicídios.

Salienta-se também a relevância da compreensão de que variáveis possuem a maior capacidade preditiva de cada um dos perfis. Só assim se poderá proceder à inferência das características de agressores desconhecidos e, efectivamente, auxiliar a força policial na captura e detenção dos mesmos. Para que se possa realmente generalizar os perfis encontrados como caracterizadores dos vários tipos de homicidas portugueses é primeiro necessário que a amostra utilizada seja representativa da população homicida portuguesa, já que neste estudo, apenas se possui informação sobre os homicídios investigados pela Directoria de Lisboa. Ademais, um aumento significativo da amostra utilizada pode levar a uma compreensão mais detalhada dos perfis encontrados, ou mesmo ao surgimento de novos perfis.

Kocsis (2003) refere a necessidade de posteriores investigações empíricas acerca da validade e potencialidades do perfil psicológico. Considera também bastante alarmante que, apesar da crescente popularidade desta técnica pelos técnicos de investigação criminal, quase nada tem sido feito no sentido de o investigar empiricamente.

Esta é uma questão que, em Portugal, se assume como um pouco diferente. Como tal, o perfil em Portugal não é ainda uma técnica de valor reconhecido pela polícia de investigação criminal. Talvez examinando as suas capacidades preditivas, seja possível melhorar as representações policiais acerca desta técnica.

Um grande passo neste processo consiste na utilização deste questionário no decorrer de uma investigação criminal como um instrumento de trabalho. Para tal é necessário que este seja encarado como útil e não como algo que é para uso exclusivo dos psicólogos, já que os perfis servem para auxiliar a força policial, ou seja, disponibilizando mais informação sobre o fenómeno, as motivações que lhe subjazem, os comportamentos e características da vítima e

agressor, os perfis capacitam-na de melhor compreensão dos mesmos, podendo resultar em formas mais eficazes de investigação criminal.

Kocsis (2003) refere que, recorrendo a métodos científicos, esta técnica pode passar a ser concebida como uma ciência replicável e não como uma arte, tal como outras técnicas forenses.

REFERÊNCIAS

Alison, L., Bennel, C., Mokros, A. & Ormerod, D. (2002). The personality paradox in offender profiling. *Psychology, Public Policy and Law*, 8, 115–135.

Almeida, F. (1999). *Homicidas em Portugal*. Instituto Superior da Maia. Publismai. Maia.

Bandura, A. (1977), *Social Learning Theory*. Prentice- Hall, Nova Jersey

Barros, D. & Serafim, A. (2008), Association between personality disorder and violent behavior pattern. *Forensic Science International*, Vol. 179, nº 1, 19–22.

Bijleveld, C. & Smit, P. (2006) Homicide in the Netherlands: On the Structuring of Homicide Typologies. *Homicide Studies*, Vol. 10, nº 3, 195-219

Burgess, R. & Akers, R. (1966). A differential association – reinforcement theory of criminal behaviour. *Social Problems*, Vol. 14, nº 2, 128-147.

Canter, D. & Youngs, D. (2003). Beyond profiling: The need for n Investigative Psychology. In R. Bull & D. Carson (eds.) *Handbook of psychology in legal contexts*. 171–206. Chichester: 2ª Edição, Wiley.

Canter, D., Alison, L., Alison, E. & Wentik, N. (2004). The Organized/Disorganized Typology of Serial Murder. Myth or Model? *Psychology, Public Policy and Law*, Vol. 10, nº 3, 293- 320.

Canter, D. (2004). Offender Profiling and Investigative Psychology. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*, Vol. 1, 1-15.

Carvalho, H. (2008). *Análise Multivariada de Dados Quantitativos: Utilização da Análise de Correspondências Múltiplas com o SPSS*. Edições Sílabo, 1ª Edição, Lisboa.

Código Penal Português (2007) Sociedade Editora

Downes, D. & Rock, P. (1995), *Understanding Deviance: A Guide to the Sociology of Crime and Rule Breaking*. Clarendon Press, 2ª Edição, Oxford.

Douglas, E.; Ressler, R.; Burgess, W. & Hartman, R. (1986) Criminal Profiling from Crime Scene Analysis. *Behavioral Sciences & the Law*, Vol. 4, nº 4, 401-421.

Garrido, V. (2003). *Psicópatas y otros delincuentes violentos*. Tirant lo Blanch. Valência

Garrido, V. (2007, Maio). El Perfil Criminológico como Técnica Forense. Trabalho apresentado na Escola de Estudos Judiciais de Valência, Valência

Gladwell, M. (2008). Dangerous Minds. *New Yorker*, Vol. 83, nº 35, 36-45. Trabalho não publicado.

Gonçalves, R. (1999) *Psicopatia e Processos Adaptativos à Prisão*. Universidade do Minho, 1ª Edição, Braga.

- Hicks, S. & Sales, B. (2006) *Criminal Profiling: Developing an Effective Science and Practice*. American Psychological Association, 1ª Edição.
- Kocsis, R. (2006) Schools of Thought Related to Criminal Profiling In R. Kocsis, (2006). *Criminal Profiling: Principles and Practice*. Humana Press, Nova Jersey
- Kocsis, R., Palermo, G. (2006) Contemporary Problems in Criminal Profiling In R. Kocsis, (2006). *Criminal Profiling: Principles and Practice*. Humana Press, Nova Jersey
- Kocsis, R. (2003).Criminal Psychological Profiling: Validities and Abilities. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, Vol. 47, nº 2, 126-144
- Laufer, S., Johnson, J., Robert, H. (1981) Ego Control and Criminal Behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 41, I, 179-184
- Loeber, R., Dustin, P., Homish, D., Wei E.,Crawford, A., Farrington, D., Stouthamer-Loeber, M., Creemers, J., Koehler, S.& Rosenfeld, R. (2005). The Prediction of Violence and Homicide in Young Men. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*.Vol. 73, 6, 1074–1088
- Lusson, M, (2006). *Criminologia*. Casa das Letras, 2ª Edição
- Muller, D., (2000) Criminal profiling: Real Science or Just Wishful Thinking? *Homicide Studies*, Vol. 4, nº 3, 234-264
- Oliveira, M. & Gonçalves, R. (2007) Homicídio e Doença Mental. Resumo da Tese de Mestrado em Saúde Mental da Universidade de Ciências Médicas de Lisboa, retirado de www.psicologia.com.pt a 2 de Fevereiro de 2008
- Pais, E. (1998) *Homicídio Conjugal em Portugal: Rupturas Violentas da Conjugalidade*. Editora Hugin, Lisboa.
- Raine, A., Mednick, S. (1989). Biosocial Longitudinal Research into Antisocial Behavior. *Revue Epidemiologique et Santé Publique*. Vol. 37, 515-524.
- Roberts, A., Zgoba, K. & Shahidullah, S., (2007) Recidivism among four types of homicide offenders: An exploratory analysis of 336 homicide offenders in New Jersey. *Aggression and Violent Behaviour*, Vol. 12, nº 5, 493-507.
- Salfati, C. & Dupont, F., (2006) Canadian Homicide: An Investigation of Crime-Scene Actions. *Homicide Studies*, Vol. 10, nº2, 118-139.
- Salfati, C. (2000) The Nature of Expressiveness and Instrumentality in Homicide: Implications for Offender Profiling, *Homicide Studies*, Vol. 4, nº 3, 265-293.
- Salfati, G. & Canter, D., (1999) Differentiating Stranger Murders: Profiling Offender Characteristics from Behavioural Styles. *Behavioral Sciences and the Law*, Vol.17, 391-406

Schwartz, J. (2006), *Family Structure as a Source of Female and Male Homicide in the United States*, *Homicide Studies*, Vol. 10, nº 4, 253-278

Schwartz, R., Petersen, S., Reynolds, C. & Austin, J. (2003). Homicidality in Schizophrenia: A Replication Study. *American Journal of Orthopsychiatry*, Vol. 73, nº 1, 74-77.

Smith, M., (2001) A New Era of Homicide Studies? Visions of a Research Agenda for the Next Decade. *Homicide Studies*, Vol. 4, nº 1, 3-17.

Williams, F., McShane, M. (1993) *Criminology theory*. Anderson Publishing, Ohio.

Wolfgang, M., Ferracuti, F. (1967). *The Subculture of Violence: Towards an Integrated Theory in Criminology*. Social Science Paperbacks, 1ª Edição, Londres.

Varano, S. & Cancino, J., (2001) An Empirical Analysis of Deviant Homicides in Chicago. *Homicide Studies*, Vol. 5, nº 1, 5-29.

ANEXOS

Anexo A – Caracterização do Agressor e Vítima

Variáveis do Comportamento Criminal

Tabela 1

Categorias das Variáveis do Comportamento Criminal

Tipo de homicídio	1- Homicídio 2- Homicídio, Crimes Sexuais e/ ou Roubo 3- Homicídio-Suicídio 4- Homicídio e Tentativa Suicídio
Tipo de Lesões	1- Feridas incisas 2- Feridas munições 3- Estrangulamento/esganadura 4- Feridas contusas 5- Várias Lesões 6- Outras Lesões
Zona das Lesões	1- Peito 2- Várias zonas 3- Pescoço 4- Cabeça 5- Abdómen 6- Tórax 7- Dorso 8- Face 9- Outras zonas
Local do Delito	1- Estabelecimentos Comerciais/Nocturnos 2- Domicílio vítima/imediações 3- Via pública 4- Local trabalho vítima/agressor/imediações 5- Domicilio vítima/agressor/imediações 6- Veículo 7- Domicilio Agressor/imediações 8- Domicilio familiares/amigos/imediações 9- Outros locais

Tabela 2

Categorias das Variáveis do Comportamento Criminal (continuação)

Local onde a vítima foi encontrada	1- Estabelecimentos Comerciais/Nocturnos 2- Domicílio vítima/imediações 3- Via pública 4- Local trabalho vítima/agressor/imediações 5- Domicílio da Vítima/Aggressor/imediações 6- Veículo 7- Domicílio Aggressor/imediações 8- Domicílio familiares/amigos 9- Outros locais
Tipo de Arma	1- Arma branca 2- Arma fogo 3- Força física 4- Martelo/taco/cinto 5- Não recuperada/desconhecida 6- Outras armas
Tipo de arma de fogo	1- Não utiliza arma fogo 2- Caçadeira 3- Pistola 4- Revólver 5- Espingarda 6- Arma fogo não especificada
Motivo da agressão	1- Económico 2- Vingança 3- Discussão acalorada 4- Tráfico de droga 4- Abuso de Substâncias/Perturbações Psicológicas 6- Operação/abordagem policial 7- Não havia motivo aparente/Acidente 8- Relações Íntimas 9- Outros motivos
Ocultação do cadáver	1- Sim 2- Não
Comportamento da vítima antes da agressão	1- Em casa/imediações 2- No local de trabalho 3- A passear/divertir-se 4- Em estabelecimentos comerciais/imediações 5- Cometia actos ilícitos 6- Outros comportamentos
Comportamento do agressor após a agressão	1- Fugiu 2- Entregou-se às autoridades 3- Profanação/ocultação cadáver 4- Outros comportamentos 5- Suicídio/tentativa 6- Ocultação de participação
Relação entre vítima e agressor	1- Relação íntima 2- Familiar 3- Amigos 4- Conhecidos 5- Desconhecidos

Caracterização sócio – demográfica do Agressor

Tabela 3

Sexo do Agressor

Sexo do Agressor			
		N	%
	Feminino	9	6,6
	Masculino	128	93,4
	Total	137	100,0
Missing	Sistema	1	
Total		138	

Tabela 4

Idade do Agressor

Idade do Agressor			
		N	%
	« 20	9	6,9
	21-34	43	32,8
	35-49	45	34,4
	50-64	22	16,8
	»65	12	9,2
	Total	131	100,0
Missing	Sistema	7	
Total		138	

Tabela 5

Nacionalidade do Agressor

Nacionalidade agressor		
	N	%
Portuguesa	97	72,4
Angolana	4	3,0
Cabo Verdeana	20	14,9
Ucraniana	3	2,2
Guineense	2	1,5
Brasileira	5	3,7
Romena	2	1,5
Chinesa	1	,7
Total	134	100,0
Missing	Sistema	4
Total	138	

Tabela 6

Raça/ etnia do Agressor

Raça/etnia do agressor		
	N	%
Caucasiana	96	70,6
Negra	34	25,0
Cigana	5	3,7
Asiático	1	,7
Total	136	100,0
Missing	Sistema	2
Total	138	

Tabela 7

Estado Civil do Agressor

Estado Civil do Agressor		
	N	%
solteiro (a)	64	57,1
casado (a)	37	33,0
viúvo(a)	2	1,8
divorciado(a)	9	8,0
Total	112	100,0
Missing	Sistema	26
Total	138	

Tabela 8

Agressor tem filhos

Agressor tem filhos?		
	N	%
Sim	49	49,5
Não	50	50,5
Total	99	100,0
Missing	Sistema	39
Total	138	

Tabela 9

Número de filhos do Agressor

Número de filhos do agressor			
		N	%
	1	23	54,8
	2	12	28,6
	3	5	11,9
	4	1	2,4
	5	1	2,4
	Total	42	100,0
Missing	Sistema	96	
Total		138	

Tabela 10

Local de Residência do Agressor

Local residência agressor			
		N	%
	Aldeia	10	8,1
	Vila	14	11,3
	Cidade	100	80,6
	Total	124	100,0
Missing	Sistema	14	
Total		138	

Tabela 11

Condições de Habitabilidade do Agressor

Condições de habitabilidade agressor		
	N	%
Bairro classe média	39	35,5
Bairro classe baixa	37	33,6
Bairro Clandestino	17	15,5
Pensão	2	1,8
Bairro classe média/baixa	1	,9
Casa isolada no campo/vivenda	3	2,7
Bairro classe alta	3	2,7
Bairro operário	7	6,4
Instituição de Saúde Mental	1	,9
Total	110	100,0
Missing	Sistema	28
Total	138	

Tabela 12

Forma de Vida do Agressor

Forma de vida do agressor		
	N	%
vive sozinha	21	17,8
casada ou vive maritalmente	56	47,5
vive com os pais	25	21,2
vive com amigos/familiares	9	7,6
Outros	7	5,9
Total	118	100,0
Missing	Sistema	20
Total	138	

Tabela 13

Profissão do Agressor

Profissão do Agressor		N	%
	Construção Civil	26	21,5
	Desempregado/ Sem ocupação	23	19,0
	Serviços	38	31,4
	Profissões especializadas	13	10,7
	Reformado	13	10,7
	Estudante	8	6,6
	Total	121	100,0
Missing	Sistema	17	
Total		138	

Caracterização sócio – demográfica da Vítima

Tabela 14

Sexo da Vítima

Sexo da Vítima		
	N	%
Feminino	67	48,6
Masculino	71	51,4
Total	138	100,0

Tabela 15

Idade da Vítima

Idade da Vítima		
	N	%
« 20	11	8,3
21-34	41	31,1
35-49	34	25,8
50-64	29	22,0
»65	17	12,9
Total	132	100,0
Missing	Sistema	6
Total	138	

Tabela 16

Nacionalidade da Vítima

Nacionalidade vítima			
		N	%
Valid	Portuguesa	99	78,6
	Angolana	4	3,2
	Cabo Verdeana	11	8,7
	Ucraniana	2	1,6
	Guineense	3	2,4
	São Tomense	1	,8
	Brasileira	4	3,2
	Russa	1	,8
	Italiana	1	,8
	Total	126	100,0
Missing	System	12	
Total		138	

Tabela 17

Raça/etnia da Vítima

Raça/etnia da vítima			
	N	%	
	Caucasiana	96	75,6
	Negra	28	22,0
	Cigana	3	2,4
	Total	127	100,0
Missing	Sistema	11	
Total		138	

Tabela 18

Estado Civil da Vítima

Estado Civil Vítima			
	N	%	
	solteiro (a)	49	42,6
	casado (a)	52	45,2
	viúvo(a)	8	7,0
	divorciado(a)	6	5,2
	Total	115	100,0
Missing	Sistema	23	
Total		138	

Tabela 19

Vítima tem filhos

Vítima tem filhos?			
		N	%
	sim	67	62,6
	não	40	37,4
	Total	107	100,0
Missing	Sistema	31	
Total		138	

Tabela 20

Número de filhos da Vítima

Número de filhos da Vítima			
		N	%
	1	29	49,2
	2	22	37,3
	3	7	11,9
	5	1	1,7
	Total	59	100,0
Missing	Sistema	79	
Total		138	

Tabela 21

Local de Residência da Vítima

Local residência vítima		
	N	%
	8	6,4
Aldeia		
	14	11,2
Vila		
	103	82,4
Cidade		
Total	125	100,0
Missing	13	
Sistema		
Total	138	

Tabela 22

Condições de Habitabilidade da Vítima

Condições de habitabilidade da Vítima		
	N	%
Bairro classe média	44	38,9
Bairro classe baixa	32	28,3
Bairro Clandestino	14	12,4
Centro de Acolhimento	1	,9
Bairro classe média/alta	1	,9
Bairro classe alta	5	4,4
Não tem domicílio fixo	2	1,8
Pensão	2	1,8
Bairro operário	8	7,1
casa isolada no campo/ vivenda	4	3,5
Total	113	100,0
Missing	25	
Sistema		
Total	138	

Tabela 23

Forma de vida da Vítima

Forma de vida da vítima		
	N	%
vive sozinha	19	15,4
casada ou vive maritalmente	65	52,8
vive com os pais	20	16,3
vive com amigos/familiares	11	8,9
Outros	8	6,5
Total	123	100,0
Missing	Sistema	15
Total	138	

Tabela 24

Profissão da Vítima

Profissão da Vítima		
	N	%
Construção Civil	8	7,0
Desempregado/ Sem ocupação	28	24,6
Serviços	49	43,0
Profissões especializadas	5	4,4
Reformado	15	13,2
Estudante	9	7,9
Total	114	100,0
Missing	Sistema	24
Total	138	

Caracterização Psicológica do Agressor

Tabela 25

Antecedentes Psiquiátricos do Agressor

Antecedentes Psiquiátricos			
		N	%
	sim	16	14,4
	não	95	85,6
	Total	111	100,0
Missing	Sistema	27	
Total		138	

Tabela 26

Diagnóstico

Diagnóstico			
		N	%
	não tem problemas	96	86,5
	depressão	6	5,4
	esquizofrenia	2	1,8
	sem diagnóstico	5	4,5
	Depressão e mania	1	,9
	Psicopatia	1	,9
	Total	111	100,0
Missing	Sistema	27	
Total		138	

Tabela 27

Consumo de Substâncias pelo Agressor

Consumo de Substâncias		
	N	%
alcoholizado	31	27,2
drogado	6	5,3
sóbrio	72	63,2
sob efeito medicação	2	1,8
alcohol e drogas	2	1,8
substância desconhecida	1	,9
Total	114	100,0
Missing	Sistema	24
Total	138	

Caracterização Jurídico – Penal do Agressor

Tabela 28

Antecedentes Criminais

Antecedentes criminais		
	N	%
sem antecedentes	71	59,2
pelo mesmo delito	14	11,7
por outros delitos	35	29,2
Total	120	100,0
Missing	Sistema	18
Total	138	

Tabela 29

Tipo de Antecedentes Criminais

Tipo de antecedentes		N	%
	não tem antecedentes	73	63,5
	cheques sem provisão	2	1,7
	furto	8	7,0
	violência conjugal/ofensas à integridade física	3	2,6
	furto e violação	1	,9
	cheques sem provisão e incêndio	1	,9
	burla e tráfico de estupefacientes	1	,9
	homicídio	14	12,2
	Consumo/Tráfico Droga	8	7,0
	Furto e Tráfico Droga	3	2,6
	Vários antecedentes	1	,9
	Total	115	100,0
Missing	Sistema	23	
Total		138	

Tabela 30

Características do Agressor

Características do Agressor		N	%
	Nervoso/ assustado/ mostra sintomas de retraimento social	32	47,1
	Nega a agressão mesmo confrontado	15	22,1
	Gaba-se da Agressão/ Indiferente /Desafiante	18	26,5
	Outros	3	4,4
	Total	68	100,0
Missing	Sistema	70	
Total		138	

Caracterização do Comportamento Criminal

Tabela 31

Tipo de Homicídio

Tipo de Homicídio		
	N	%
Homicídio	112	81,2
Homicídio, Crimes Sexuais e/ ou Roubo	4	2,9
Homicídio-Suicídio	14	10,1
Homicídio e Tentativa Suicídio	8	5,8
Total	138	100,0

Tabela 32

Local do delito

Local do delito		
	N	%
Estabelecimentos Comerciais/Nocturnos	11	8,0
Domicílio vítima/imediações	32	23,2
Via pública	25	18,1
Local trabalho vítima/agressor/imediações	10	7,2
Domicílio vítima/agressor/imediações	39	28,3
Veículo	10	7,2
Domicílio Agressor/imediações	5	3,6
Domicílio familiares/amigos/imediações	4	2,9
Outros locais	2	1,4
Total	138	100,0

Tabela 33

Local onde a vítima foi encontrada

Local onde a vítima foi encontrada			
	N	%	
Estabelecimentos			
Comerciais/Nocturnos	9	6,5	
Domicílio vítima/imediações	31	22,5	
Via pública	30	21,7	
Local trabalho			
vítima/agressor/imediações	9	6,5	
Domicílio da			
Vítima/Agressor/imediações	34	24,6	
Veículo	12	8,7	
Domicílio Agressor/imediações	5	3,6	
Domicílio familiares/amigos	4	2,9	
Outros locais	3	2,2	
Total	137	99,3	
Missing	Sistema	1	,7
Total	138	100,0	

Tabela 34

Tipo de Lesões

Tipo de Lesões			
	N	%	
Feridas incisas	41	30,4	
Feridas munições	59	43,7	
estrangulamento/esganadura	6	4,4	
Feridas contusas	13	9,6	
Várias Lesões	15	11,1	
Outras Lesões	1	,7	
Total	135	100,0	
Missing	Sistema	3	
Total	138		

Tabela 35

Zona das Lesões

Zona das Lesões		
	N	%
Peito	9	7,5
Várias zonas	52	43,3
Pescoço	8	6,7
Cabeça	18	15,0
Abdómen	8	6,7
Tórax	11	9,2
Dorso	4	3,3
Face	6	5,0
Outras zonas	4	3,3
Total	120	100,0
Missing	Sistema	18
Total	138	

Tabela 36

Tipo de Arma

Tipo de Arma		
	N	%
arma branca	43	31,2
arma fogo	62	44,9
força física	14	10,1
martelo/taco/cinto	3	2,2
Não recuperada/desconhecida	1	,7
outras armas	15	10,9
Total	138	100,0

Tabela 37

Tipo de Arma de Fogo

Tipo de arma de fogo		
	N	%
não utiliza arma fogo	76	55,1
Caçadeira	22	15,9
Pistola	21	15,2
Revólver	12	8,7
Espingarda	2	1,4
Arma fogo nao especificada	5	3,6
Total	138	100,0

Tabela 38

Motivo

Motivo		
	N	%
Económico	16	12,0
Vingança	13	9,8
Discussão acalorada	27	20,3
Tráfico de droga	3	2,3
Abuso de Substâncias/Perturbações Psicológicas	5	3,8
Operação/abordagem policial	4	3,0
Não havia motivo aparente/Acidente	7	5,3
Relações Íntimas	50	37,6
Outros motivos	8	6,0
Total	133	100,0
Missing	Sistema	5
Total	138	

Tabela 39

Ocultação de Cadáver

Ocultação de cadáver			
		N	%
	sim	10	7,5
	não	123	92,5
	Total	133	100,0
Missing	Sistema	5	
Total		138	

Tabela 40

Premeditação

Premeditação			
		N	%
	sim	66	51,2
	não	63	48,8
	Total	129	100,0
Missing	Sistema	9	
Total		138	

Tabela 41

Comportamentos da vítima e agressor durante o delito

	N	%
Agressões físicas	46	58,2
Ameaças Verbais	4	5,1
Tiroteio/Baleada	19	24,1
Roubo	4	5,1
Outros	6	7,6
Total	79	100,0
Missing Sistema	59	
Total	138	

Tabela 42

Comportamento da vítima antes do delito

	N	%
Em casa/imediações	56	51,4
No local de trabalho	12	11,0
A passear/divertir-se	16	14,7
Em estabelecimentos comerciais/imediações	9	8,3
Cometia actos ilícitos	5	4,6
Outros comportamentos	11	10,1
Total	109	100,0
Missing Sistema	29	
Total	138	

Tabela 43

Comportamento da vítima e agressor antes do delito

	N	%
Interacção Pacífica/ Harmoniosa	24	22,2
Agressões Físicas	44	40,7
Discussão/ Ameaças	25	23,1
Abuso de substâncias	7	6,5
Outros	8	7,4
Total	108	100,0
Missing Sistema	30	
Total	138	

Tabela 44

Comportamento do Agressor após o delito

	N	%
Fugiu	59	48,0
Entregou-se às autoridades	21	17,1
Profanação/ocultação cadáver	11	8,9
Outros comportamentos	8	6,5
Suicídio/tentativa	19	15,4
ocultação da participação	5	4,1
Total	123	100,0
Missing Sistema	15	
Total	138	

Anexo B – Análise de Correspondências Múltiplas

Valores Próprios, Variância e Medidas de Discriminação das Dimensões

Tabela 1

Valores Próprios e Inércia das Dimensões

Model Summary			
Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For	
		Total (Eigenvalue)	Inertia
1	,861	4,736	,395
2	,858	4,676	,390
3	,800	3,751	,313
4	,725	2,982	,248
5	,715	2,900	,242
6	,696	2,760	,230
7	,684	2,680	,223
8	,664	2,558	,213
9	,632	2,377	,198
10	,597	2,209	,184
11	,550	2,018	,168
12	,506	1,864	,155
Total		35,510	2,959
Mean	,722 ^a	2,959	,247

^a. Mean Cronbach's Alpha is based on the mean Eigenvalue.

Figura 1

Representação da Variância das Dimensões

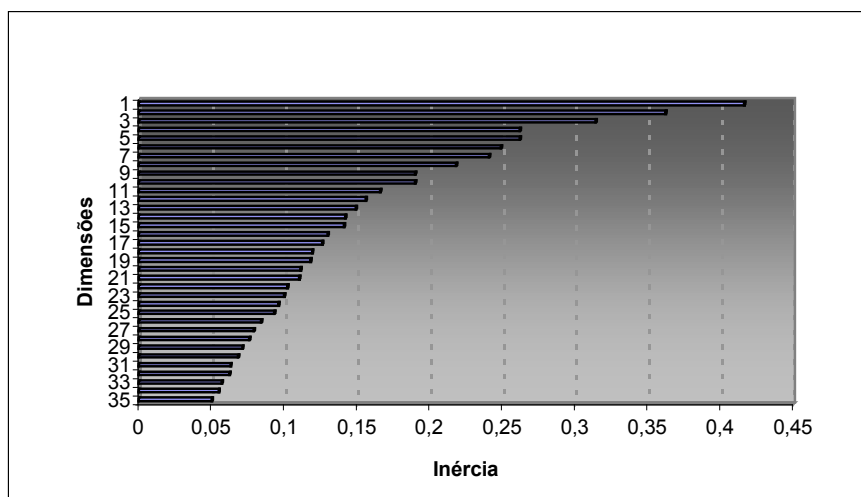


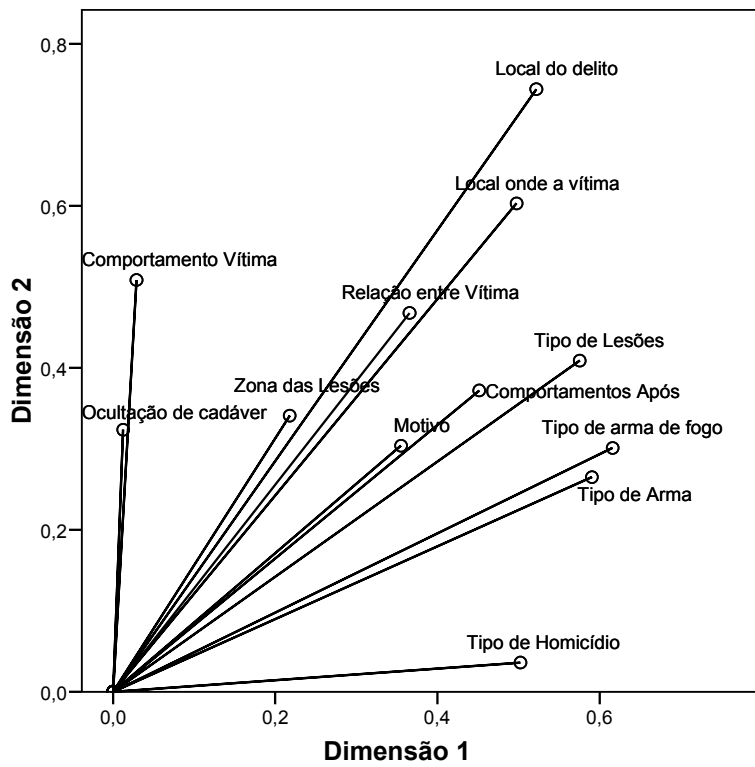
Tabela 2

Medidas de Discriminação

Discrimination Measures			
	Dimension		
	1	2	3
Tipo de Homicídio	,502	,036	,066
Local do delito	,522	,745	,711
Local onde a vítima foi encontrada	,498	,603	,761
Tipo de Lesões	,576	,408	,347
Zona das Lesões	,218	,341	,181
Tipo de Arma	,591	,265	,293
Tipo de arma de fogo	,617	,303	,074
Motivo	,355	,305	,202
Ocultação de cadáver	,012	,321	,195
Comportamento Vítima Antes	,029	,510	,450
Comportamentos Após Agressão	,451	,370	,328
Relação entre Vítima e Agressor	,365	,470	,145
Active Total	4,736	4,676	3,751

Figura 2

Representação Gráfica das Medidas de Discriminação



Quantificações das Categorias das Variáveis de Input

Tabela 3

Coordenadas (Quantificações) do Tipo de homicídio

Tipo de Homicídio

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Homicídio	112	,230	,082
Homicídio, Crimes Sexuais e/ ou Roubo	4	1,393	-,184
Homicídio-Suicídio	14	-1,704	-,227
Homicídio e Tentativa Suicídio	8	-1,369	-,648

Variable Principal Normalization.

Tabela 4

Coordenadas (Quantificações) do Local do Delito

Local do delito

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Estabelecimentos Comerciais/Nocturnos	11	,295	1,330
Domicílio vítima/imediações	32	,651	-,332
Via pública	25	,323	,959
Local trabalho vítima/agressor/imediações	10	-,100	,833
Domicílio vítima/agressor/imediações	39	-,431	-,620
Veículo	10	-,687	,194
Domicílio Agressor/imediações	5	-,224	-2,618
Domicílio familiares/amigos/imediações	4	-3,122	-,119
Outros locais	2	1,348	-,223

Variable Principal Normalization.

Tabela 5

Coordenadas (Quantificações) do Local onde a vítima foi encontrada

Local onde a vítima foi encontrada

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Estabelecimentos Comerciais/Nocturnos	9	,260	1,373
Domicílio vítima/imediações	31	,638	-,337
Via pública	30	,336	,709
Local trabalho vítima/agressor/imediações	9	-,225	,823
Domicílio da Vítima/Agressor/imediações	34	-,480	-,458
Veículo	12	-,383	-,103
Domicílio Agressor/imediações	5	-,224	-2,618
Domicílio familiares/amigos	4	-3,122	-,119
Outros locais	3	,964	,099
Missing	1		

Variable Principal Normalization.

Tabela 6

Coordenadas (Quantificações) do Tipo de Lesões

Tipo de Lesões

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Feridas incisas	41	,649	-,092
Feridas munições	59	-,889	,472
estrangulamento/esganadura	6	,449	-2,395
Feridas contusas	13	,866	,044
Várias Lesões	15	,438	-,728
Outras Lesões	1	1,317	-,743
Missing	3		

Variable Principal Normalization.

Tabela 7

Coordenadas (Quantificações) da Zona das Lesões

Zona das Lesões

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Peito	9	-,559	,071
Várias zonas	52	,243	-,250
Pescoço	8	,519	-1,698
Cabeça	18	-,488	,035
Abdómen	8	,143	1,165
Tórax	11	,493	,650
Dorso	4	,658	,837
Face	6	-1,148	,573
Outras zonas	4	1,148	,328
Missing	18		

Variable Principal Normalization.

Tabela 8

Coordenadas (Quantificações) do Tipo de Arma

Tipo de Arma

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
arma branca	43	,607	-,093
arma fogo	62	-,871	,473
força física	14	,838	-1,109
martelo/taco/cinto	3	,360	-,480
Não recuperada/desconhecida	1	,564	-,146
outras armas	15	,737	-,542

Variable Principal Normalization.

Tabela 9

Coordenadas (Quantificações) do Tipo de arma de fogo

Tipo de arma de fogo

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
não utiliza arma fogo	76	,665	-,385
Caçadeira	22	-1,209	-,138
Pistola	21	-,656	1,026
Revólver	12	-,626	,669
Espingarda	2	-1,157	1,079
Arma fogo nao especificada	5	-,755	,127

Variable Principal Normalization.

Tabela 10

Coordenadas (Quantificações) do Motivo da agressão

Motivo

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Económico	16	,812	,211
Vingança	13	,511	,063
Discussão acalorada	27	,569	,577
Tráfico de droga	3	,109	,848
Abuso de Substâncias/Perturbações Psicológicas	5	-,241	-,594
Operação/abordagem policial	4	-,264	1,725
Não havia motivo aparente/Acidente	7	,176	,439
Relações Íntimas	50	-,714	-,523
Outros motivos	8	,018	-,415
Missing	5		

Variable Principal Normalization.

Tabela 11

Coordenadas (Quantificações) da Ocultação de Cadáver

Ocultação de cadáver

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
sim	10	,389	-2,026
não	123	-,040	,171
Missing	5		

Variable Principal Normalization.

Tabela 12

Coordenadas (Quantificações) do Comportamento da Vítima antes do delito

Comportamento Vítima Antes

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Em casa/imediações	56	,031	-,531
No local de trabalho	12	-,125	,861
A passear/divertir-se	16	,299	,950
Em estabelecimentos comerciais/imediações	9	,505	1,023
Cometia actos ilícitos	5	,001	1,401
Outros comportamentos	11	-,022	-1,036
Missing	29		

Variable Principal Normalization.

Tabela 13

Coordenadas (Quantificações) do Comportamento do Agressor após o delito

Comportamentos Após Agressão

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Fugiu	59	,453	,482
Entregou-se às autoridades	21	-,048	,023
Profanação/ocultação cadáver	11	,366	-1,278
Outros comportamentos	8	,226	,288
Suicídio/tentativa	19	-1,561	-,404
ocult_participação	5	,633	-1,785
Missing	15		

Variable Principal Normalization.

Tabela 14

Coordenadas (Quantificações) da Relação entre Vítima e Agressor

Relação entre Vítima e Agressor

Points: Coordinates

Category	Frequency	Centroid Coordinates	
		Dimension	
		1	2
Relação íntima	63	-,663	-,608
Familiar	9	,867	-,606
Amigos	13	,648	,190
Conhecidos	31	,406	,593
Desconhecidos	19	,535	1,183
Missing	3		

Variable Principal Normalization.

Contribuições das Categorias das Variáveis de Input

Tabela 15

Contribuição do Tipo de homicídio

Tipo de Homicídio

Points: Contributions

Category	Frequency	Mass	Inertia	Contribution				
				Of Point to Inertia of Dimension		Of Dimension to Inertia of Point		Total
				1	2	1	2	
Homicídio	112	,071	,017	,009	,001	,212	,027	,239
Homicídio, Crimes Sexuais e/ ou Roubo	4	,003	,081	,012	,000	,058	,001	,059
Homicídio-Suicídio	14	,009	,085	,062	,001	,290	,005	,296
Homicídio e Tentativa Suicídio	8	,005	,083	,023	,005	,109	,024	,133
Active Total		,088	,266	,106	,008			

Variable Principal Normalization.

Tabela 16

Contribuição do Local do Delito

Local do delito

Points: Contributions

Category	Frequency	Mass	Inertia	Contribution				
				Of Point to Inertia of Dimension		Of Dimension to Inertia of Point		Total
				1	2	1	2	
Estabelecimentos Comerciais/Nocturnos	11	,007	,083	,001	,030	,007	,141	,148
Domicílio vítima/mediações	32	,020	,064	,021	,005	,127	,033	,161
Via pública	25	,016	,071	,004	,036	,022	,195	,217
Local trabalho vítima/agressor/imediações	10	,006	,084	,000	,011	,001	,050	,051
Domicílio vítima/agressor/imediações	39	,025	,065	,011	,023	,067	,139	,205
Veículo	10	,006	,081	,007	,001	,035	,003	,038
Domicílio Agressor/imediações	5	,003	,080	,000	,053	,002	,258	,260
Domicílio familiares/amigos/imediações	4	,003	,100	,060	,000	,235	,000	,235
Outros locais	2	,001	,103	,006	,000	,021	,001	,022
Active Total		,088	,732	,110	,159			

Variable Principal Normalization.

Tabela 17

Contribuição do Local onde a vítima foi encontrada

Local onde a vítima foi encontrada

Points: Contributions

Category	Frequency	Mass	Inertia	Contribution				Total
				Of Point to Inertia of Dimension		Of Dimension to Inertia of Point		
				1	2	1	2	
Estabelecimentos Comerciais/Nocturnos	9	,006	,085	,001	,026	,004	,120	,125
Domicílio vítima/imediações	31	,020	,065	,019	,005	,117	,033	,150
Via pública	30	,019	,068	,005	,023	,030	,134	,164
Local trabalho vítima/agressor/imediações	9	,006	,084	,001	,009	,003	,044	,047
Domicílio da Vítima/Agressor/imediações	34	,022	,069	,012	,011	,069	,063	,131
Veículo	12	,008	,080	,003	,000	,013	,001	,014
Domicílio Agressor/imediações	5	,003	,080	,000	,053	,002	,258	,260
Domicílio familiares/amigos	4	,003	,100	,060	,000	,235	,000	,235
Outros locais	3	,002	,095	,004	,000	,018	,000	,018
Missing	1							
Active Total		,087	,727	,105	,129			

Variable Principal Normalization.

Tabela 18

Contribuição do Tipo de Lesões

Tipo de Lesões

Points: Contributions

Category	Frequency	Mass	Inertia	Contribution				Total
				Of Point to Inertia of Dimension		Of Dimension to Inertia of Point		
				1	2	1	2	
Feridas incisas	41	,026	,063	,026	,001	,165	,003	,168
Feridas munições	59	,037	,051	,071	,020	,553	,156	,709
estrangulamento/esganadura	6	,004	,081	,002	,053	,009	,257	,266
Feridas contusas	13	,008	,078	,015	,000	,076	,000	,076
Várias Lesões	15	,010	,075	,004	,012	,023	,064	,087
Outras Lesões	1	,001	,090	,003	,001	,012	,004	,015
Missing	3							
Active Total		,086	,438	,122	,087			

Variable Principal Normalization.

Tabela 19

Contribuição da Zona das Lesões

Zona das Lesões

Points: Contributions

Category	Frequency	Mass	Inertia	Contribution				
				Of Point to Inertia of Dimension		Of Dimension to Inertia of Point		Total
				1	2	1	2	
Peito	9	,006	,079	,004	,000	,021	,000	,022
Várias zonas	52	,033	,053	,005	,005	,035	,037	,072
Pescoço	8	,005	,080	,003	,036	,016	,174	,190
Cabeça	18	,011	,075	,007	,000	,034	,000	,035
Abdómen	8	,005	,078	,000	,017	,001	,084	,085
Tórax	11	,007	,081	,004	,007	,020	,035	,055
Dorso	4	,003	,083	,003	,004	,013	,020	,033
Face	6	,004	,080	,012	,003	,060	,015	,075
Outras zonas	4	,003	,091	,008	,001	,035	,003	,038
Missing	18							
Active Total		,076	,701	,046	,073			

Variable Principal Normalization.

Tabela 20

Contribuição do Tipo de Arma

Tipo de Arma

Points: Contributions

Category	Frequency	Mass	Inertia	Contribution				
				Of Point to Inertia of Dimension		Of Dimension to Inertia of Point		Total
				1	2	1	2	
arma branca	43	,027	,062	,024	,001	,154	,004	,158
arma fogo	62	,039	,050	,072	,022	,569	,168	,738
força física	14	,009	,077	,015	,027	,077	,136	,213
martelo/taco/cinto	3	,002	,096	,001	,001	,002	,004	,007
Não recuperada/desconhecida	1	,001	,083	,000	,000	,002	,000	,002
outras armas	15	,010	,074	,012	,007	,066	,036	,102
Active Total		,088	,442	,125	,057			

Variable Principal Normalization.

Tabela 21

Contribuição do Tipo de arma de fogo

Tipo de arma de fogo

Points: Contributions

Category	Frequency	Mass	Inertia	Contribution				Total
				Of Point to Inertia of Dimension		Of Dimension to Inertia of Point		
				1	2	1	2	
não utiliza arma fogo	76	,048	,040	,051	,017	,513	,172	,684
Caçadeira	22	,014	,078	,049	,001	,248	,003	,251
Pistola	21	,013	,075	,014	,034	,073	,179	,252
Revólver	12	,008	,079	,007	,008	,036	,041	,077
Espingarda	2	,001	,082	,004	,004	,020	,017	,037
Arma fogo nao especificada	5	,003	,086	,004	,000	,020	,001	,021
Active Total		,088	,439	,130	,064			

Variable Principal Normalization.

Tabela 22

Contribuição do Motivo da agressão

Motivo

Points: Contributions

Category	Frequency	Mass	Inertia	Contribution				Total
				Of Point to Inertia of Dimension		Of Dimension to Inertia of Point		
				1	2	1	2	
Económico	16	,010	,074	,016	,001	,087	,006	,092
Vingança	13	,008	,080	,005	,000	,026	,000	,026
Discussão acalorada	27	,017	,068	,013	,014	,077	,079	,157
Tráfico de droga	3	,002	,093	,000	,003	,000	,014	,014
Abuso de Substâncias/Perturbações Psicológicas	5	,003	,083	,000	,003	,002	,013	,015
Operação/abordagem policial	4	,003	,083	,000	,018	,002	,087	,089
Não havia motivo aparente/Acidente	7	,004	,081	,000	,002	,002	,010	,012
Relações Íntimas	50	,032	,059	,039	,021	,262	,141	,403
Outros motivos	8	,005	,079	,000	,002	,000	,011	,011
Missing	5							
Active Total		,084	,700	,075	,065			

Variable Principal Normalization.

Tabela 23

Contribuição da Ocultação de Cadáver

Ocultação de cadáver

Points: Contributions

Category	Frequency	Mass	Inertia	Contribution				Total
				Of Point to Inertia of Dimension		Of Dimension to Inertia of Point		
				1	2	1	2	
sim	10	,006	,079	,002	,064	,012	,316	,328
não	123	,078	,010	,000	,006	,012	,227	,239
Missing	5							
Active Total		,084	,088	,003	,069			

Variable Principal Normalization.

Tabela 24

Contribuição do Comportamento da Vítima antes do delito

Comportamento Vítima Antes

Points: Contributions

Category	Frequency	Mass	Inertia	Contribution				Total
				Of Point to Inertia of Dimension		Of Dimension to Inertia of Point		
				1	2	1	2	
Em casa/mediações	56	,036	,050	,000	,024	,001	,191	,192
No local de trabalho	12	,008	,077	,000	,014	,001	,070	,071
A passear/divertir-se	16	,010	,075	,002	,022	,012	,116	,128
Em estabelecimentos comerciais/mediações	9	,006	,078	,004	,015	,018	,073	,090
Cometia actos ilícitos	5	,003	,080	,000	,015	,000	,074	,074
Outros comportamentos	11	,007	,076	,000	,018	,000	,093	,093
Missing	29							
Active Total		,069	,437	,006	,109			

Variable Principal Normalization.

Tabela 25

Contribuição do Comportamento do Agressor após o delito

Comportamentos Após Agressão

Points: Contributions

Category	Frequency	Mass	Inertia	Contribution				Total
				Of Point to Inertia of Dimension		Of Dimension to Inertia of Point		
				1	2	1	2	
Fugiu	59	,037	,047	,019	,021	,155	,175	,330
Entregou-se às autoridades	21	,013	,073	,000	,000	,000	,000	,000
Profanação/ocultação cadáver	11	,007	,078	,002	,028	,011	,139	,151
Outros comportamentos	8	,005	,080	,001	,001	,003	,005	,008
Suicídio/tentativa	19	,012	,077	,071	,005	,364	,024	,389
ocult_participação	5	,003	,082	,003	,025	,015	,118	,133
Missing	15							
Active Total		,078	,436	,095	,080			

Variable Principal Normalization.

Tabela 26

Contribuição da Relação entre Vítima e Agressor

Relação entre Vítima e Agressor

Points: Contributions

Category	Frequency	Mass	Inertia	Contribution				Total
				Of Point to Inertia of Dimension		Of Dimension to Inertia of Point		
				1	2	1	2	
Relação íntima	63	,040	,050	,042	,036	,336	,282	,618
Familiar	9	,006	,081	,010	,005	,050	,025	,075
Amigos	13	,008	,076	,008	,001	,043	,004	,047
Conhecidos	31	,020	,069	,008	,017	,045	,095	,140
Desconhecidos	19	,012	,072	,008	,041	,045	,222	,267
Missing	3							
Active Total		,086	,349	,077	,100			

Variable Principal Normalization.

Configuração Topológica do Espaço em Análise

Figura 3

Identificação de Dimensões do Comportamento Criminal

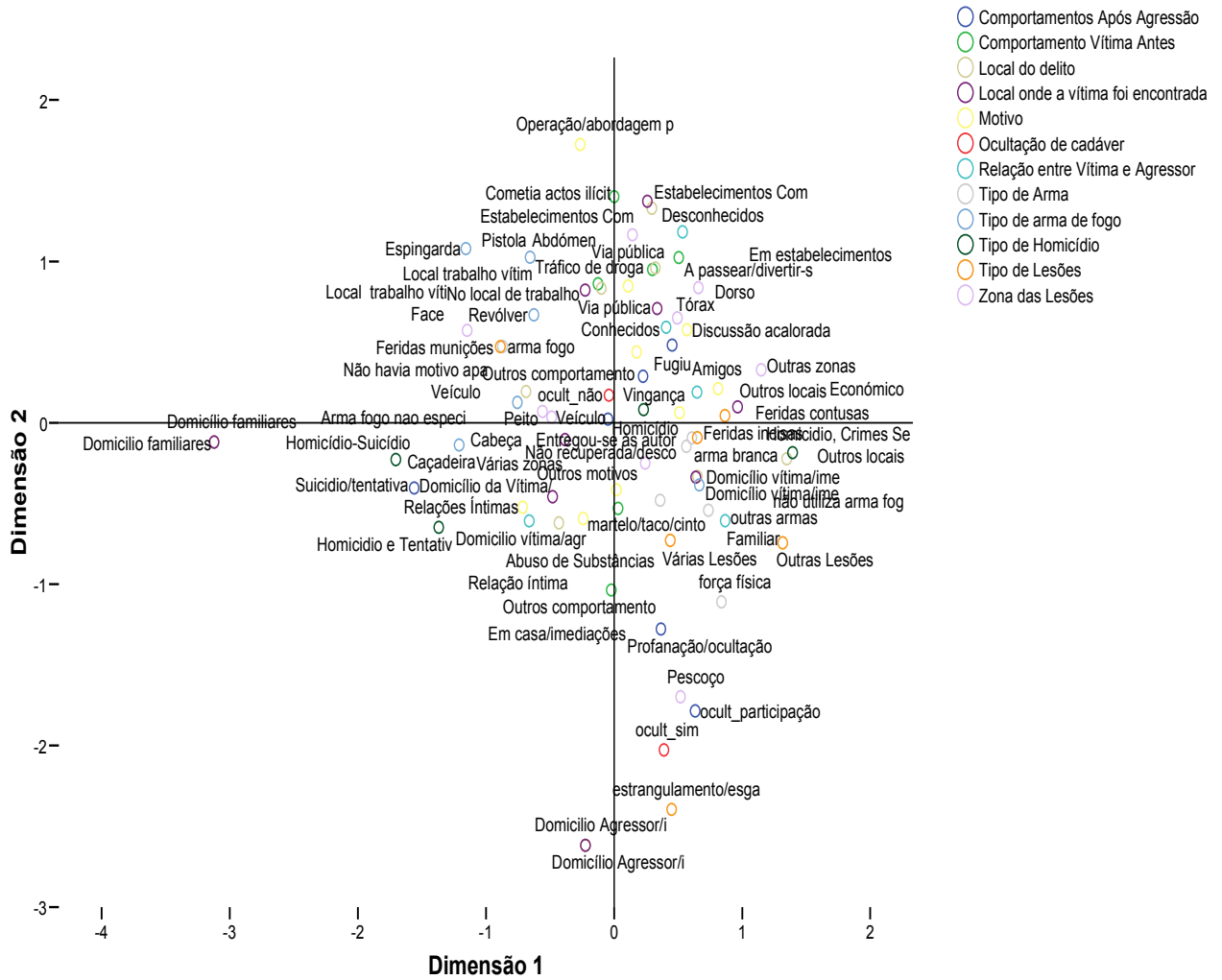


Figura 4

Caracterização Sociodemográfica da Vítima e Agressor

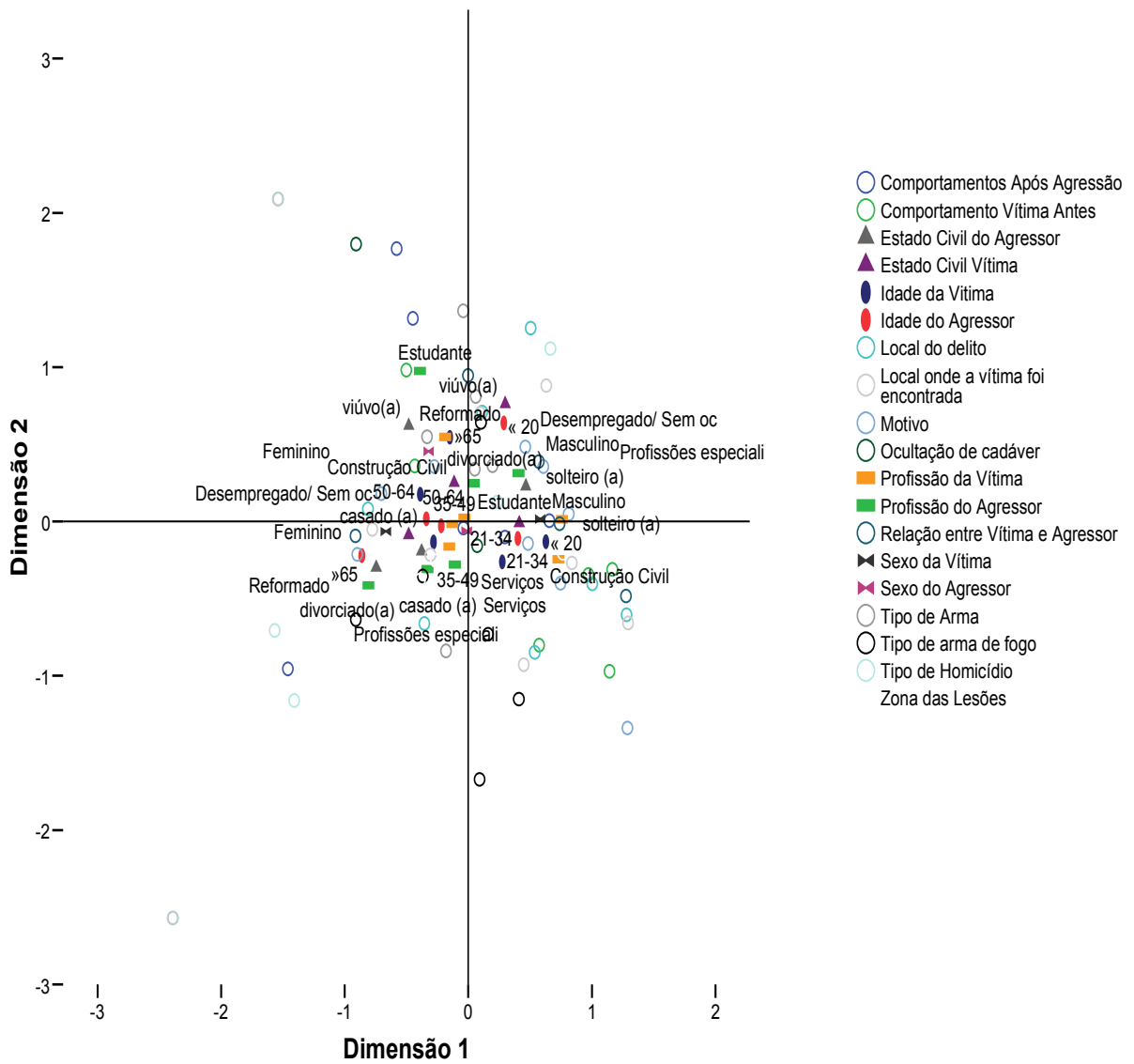
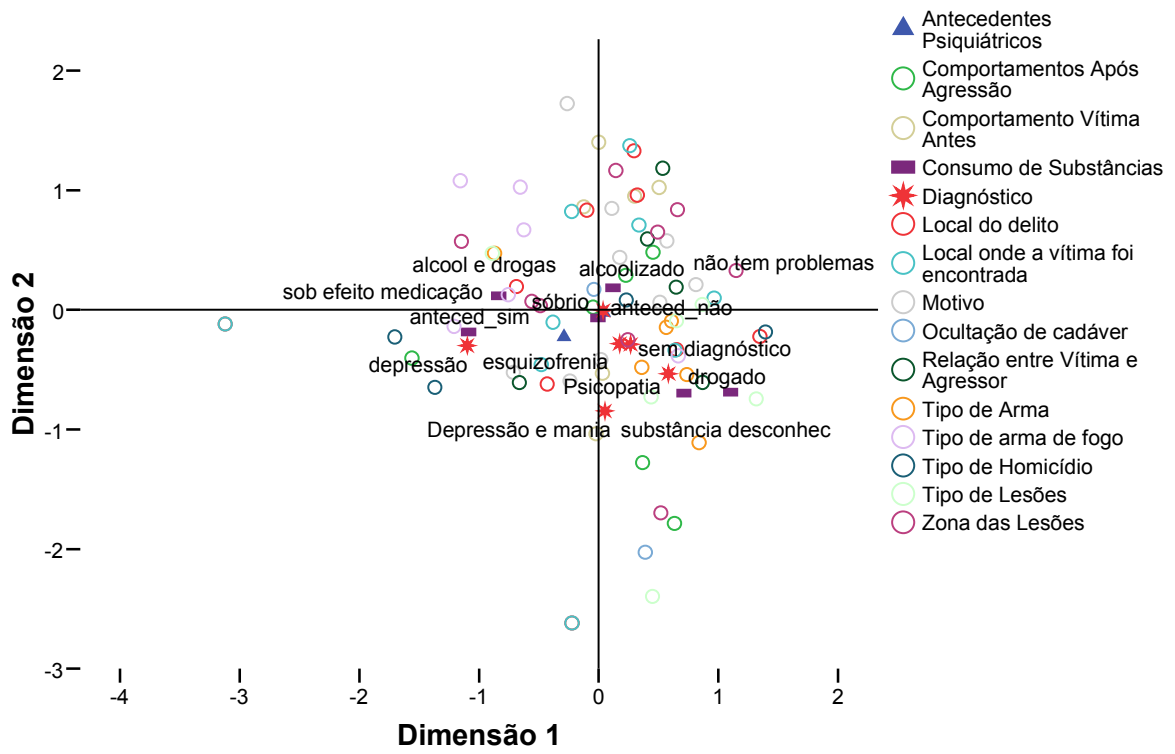


Figura 5

Caracterização psicológica do Agressor



Anexo C – Articulação da ACM com a Análise de *Clusters*

Coefficientes de Fusão

Tabela 1

Coefficientes de Fusão (Critério de Ward)

Agglomeration Schedule (critério de Ward)

Stage	Cluster Combined		Coefficients	Stage Cluster First Appears		Next Stage
	Cluster 1	Cluster 2		Cluster 1	Cluster 2	
108	62	67	4,551	95	64	120
109	7	91	4,801	81	78	125
110	10	14	5,079	101	93	123
111	58	71	5,362	88	85	124
112	49	60	5,693	54	61	123
113	45	93	6,070	70	100	121
114	28	56	6,454	105	99	126
115	9	25	6,895	15	80	128
116	5	21	7,386	69	32	130
117	52	55	8,002	97	98	126
118	63	64	8,666	96	104	131
119	3	32	9,333	0	0	129
120	62	76	10,100	108	92	124
121	29	45	10,898	83	113	131
122	1	4	11,880	106	90	125
123	10	49	13,067	110	112	132
124	58	62	14,494	111	120	134
125	1	7	16,194	122	109	133
126	28	52	18,455	114	117	132
127	11	12	20,882	103	107	130
128	9	20	23,353	115	102	129
129	3	9	28,117	119	128	135
130	5	11	33,250	116	127	133
131	29	63	38,574	121	118	134
132	10	28	48,714	123	126	135
133	1	5	62,126	125	130	136
134	29	58	80,497	131	124	136
135	3	10	109,306	129	132	137
136	1	29	199,575	133	134	137
137	1	3	293,824	136	135	0

Tabela 2

Coefficientes de Fusão (Critério do Vizinho mais afastado)

Agglomeration Schedule (critério do Vizinho mais afastado)						
Stage	Cluster Combined		Coefficients	Stage Cluster First Appears		Next Stage
	Cluster 1	Cluster 2		Cluster 1	Cluster 2	
108	20	134	,446	91	0	129
109	58	93	,458	89	75	120
110	7	91	,480	80	81	123
111	9	25	,488	15	86	129
112	71	76	,489	88	94	117
113	63	64	,528	0	95	125
114	55	110	,586	92	71	119
115	5	21	,639	70	32	131
116	49	100	,734	55	93	126
117	62	71	,881	106	112	130
118	1	4	,919	83	105	128
119	36	55	,925	98	114	124
120	29	58	1,089	84	109	123
121	45	79	1,262	102	96	125
122	3	32	1,335	0	0	132
123	7	29	1,592	110	120	130
124	28	36	1,755	103	119	126
125	45	63	1,788	121	113	133
126	28	49	1,847	124	116	134
127	11	12	2,146	104	107	131
128	1	10	2,685	118	101	132
129	9	20	3,484	111	108	137
130	7	62	3,881	123	117	133
131	5	11	4,019	115	127	135
132	1	3	4,620	128	122	135
133	7	45	5,804	130	125	134
134	7	28	10,634	133	126	136
135	1	5	13,865	132	131	136
136	1	7	25,331	135	134	137
137	1	9	29,828	136	129	0

Tabela 3

Coefficientes de Fusão (Critério do Vizinho mais próximo)

Agglomeration Schedule (critério do Vizinho mais próximo)						
Stage	Cluster Combined		Coefficients	Stage Cluster First Appears		Next Stage
	Cluster 1	Cluster 2		Cluster 1	Cluster 2	
108	15	24	,061	101	0	110
109	5	22	,064	0	0	134
110	11	15	,064	0	108	130
111	10	100	,066	99	0	113
112	29	91	,070	107	94	118
113	10	64	,072	111	98	114
114	10	63	,087	113	0	119
115	58	101	,088	106	0	116
116	58	66	,090	115	0	118
117	7	53	,090	0	0	123
118	29	58	,096	112	116	123
119	1	10	,096	104	114	120
120	1	45	,102	119	66	125
121	4	12	,107	57	105	122
122	4	61	,108	121	0	124
123	7	29	,112	117	118	126
124	4	38	,112	122	1	126
125	1	49	,114	120	84	127
126	4	7	,127	124	123	127
127	1	4	,128	125	126	130
128	20	40	,151	0	0	129
129	20	134	,187	128	0	133
130	1	11	,207	127	110	132
131	9	25	,272	15	82	132
132	1	9	,301	130	131	133
133	1	20	,349	132	129	135
134	5	21	,398	109	46	136
135	1	3	,571	133	0	136
136	1	5	,620	135	134	137
137	1	32	1,059	136	0	0

Figura 1

Distribuição dos Coeficientes de Fusão (Método Ward)

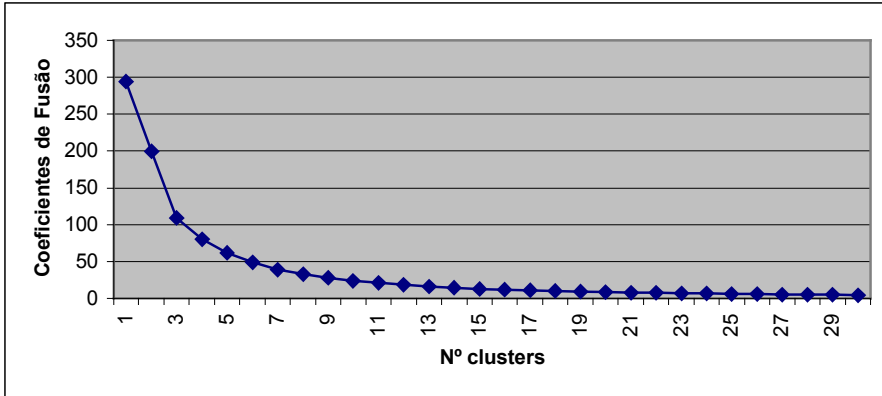


Figura 2

Distribuição dos Coeficientes de Fusão (Método do vizinho mais afastado)

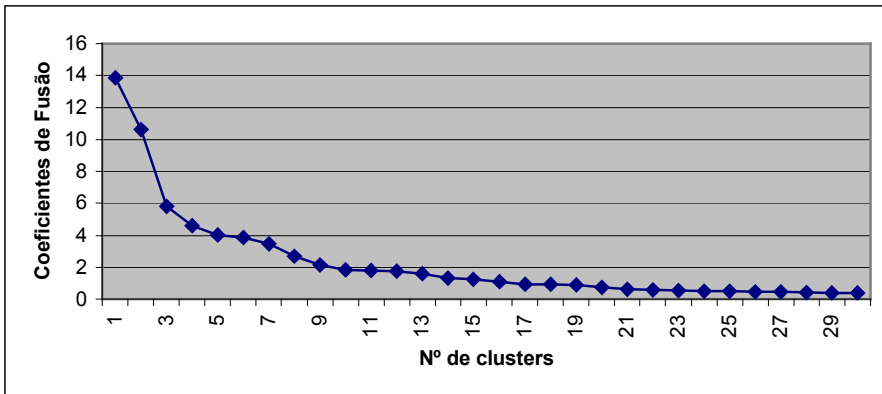
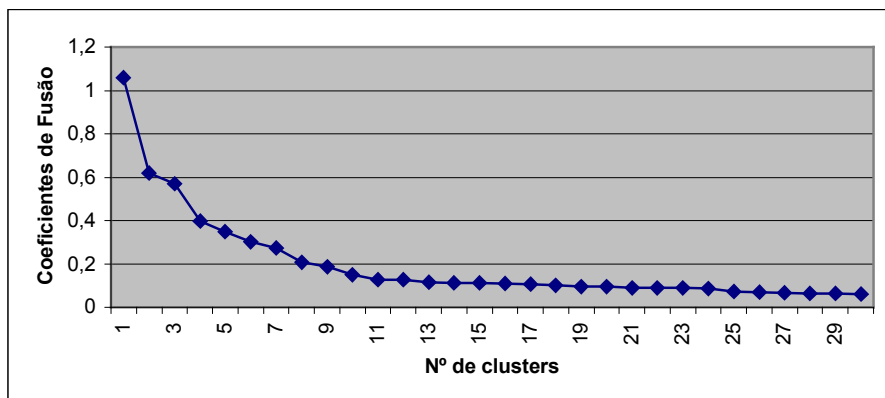


Figura 3

Distribuição dos Coeficientes de Fusão (Método do Vizinho mais próximo)



Distribuição dos Indivíduos por Cluster

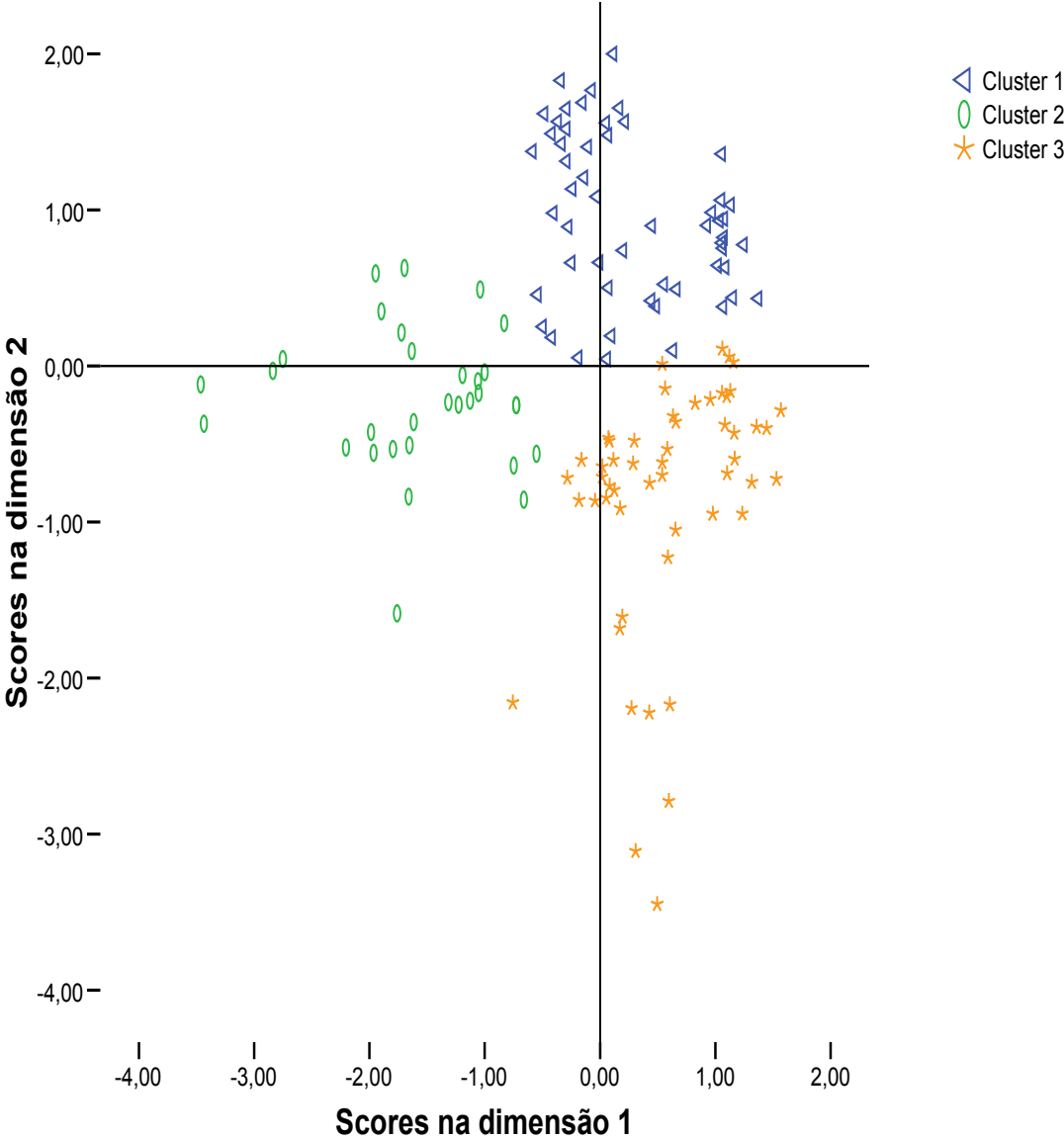
Tabela 4

Distribuição por Cluster

	N	%
Cluster/grupo 1	54	39,1
Cluster/grupo 2	31	22,5
Cluster/grupo 3	53	38,4
Total	138	100

Figura 4

Disposição dos indivíduos de acordo com o seu perfil



Caracterização dos Clusters

Tabela 5

Caracterização dos Clusters (variáveis do comportamento criminal)

		Tipologia					
		Tipo 1		Tipo 2		Tipo 3	
		N	%	N	%	N	%
Tipo de Homicídio	Homicídio	53	98,1%	13	41,9%	46	86,8%
	Homicídio, Crimes Sexuais e/ou Roubo	1	1,9%	0	,0%	3	<u>5,7%</u>
	Homicídio-Suicídio	0	,0%	12	<u>38,7%</u>	2	3,8%
	Homicídio e Tentativa Suicídio	0	,0%	6	<u>19,4%</u>	2	3,8%
Tipo de Lesões	Feridas incisas	13	<u>25,0%</u>	2	6,5%	26	<u>50,0%</u>
	Feridas munições	30	<u>57,7%</u>	28	<u>90,3%</u>	1	1,9%
	Queimaduras	0	,0%	0	,0%	0	,0%
	estrangulamento/esganadura	0	,0%	0	,0%	6	11,5%
	Feridas contusas	6	11,5%	0	,0%	7	13,5%
	Várias Lesões	3	5,8%	1	3,2%	11	21,2%
	Outras Lesões	0	,0%	0	,0%	1	1,9%
Tipo de Arma	arma branca	15	<u>27,8%</u>	2	6,5%	26	<u>49,1%</u>
	arma fogo	32	<u>59,3%</u>	29	<u>93,5%</u>	1	1,9%
	força física	3	5,6%	0	,0%	11	<u>20,8%</u>
	martelo/taco/cinto	0	,0%	0	,0%	3	5,7%
	Não recuperada/desconhecida	0	,0%	0	,0%	1	1,9%
	outras armas	4	7,4%	0	,0%	11	20,8%
Tipo de arma de fogo	não utiliza arma fogo	22	<u>40,7%</u>	2	6,5%	52	<u>98,1%</u>
	Caçadeira	7	13,0%	14	45,2%	1	1,9%
	Pistola	14	25,9%	7	22,6%	0	,0%
	Revólver	7	13,0%	5	16,1%	0	,0%
	Espingarda	1	1,9%	1	3,2%	0	,0%
	Arma fogo nao especificada	3	5,6%	2	6,5%	0	,0%
Motivo	Económico	9	17,3%	0	,0%	7	13,7%
	Vingança	8	15,4%	0	,0%	5	9,8%
	Discussão acalorada	18	<u>34,6%</u>	0	,0%	9	17,6%
	Tráfico de droga	3	5,8%	0	,0%	0	,0%
	Abuso de Substâncias/Perturbações Psicológicas	0	,0%	2	6,7%	3	5,9%
	Operação/abordagem policial	4	7,7%	0	,0%	0	,0%
	Não havia motivo aparente/Acidente	4	7,7%	0	,0%	3	5,9%
	Relações Íntimas	4	7,7%	25	<u>83,3%</u>	21	<u>41,2%</u>
	Outros motivos	2	3,8%	3	10,0%	3	5,9%
Comportamentos Após Agressão	Fugiu	39	<u>78,0%</u>	2	7,7%	18	<u>38,3%</u>
	Entregou-se às autoridades	6	12,0%	7	26,9%	8	17,0%
	Profanação/ocultação cadáver	2	4,0%	0	,0%	9	19,1%
	Outros comportamentos	3	6,0%	1	3,8%	4	8,5%
	Suicídio/tentativa	0	,0%	16	<u>61,5%</u>	3	6,4%
	ocult_participação	0	,0%	0	,0%	5	<u>10,6%</u>

Tabela 6

Caracterização dos Clusters segundo as variáveis do comportamento criminal

		Tipologia					
		Tipo 1		Tipo 2		Tipo 3	
		N	%	N	%	N	%
Tipo de Homicídio	Homicídio	53	98,1%	13	41,9%	46	86,8%
	Homicídio, Crimes Sexuais e/ou Roubo	1	1,9%	0	,0%	3	5,7%
	Homicídio-Suicídio	0	,0%	12	38,7%	2	3,8%
	Homicídio e Tentativa Suicídio	0	,0%	6	19,4%	2	3,8%
Tipo de Lesões	Feridas incisas	13	25,0%	2	6,5%	26	50,0%
	Feridas munições	30	57,7%	28	90,3%	1	1,9%
	Queimaduras	0	,0%	0	,0%	0	,0%
	estrangulamento/esganadura	0	,0%	0	,0%	6	11,5%
	Feridas contusas	6	11,5%	0	,0%	7	13,5%
	Várias Lesões	3	5,8%	1	3,2%	11	21,2%
	Outras Lesões	0	,0%	0	,0%	1	1,9%
Tipo de Arma	arma branca	15	27,8%	2	6,5%	26	49,1%
	arma fogo	32	59,3%	29	93,5%	1	1,9%
	força física	3	5,6%	0	,0%	11	20,8%
	martelo/taco/cinto	0	,0%	0	,0%	3	5,7%
	Não recuperada/desconhecida	0	,0%	0	,0%	1	1,9%
	outras armas	4	7,4%	0	,0%	11	20,8%
	Tipo de arma de fogo	não utiliza arma fogo	22	40,7%	2	6,5%	52
Caçadeira		7	13,0%	14	45,2%	1	1,9%
Pistola		14	25,9%	7	22,6%	0	,0%
Revólver		7	13,0%	5	16,1%	0	,0%
Espingarda		1	1,9%	1	3,2%	0	,0%
Arma fogo nao especificada		3	5,6%	2	6,5%	0	,0%
Motivo	Económico	9	17,3%	0	,0%	7	13,7%
	Vingança	8	15,4%	0	,0%	5	9,8%
	Discussão acalorada	18	34,6%	0	,0%	9	17,6%
	Tráfico de droga	3	5,8%	0	,0%	0	,0%
	Abuso de Substâncias/Perturbações Psicológicas	0	,0%	2	6,7%	3	5,9%
	Operação/abordagem policial	4	7,7%	0	,0%	0	,0%
	Não havia motivo aparente/Acidente	4	7,7%	0	,0%	3	5,9%
	Relações Íntimas	4	7,7%	25	83,3%	21	41,2%
	Outros motivos	2	3,8%	3	10,0%	3	5,9%
	Comportamentos Após Agressão	Fugiu	39	78,0%	2	7,7%	18
Entregou-se às autoridades		6	12,0%	7	26,9%	8	17,0%
Profanação/ocultação cadáver		2	4,0%	0	,0%	9	19,1%
Outros comportamentos		3	6,0%	1	3,8%	4	8,5%
Suicidio/tentativa		0	,0%	16	61,5%	3	6,4%
ocult_participação		0	,0%	0	,0%	5	10,6%

Tabela 7

Caracterização dos Clusters segundo as variáveis do comportamento criminal (continuação)

		Tipologia					
		Tipo 1		Tipo 2		Tipo 3	
		N	N %	N	%	N	%
Local do delito	Estabelecimentos Comerciais/Nocturnos	11	20,4%	0	,0%	0	,0%
	Domicílio vítima/imediações	6	11,1%	3	9,7%	23	43,4%
	Via pública	23	42,6%	1	3,2%	1	1,9%
	Local trabalho vítima/agressor/imediações	8	14,8%	2	6,5%	0	,0%
	Domicílio vítima/agressor/imediações	4	7,4%	15	48,4%	20	37,7%
	Veículo	2	3,7%	5	16,1%	3	5,7%
	Domicílio Agressor/imediações	0	,0%	1	3,2%	4	7,5%
	Domicílio familiares/amigos/imediações	0	,0%	4	12,9%	0	,0%
	Outros locais	0	,0%	0	,0%	2	3,8%
	Local onde a vítima foi encontrada	Estabelecimentos Comerciais/Nocturnos	9	16,7%	0	,0%	0
Domicílio vítima/imediações		6	11,1%	3	10,0%	22	41,5%
Via pública		24	44,4%	2	6,7%	4	7,5%
Local trabalho vítima/agressor/imediações		7	13,0%	2	6,7%	0	,0%
Domicílio da Vítima/Agressor/imediações		4	7,4%	14	46,7%	16	30,2%
Veículo		3	5,6%	4	13,3%	5	9,4%
Domicílio Agressor/imediações		0	,0%	1	3,3%	4	7,5%
Domicílio familiares/amigos		0	,0%	4	13,3%	0	,0%
Outros locais		1	1,9%	0	,0%	2	3,8%
Zona das Lesões		Peito	5	10,4%	4	16,7%	0
	Várias zonas	18	37,5%	6	25,0%	28	58,3%
	Pescoço	0	,0%	1	4,2%	7	14,6%
	Cabeça	4	8,3%	9	37,5%	5	10,4%
	Abdómen	7	14,6%	0	,0%	1	2,1%
	Tórax	7	14,6%	0	,0%	4	8,3%
	Dorso	3	6,3%	0	,0%	1	2,1%
	Face	2	4,2%	4	16,7%	0	,0%
	Outras zonas	2	4,2%	0	,0%	2	4,2%
Ocultação de cadáver	sim	0	,0%	0	,0%	10	19,6%
	não	53	100,0%	29	100,0%	41	80,4%
Comportamento Vítima Antes	Em casa/imediações	4	8,7%	16	80,0%	36	83,7%
	No local de trabalho	10	21,7%	2	10,0%	0	,0%
	A passear/divertir-se	15	32,6%	1	5,0%	0	,0%
	Em estabelecimentos comerciais/imediações	9	19,6%	0	,0%	0	,0%
	Cometia actos ilícitos	5	10,9%	0	,0%	0	,0%
	Outros comportamentos	3	6,5%	1	5,0%	7	16,3%
	Relação entre Vítima e Agressor	Relação íntima	5	9,4%	30	100,0%	28
Familiar		0	,0%	0	,0%	9	17,3%
Amigos		8	15,1%	0	,0%	5	9,6%
Conhecidos		22	41,5%	0	,0%	9	17,3%
Desconhecidos		18	34,0%	0	,0%	1	1,9%

Tabela 8

Caracterização dos Clusters (variáveis sócio-demográficas)

		Tipologia					
		Tipo 1		Tipo 2		Tipo 3	
		N	%	N	%	N	%
Idade da Vítima	« 20	7	14,3%	1	3,2%	3	5,8%
	21-34	22	<u>44,9%</u>	7	22,6%	12	23,1%
	35-49	12	<u>24,5%</u>	11	<u>35,5%</u>	11	21,2%
	50-64	5	10,2%	9	<u>29,0%</u>	15	<u>28,8%</u>
	»65	3	6,1%	3	9,7%	11	21,2%
Sexo da Vítima	Feminino	9	16,7%	29	<u>93,5%</u>	29	<u>54,7%</u>
	Masculino	45	<u>83,3%</u>	2	6,5%	24	<u>45,3%</u>
Profissão da Vítima	Construção Civil	6	14,0%	0	,0%	2	4,5%
	Desempregado/ Sem ocupação	7	16,3%	9	<u>33,3%</u>	12	<u>27,3%</u>
	Serviços	20	<u>46,5%</u>	13	<u>48,1%</u>	16	<u>36,4%</u>
	Profissões especializadas	4	9,3%	0	,0%	1	2,3%
	Reformado	2	4,7%	3	11,1%	10	22,7%
	Estudante	4	9,3%	2	7,4%	3	6,8%
Estado Civil Vítima	solteiro (a)	27	<u>64,3%</u>	4	14,8%	18	<u>39,1%</u>
	casado (a)	12	28,6%	20	<u>74,1%</u>	20	<u>43,5%</u>
	viúvo(a)	1	2,4%	1	3,7%	6	13,0%
	divorciado(a)	2	4,8%	2	7,4%	2	4,3%
Idade do Agressor	« 20	4	8,3%	1	3,2%	4	7,7%
	21-34	25	<u>52,1%</u>	5	16,1%	13	25,0%
	35-49	12	25,0%	12	<u>38,7%</u>	21	<u>40,4%</u>
	50-64	6	12,5%	7	22,6%	9	17,3%
	»65	1	2,1%	6	19,4%	5	9,6%
Sexo do Agressor	Feminino	1	1,9%	2	6,5%	6	11,3%
	Masculino	52	<u>98,1%</u>	29	<u>93,5%</u>	47	<u>88,7%</u>
Profissão do Agressor	Construção Civil	8	18,6%	4	13,3%	14	<u>29,2%</u>
	Desempregado/ Sem ocupação	11	25,6%	1	3,3%	11	22,9%
	Serviços	17	<u>39,5%</u>	11	<u>36,7%</u>	10	20,8%
	Profissões especializadas	3	7,0%	5	16,7%	5	10,4%
	Reformado	3	7,0%	8	<u>26,7%</u>	2	4,2%
	Estudante	1	2,3%	1	3,3%	6	12,5%
Estado Civil do Agressor	solteiro (a)	32	<u>76,2%</u>	3	11,1%	29	<u>67,4%</u>
	casado (a)	9	21,4%	18	<u>66,7%</u>	10	23,3%
	viúvo(a)	0	,0%	1	3,7%	1	2,3%
	divorciado(a)	1	2,4%	5	18,5%	3	7,0%

Tabela 9

Caracterização dos Clusters (variáveis psicológicas)

		Tipologia					
		Tipo 1		Tipo 2		Tipo 3	
		N	%	N	%	N	%
Antecedentes Psiquiátricos	sim	3	7,3%	6	24,0%	7	15,6%
	não	38	92,7%	19	76,0%	38	84,4%
Diagnóstico	não tem problemas	39	95,1%	19	76,0%	38	84,4%
	depressão	0	,0%	5	20,0%	1	2,2%
	esquizofrenia	1	2,4%	0	,0%	1	2,2%
	sem diagnóstico	1	2,4%	1	4,0%	3	6,7%
	Depressão e mania	0	,0%	0	,0%	1	2,2%
	Psicopatia	0	,0%	0	,0%	1	2,2%
	Consumo de Substâncias	alcoolizado	15	34,1%	4	16,7%	12
	drogado	2	4,5%	0	,0%	4	8,7%
	sóbrio	25	56,8%	18	75,0%	29	63,0%
	sob efeito medicação	1	2,3%	1	4,2%	0	,0%
	alcool e drogas	1	2,3%	1	4,2%	0	,0%
	substância desconhecida	0	,0%	0	,0%	1	2,2%

Tabela 10

Caracterização dos clusters (variáveis jurídico-penais)

		Tipologia					
		Tipo 1		Tipo 2		Tipo 3	
		N	%	N	%	N	%
Antecedentes criminais	sem antecedentes	19	<u>40,4%</u>	23	<u>82,1%</u>	29	<u>64,4%</u>
	pelo mesmo delito	7	14,9%	0	,0%	7	15,6%
	por outros delitos	21	<u>44,7%</u>	5	17,9%	9	20,0%
Tipo de antecedentes	não tem antecedentes	19	<u>47,5%</u>	23	<u>82,1%</u>	31	<u>66,0%</u>
	cheques sem provisão	0	,0%	2	7,1%	0	,0%
	furto	4	<u>10,0%</u>	2	7,1%	2	4,3%
	violência conjugal/ofensas à integridade física	0	,0%	0	,0%	3	6,4%
	furto e violação	1	2,5%	0	,0%	0	,0%
	cheques sem provisão e incêndio	0	,0%	0	,0%	1	2,1%
	burla e tráfico de estupefacientes	0	,0%	1	3,6%	0	,0%
	homicídio	7	<u>17,5%</u>	0	,0%	7	<u>14,9%</u>
	falsificação moeda e tráfico de estupefacientes	0	,0%	0	,0%	0	,0%
	Consumo/Tráfico Droga	6	<u>15,0%</u>	0	,0%	2	4,3%
	Furto e Tráfico Droga	3	7,5%	0	,0%	0	,0%
	Vários antecedentes	0	,0%	0	,0%	1	2,1%
	Características do Agressor	Nervoso/ assustado/ mostra sintomas de retraimento social	19	<u>55,9%</u>	4	<u>80,0%</u>	9
Nega a agressão mesmo confrontado		6	17,6%	0	,0%	9	31,0%
Gaba-se da Agressão/ Indiferente /Desafiante		8	23,5%	1	20,0%	9	<u>31,0%</u>
Outros		1	2,9%	0	,0%	2	<u>6,9%</u>

Representação dos clusters no espaço em análise

Figura 5

Representação dos clusters no espaço em análise

